

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRO-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA – POSGRAD
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

ISRAEL JAIRO SANTOS

A AMEAÇA DO ESTEREÓTIPO EM JOVENS NEGROS NA ESCOLHA
PROFISSIONAL

São Cristóvão - SE
2018

ISRAEL JAIRO SANTOS

**AMEAÇA DO ESTEREÓTIPO EM JOVENS NEGROS NA ESCOLHA
PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe – PPGPSI - UFS como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Orientador: Dalila Xavier de França.

São Cristóvão

2018

COMISSÃO JULGADORA

Dissertação de mestrado do discente **ISRAEL JAIRO SANTOS**, intitulada **AMEAÇA DO ESTEREÓTIPO EM JOVENS NEGROS NA ESCOLHA PROFISSIONAL** defendida em 24/08/2018, avaliada pela banca examinadora formada pelos professores doutores:

Prof.^a Dr.^a Dalila Xavier de França (orientadora)

Prof.^o Dr. Marcus Eugênio Oliveira Lima (avaliador interno)

Prof. Dr. Joilson Pereira Da Silva (avaliador interno)

Prof.^a Dr.^a Sheyla Christine Santos Fernandes (avaliadora externa)

AGRADECIMENTOS

Não tenho outra maneira de começar a falar da minha alegria, gratidão e satisfação por mais uma etapa concluída sem dizer que devolvo a Ele a glória. E tudo o que venha ser aqui escrito pouco representará as muitas ideias e orações embutidas nesta pequena frase: A Ele a Glória! Obrigado, Abbapai!

À minha mãe Maria Alda, por ser esta mãe excepcional. Sou grato pelo seu amor, dedicação, carinho, cuidado, e por sempre ser meu apoio.

À minha esposa Maria Pinheiro pelo companheirismo, torcida, compreensão e pelo amor dedicado a mim. Obrigado por estar sempre comigo. Te amo. E sou grato pela nossa linda surpresa, Bríggia Belina, nossa “tostossinha”. Amo vocês.

À minha grande família, sou muito feliz por tê-los ao meu lado, pela história de amor e cumplicidade que aprendemos a construir ao longo de nossas vidas. Minha tia e mãe Maria do Carmo (in memoriam), meus irmãos Eugênio (in memoriam), Bosco (in memoriam), Raimundo, Cássia, Sil, Suze e Dora. Por último, mas não menos especial que os outros, sou grato a minha irmã Kátia Cristina (in memoriam) pelos últimos aprendizados que me proporcionou no processo de sua partida, ela marcou esta etapa de minha vida.

À minha orientadora, supervisora de estágio e professora Dr^a Dalila Xavier. Muito obrigado pelo conhecimento compartilhado, disponibilidade, orientações, compreensão e incentivo, sobretudo, pelo aprendizado assistemático de profissionalismo, ética e dedicação. Muito obrigado!

Aos professores Marcus Eugênio, André Faro, Joilson Pereira, Daniel Coelho e Diogo Conque que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho e pelo conhecimento compartilhado na sala de aula. Exemplo de professores que inspiram.

Ao grupo de pesquisa Socialização do Preconceito em Crianças sou extremamente grato pelo conhecimento adquirido durante este período e por tudo o que foi vivenciado. Em especial, os amigos graduandos.

Aos amigos pesquisadores do racismo e preconceito Rozélia Santos e Kelly Souza. E aos demais amigos que levarei comigo as boas lembranças das resenhas, ajudas, conquistas, angústias, medos que partilhei com Luana, Andressa, Emília, Beatriz, Laís e Francis. Vocês são demais!

E finalmente, aos meus amigos e irmãos que participaram deste mestrado juntamente comigo na medida em que me ouviram, sentiam minha ausência, entretanto, torciam pelo meu bom desempenho. Vocês, embora não citados individualmente, fazem parte desta conquista também.

Eu também sou vítima de sonhos adiados, de esperanças dilaceradas, mas, apesar disso, eu ainda tenho um sonho, porque a gente não pode desistir da vida.

Martin Luther King

RESUMO

Neste estudo objetivou-se verificar a influência da ameaça dos estereótipos em jovens negros e brancos diante da escolha profissional por profissões de alto e baixo status social. Sabe-se que os estereótipos são ideias compartilhadas a respeito de um grupo e servem para a manutenção da ordem e status quo do grupo dominante (Tajfel, 1981). Segundo a teoria da ameaça do estereótipo quando um indivíduo prestes a realizar uma tarefa em que os estereótipos de seu grupo sejam suscitados antes da realização, o desempenho dele será diminuído, de modo a confirmar a estereotipia do grupo alvo (Steele & Aronson, 1995). E é considerando os estereótipos sobre a ocupação profissional dos negros que se faz necessária a compreensão sobre em qual medida a ameaça aos estereótipos podem explicar a ordem social no qual os negros ocupam as profissões de baixo status. Sendo assim, para a consecução do objetivo citado, realizou-se dois estudos. O estudo 1 analisou a percepção social das ocupações quanto ao status social a elas atribuído e a composição racial destas ocupações. Participaram 253 adolescentes, entre 15 e 21 anos, alunos do ensino médio de três escolas da rede pública em Aracaju. O instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado e os dados analisados através do SPSS. O estudo 2 investigou a influência da ameaça aos estereótipos na escolha profissional de jovens negros e brancos. Dele participaram 265 adolescentes, entre 15 e 24 anos, alunos do ensino médio da rede pública em Aracaju. Foi replicado o modelo da pesquisa de Steele e Aronson (1995), entretanto, no contexto escolar e relacionado às escolhas profissionais quanto ao alto e baixo status. Utilizou-se do modelo quase-experimental, sendo a amostra dividida em 2 grupos: “ameaça” e “de não ameaça”. A ameaça foi manipulada com um texto sobre a composição racial das profissões em função do alto ou baixo status, sendo ele lido apenas para o grupo “ameaça” antes da aplicação do questionário. Os resultados do estudo 1 indicam que os jovens, independentemente da cor de pele, percebem segregação racial das profissões; os jovens negros e brancos atribuem mais aos brancos as profissões de alto status e, quanto maior o status atribuído a ela, menor a quantidade de negros; os jovens negros escolhem mais profissões de alto status do que os brancos. No estudo 2, percebeu-se que os negros do grupo “ameaça” escolheram menos profissões de alto status se comparado aos negros do grupo “de não ameaça”; e os brancos não se diferenciaram quanto a escolha por profissões de alto status nas duas condições experimentais. Concluiu-se a partir dos dados que a realidade de segregação racial das ocupações profissionais ainda é uma barreira social a ser quebrada, pois o contexto reforça estereótipos sociais a respeito do negro; e para os adolescentes negros a ameaça aos estereótipos influencia negativamente na escolha por profissões de alto status, corroborando com a manutenção do status quo do embranquecimento das profissões de alto status social.

Palavras-chave: Ameaça dos estereótipos, escolha profissional, adolescentes-negros.

ABSTRACT

This study aimed to verify the influence of the threat of stereotypes on young blacks and whites in the face of professional choice by professions of high and low social status. It is known that stereotypes are shared ideas about a group and serve to maintain the order and status quo of the dominant group (Tajfel, 1981). And the theory of the threat of stereotype makes explicit that the maintenance of the social order is favored to the extent that at the time of an evaluation, if the stereotypes of the group to which the evaluated one belongs belong, and if such stereotypes are related to the evaluation, threat of confirming the negative stereotype would decrease the subject's performance, confirming the stereotypes about the target group (Steele & Aronson, 1995). In Brazil, stereotypes about the occupation of blacks have been built since slavery, and it is now necessary to understand to what extent the threat to stereotypes can be an explanation for the maintenance of the social order established in this society, blacks occupy the professions of low social status. Thus, in order to achieve this objective, two studies were carried out. Study 1 analyzed the social perception of occupations as to the social status attributed to them and the racial composition of these occupations. A total of 253 adolescents, aged 15-21, participated in high school students from three public schools in Aracaju - Sergipe. The information was collected in a semi structured questionnaire and the data analyzed through the SPSS. Study 2 investigated the influence of the threat to stereotypes on the professional choice of young blacks and whites. From this study, 296 adolescents, aged 15 to 24 years, participated in high school students from three public schools in Aracaju-Sergipe. We sought to replicate the research model of Steele and Aronson (1995), however, in the school context and related to the professional choices of young people regarding the status assigned to them. An almost experimental model was used, in which the threat to the stereotype was manipulated through a text about the reality of the professions by race in Brazil for the "threat group", while the "no threat group" did not go through this procedure. Both groups responded to a semi-structured questionnaire. The results of study 1 indicate that young people, regardless of skin color, perceive racial segregation of the professions; black and white young people attribute higher status professions to whites, and the higher the status attributed to them, the smaller the number of blacks; young black people choose more high status professions than whites. In study 2 it was noticed that young blacks in the stereotype threat tended to choose fewer high status professions compared to non-threatening blacks. Whites did not differ in their choice of high-status professions according to the conditions of threat or no threat to the stereotype. It was concluded from the data that the reality of racial segregation of occupations is still a social barrier to be broken, because the context reinforces social stereotypes about the black; and for black adolescents the threat to stereotypes negatively influences choice by high status professions, corroborating with the maintenance of the status quo of the whitening of professions of high social status.

Keywords: Threat of stereotypes; professional choice; black-adolescents.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Correlação de <i>Pearson</i> da cor autodeclarada (qualitativa); cor autodeclarada (quantitativa) e da hétero classificação (avaliação do entrevistador).	118
---	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Frequência e percentuais da profissão/ocupação dos genitores.....	87
Tabela 2: Teste t <i>student</i> das médias de quanto as profissões são consideradas importantes. Ciências Agrárias; Biológicas e da Saúde; Humanas e Sociais Aplicadas I	92
Tabela 3: Teste t <i>student</i> das médias de quanto as profissões são consideradas importantes. Linguística, Letras e Artes, Ciências Exatas e da Terra; Engenharias e Ciências Humanas.	94
Tabela 4: Percentuais das profissões mais rentáveis e ordem de classificação em graus	96
Tabela 5: Frequência das profissões menos rentáveis e ordem de classificação em graus	97
Tabela 6: Frequência das profissões de alto status social e ordem de classificação em graus	100
Tabela 7: Frequência das profissões que desejam exercer e ordem de classificação em graus	101
Tabela 8: Frequência da composição racial das profissões de alto status social e ordem de classificação em graus	104
Tabela 9: Frequência da composição racial das profissões menos rentáveis na sociedade e ordem de classificação em graus	105
Tabela 10: Frequência da escolha por profissões de alto status social em função da cor de pele	106
Tabela 11: Frequência e percentuais da escolha profissional de jovens negros em função da ameaça aos estereótipos (N= 208; $X^2= 3.414$; gl= 1; p= .065)	120
Tabela 12: Frequência e percentuais da escolha profissional de jovens brancos em função da ameaça aos estereótipos (N= 57; $X^2= 0.143$; gl= 1; p= 0.706)	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A ORIGEM DOS ESTEREÓTIPOS.....	20
1.1 Aspectos constitutivos dos estereótipos	21
1.1.1 Percepção e cognição social	22
1.1.2 Identidade social	24
1.1.3 A categorização.....	25
1.1.4 Os esquemas	27
1.1.5 Crenças.....	29
1.2 Os Estereótipos	30
1.2.1 O conteúdo dos estereótipos.....	33
1.2.2 Os estereótipos servindo as ideologias.....	35
1.3 Para que servem os estereótipos	39
1.3.1 Os estereótipos e suas funções individuais	40
1.3.2 Os estereótipos e suas funções sociais	49
1.4 Conclusões	55
2 A AMEAÇA DOS ESTEREÓTIPOS.....	57
2.1 A história do conceito	59
2.2 Quais grupos experimentam a ameaça dos estereótipos?	63
2.3 Ameaça e a identidade social	68
2.4 Manipulando a ameaça e os processos mediadores da ativação dos estereótipos	75
2.5 Conclusões	81
3 PERCEPÇÕES DOS ADOLESCENTES A RESPEITO DAS OCUPAÇÕES DE ALTO E BAIXO STATUS SOCIAL	84
3.1 Objetivo Geral	84

3.1.1	Objetivos específicos	84
3.2	Hipóteses	85
3.3	Método	85
3.3.1	Amostra.....	85
3.3.2	Procedimentos e instrumentos.....	88
3.3.3	Análise dos dados	89
3.3.4	Aspectos éticos	89
3.4	Resultados.....	90
3.4.1	Percepção dos estudantes sobre o status social atribuído às ocupações profissionais.	90
3.4.2	As profissões mais rentáveis em nossa sociedade.....	95
3.4.3	As profissões menos rentáveis em nossa sociedade.	96
3.4.4	As profissões bem-sucedidas	98
3.4.5	As profissões malsucedidas	98
3.4.6	Quais profissões são de alto status social.....	99
3.4.7	Qual a profissão deseja exercer no futuro.....	100
3.4.8	Conhecimento de segregação racial das ocupações profissionais pelos jovens.....	103
3.4.9	Composições dos grupos raciais que ocupam as profissões de alto e baixo status social	104
3.4.10	Escolha profissional dos jovens em função da cor da pele e do status social da profissão.....	105
3.5	Discussão	107
4	A AMEAÇA DOS ESTEREÓTIPOS EM JOVENS NEGROS NA ESCOLHA PROFISSIONAL	111
4.1	Objetivo Geral	111
4.1.1	Objetivos específicos	112
4.2	Hipóteses	112
4.3	Método	112
4.3.1	Amostra.....	112
4.3.2	Procedimentos e instrumentos.....	114
4.3.3	Análise dos dados	118
4.3.4	Aspectos éticos	118
4.4	Resultados.....	119
4.4.1	A ameaça ao estereótipo e escolha profissional em jovens negros e brancos.....	119
4.5	Discussão	121
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
6	REFERÊNCIAS	142
7	APÊNDICE A	153
8	APÊNDICE B	155

9	APÊNDICE C	161
10	APÊNDICE D	163

INTRODUÇÃO

A equivocada compreensão das diferenças entre os grupos humanos, outrora, estabeleceu a “raça” como uma explicativa científica para a realidade social de dominação e exclusão imposta por um grupo dominante a outros. Naquele tempo os traços físicos eram suficientes para enquadrar o indivíduo em determinada categoria e assim poder serem estabelecidas as potencialidades cognitivas, comportamentais e sociais do sujeito (Barbujani, 2007). Embora o conceito científico de raça já tenha sido refutado, e seu uso tenha assumido um caráter sociopolítico de identificação social e pertencimento a determinado grupo, a dinâmica de dominação de um grupo sobre outro permanece.

Como aspecto intrínseco para a perpetuação da dominação, os grupos se valem dos estereótipos negativos como uma forma de preservar suas ideologias e posição hierárquica (Brown, 2010; Tajfel, 1981; Techio, 2011). E mesmo ao longo do tempo, resistindo aos mais variados avanços sociais da vida moderna, constata-se que os estereótipos raciais, ainda que como resquícios de uma incompreensão histórica a respeito das diferenças entre os grupos humanos, se constituem nas bases que fundamentam as desigualdades étnicas em nossa sociedade.

Ao analisar o processo de construção social do Brasil é constatado que o poder político, ideológico e cultural foi hegemonicamente exercido por apenas um grupo social, composto pelos descendentes dos colonizadores europeus. E à margem deste processo esteve a “raça” negra e, infelizmente, os dados apontam que ainda continua (Barreto, 2015). Entretanto, tal situação não é dada pelo acaso. Há uma forte influência das crenças que são partilhadas socialmente a respeito do grupo dos negros.

O jornalista Lipmann (1922) cunhou ao termo “estereótipos” a compreensão de que eles são imagens mentais que se inter cruzam com a realidade. Essas “imagens” ajudariam ao

indivíduo a compreender a realidade. Portanto, foi atribuída ao estereótipo uma função psicossocial. E ele responde a uma ideia de generalização que é resultado de um processo normal e inevitável de como o sujeito processa as informações (Cabecinhas, 2004). Dito de outra maneira, os estereótipos podem ser compreendidos como uma ideia ou crença que é compartilhada acerca de alguma característica, qualidade, atributo ou traço psicológico, moral ou físico atribuído a um grupo, com base numa infinidade de critérios (Lima & Pereira, 2004a).

Os fatos históricos que compuseram a construção das relações intergrupais das etnias que formaram do povo brasileiro não deixam passar despercebidos a forte presença das crenças e ideias negativas que foram compartilhadas a respeito do negro. Fatos de um contexto que revela que os negros estavam condenados a viver num mundo que não o enxergava como um sujeito, indivíduo, ou quiçá um ser humano. De modo que tais fatos deixaram marcas deletérias (Fernandes, 2007; Carone & Bento, 2002) persistentes e disfarçadas (ver Turra & Venturi, 1995) na dinâmica social da atualidade.

E mesmo percebendo que nas últimas décadas muito se avançou sobre o reconhecimento dos direitos dos grupos minoritários, não se pode entender que a normatização de medidas que visam a democracia racial no Brasil, garantam ao sujeito uma realidade psicossocial confortável; isto porque as leis não contemplam, e nem poderiam abarcar efetiva ação sobre os processos psicossociais que compõe a dinâmica das relações intergrupais. Em outras palavras, a leis normatizam condutas e o comportamento, entretanto, elas não regulam os processos como a estereotipia e nem altera as ideias compartilhadas a respeito dos grupos alvos.

Os estereótipos raciais que foram construídos ao longo da história em nosso país, ao que parece, permanecem vivos, se não nos termos de outrora, ao menos nas novas formas de expressão de preconceito e racismo presente na sociedade brasileira (ver Lima & Vala,

2004a). E tal realidade leva a uma indagação: qual os efeitos dos estereótipos na vida do indivíduo? Ao analisar os efeitos dos estereótipos é possível entender que em certos pontos eles se constituem numa explicação da realidade tal com ela se encontra. Uma vez que eles adquirem a função de profecias autorrealizadoras (Tajfel, 1981).

Uma análise conceitual bastante atual e que tem recebido atenção a respeito dos efeitos dos estereótipos sobre a vida do sujeito é a teoria da ameaça dos estereótipos. Steele e Aronson (1995) postularam que a ameaça do estereótipo ocorre quando o indivíduo está em uma situação em que o estereótipo negativo a respeito do grupo ao qual ele pertence, pode ser aplicado ao seu desempenho; de modo que a preocupação em confirmar ou não o estereótipo faz com ele tenha seu desempenho diminuído. Dito de outra forma, é estar em risco de confirmar como característica própria um estereótipo negativo sobre o grupo ao qual pertence (Quinn, Kallen, & Spencer, 2010).

Sendo assim, num país em que a realidade racial afeta os mais diferentes segmentos da vida social do indivíduo negro, persistindo uma supremacia da classe branca e, durante muito tempo da história houve uma imposição racial do negro a determinados papéis sociais, os estereótipos e os efeitos da ameaça dos estereótipos tendem a ser extremamente limitadores das capacidades dos membros do grupo alvo.

No mundo do trabalho, por exemplo, constata-se a irrelevância da população negra desde o regime escravocrata, e tal irrelevância, na atualidade é percebida através da pequena parcela representativa de negros no quadro das ocupações de profissões de alto status social da população brasileira (Barreto, 2007). Inclusive, aos poucos negros que conseguem vencer a norma de exclusão imposta a seu grupo, permanentemente, são ameaçados pelos estereótipos a respeito da competência de seu grupo.

Em 2015, a jornalista Maria Julia Coutinho, apresentadora de um telejornal de rede nacional, foi vítima de ataques racistas baseadas em crenças compartilhadas socialmente a

respeito dos negros. Tais crenças versavam sobre o lugar do negro que, como deixaram explicitamente claro os agressores, não seria na TV. Este caso recebeu repercussão nacional, teve aderência de várias personalidades midiáticas, entretanto, não podemos entender que a realidade se processe de igual forma nos mais variados contextos sociais em que o negro seja estereotipado e se sinta ameaçado pelos estereótipos. Talvez os estereótipos e a ameaça dos estereótipos sejam rotina para os negros brasileiros que estão e desejam ingressar no mercado de trabalho.

O determinismo racial do trabalho imposto aos negros reforçou ao longo do tempo os estereótipos negativos a respeito da capacidade e desempenho deste grupo. Entretanto, na atualidade a normatização das políticas de cotas para o ingresso no ensino superior garantem ao negro a possibilidade de ascensão social. Sendo possível vencer os limites da falta de oportunidades, e assim poder ingressar no mundo do trabalho com competências que lhe garantam o exercício de atividades de alto status social. Contudo, estaria o jovem negro isento das pressões ambientais que a ameaça dos estereótipos exerce, sobretudo, no que se refere a sua escolha profissional? Quais as aspirações por ocupações profissionais os jovens negros da cidade de Aracaju possuem? Seriam por profissões de alto ou baixo status social? Qual a percepção destes jovens a respeito da segregação racial das ocupações profissionais em Aracaju?

Possivelmente, para o negro ainda seja muito forte o efeito da ameaça do estereótipo sobre seu desempenho no momento da sua escolha profissional. Onde ele ainda enxergue um leque limitado de opções ocupacionais que foram atribuídas a seu grupo social e, conseqüentemente, escolha por profissões com baixo status social. Talvez ainda o negro esteja construindo sua vida profissional limitada às expectativas e limitações estereotipadas de seu grupo de pertença.

Dada tal realidade, este trabalho objetivou investigar a possível interferência da ameaça dos estereótipos em adolescentes negros diante da escolha de sua ocupação profissional. Pois entende-se que o esclarecimento dos aspectos que permeiam a realidade da interferência dos estereótipos na vida do jovem aracajuano é extremamente necessário para colaborar com um retrato atual da dinâmica das relações intergrupais na cidade de Aracaju; podendo servir como dados para possíveis mudanças em políticas públicas no que se refere a construção da identidade profissional do jovem negro; na medida em que a abrangência dos efeitos históricos dos estereótipos dos negros nesta sociedade, sejam conhecidos em seus efeitos. Afim de que o conhecimento mais aprofundado da ameaça do estereótipo possa servir de base para a construção de uma democracia racial plena em nossa cidade, quiçá no Brasil.

Para tal empreendimento, estruturamos o presente trabalho em cinco capítulos. No capítulo I, foram abordados aspectos necessários para a compreensão teórica do fenômeno dos estereótipos sociais. E no capítulo seguinte, foi apresentado o conceito da ameaça dos estereótipos e os estudos em que estão sendo aplicados a teoria de Steele e Aronson (1995).

Os capítulos III e IV apresentam os dados das pesquisas realizadas neste trabalho. Vale salientar que os estudos estão correlacionados em função de dois aspectos importantes, o primeiro com relação a coleta dos dados que tiveram o mesmo campo de coleta, entretanto, participantes diferenciados. E o segundo aspecto trata da construção das variáveis, pois, o estudo I forneceu informações para a construção de variáveis no estudo II.

No capítulo III são apresentados os resultados do estudo descritivo correlacional (Estudo I), que objetivou a investigar a percepção social das ocupações quanto ao status social a elas atribuído e a composição racial destas ocupações. Como citado anteriormente, estes achados contribuíram para o alcance do objetivo geral deste trabalho melhor descrito no capítulo seguinte. Sendo assim, O capítulo IV compreendeu o estudo II, uma pesquisa de modelo quase experimental, na qual foi realizada a aplicação da teoria da ameaça dos

estereótipos com variáveis de cor de pele e escolha profissional em função do alto ou baixo status atribuído a elas. E por fim, no capítulo V, estão registradas as considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO I

A ORIGEM DOS ESTEREÓTIPOS

É datado do início do século passado os primeiros estudos a respeito do fenômeno dos estereótipos, entretanto, foi somente a partir da metade dele que o assunto ganhou destaque entre os cientistas sociais devido a conjuntura histórica, política e, sobretudo por si constituir no cerne para os estudos sobre o preconceito. Embora este fenômeno tenha se constituído como objeto de estudo da psicologia social, é sabido que a compreensão sobre muitos fenômenos sociais estudados na atualidade não se limita as distinções estabelecidas pelos campos de estudos predefinidos das disciplinas.

O estereótipo, por exemplo, é um fenômeno que sinaliza a necessidade da transversalidade disciplinar para uma melhor clareza sobre ele, pois, a sua compreensão perpassa a ideia do sujeito na condição intraindividual exposto a interação social. Portanto, ao abordar a complexidade deste fenômeno, é necessário retomar discussões da psicologia cognitiva, sobretudo, para não incorrer no erro de ser reducionista quanto a explicação deste fenômeno social (Lima & Pereira, 2004).

Estereotipar um indivíduo é atribuir a ele características que são partilhadas socialmente entre os membros do grupo ou categoria específica. O estereótipo é uma inferência sobre uma atribuição de uma pessoa em determinada categoria particular (Brown, 2010; McCauley, Stitt, & Segal, 1980; Taylor, 1981, McGarty, Yzerbyt, & Spears, 2002). Se o estereótipo se trata de uma conclusão dedutiva sobre atributos a indivíduos, variando conforme sua categoria ou grupo, desta dinâmica faz emergir questionamentos sobre quais os construtos que estão envolvidos ou precedem a estereotipia? Quais os aspectos cognitivos que compõe o entendimento sobre este fenômeno? E vislumbrando os aspectos sociais fica a inquietação de entender: de onde surgem os estereótipos? Como eles se processam, e mesmo,

quais os efeitos dele na vida do indivíduo? As afetações em decorrência dele e as possíveis interferências nas interações intergrupais serão tratados a partir das explicações para uma maior compreensão sobre este fenômeno.

1.1 Aspectos constitutivos dos estereótipos

Um dos pioneiros no modelo de proposta interdisciplinar para a compreensão de um fenômeno social foi Kurt Lewin (1890 - 1947). Ele foi um grande expoente da psicologia social de elevado destaque nos estudos experimentais em grupos. Seus experimentos tinham um caráter correlacional, pois neles foram analisados os processos, conteúdos e estados psicológicos do indivíduo para a compreensão do grupo, estabelecendo uma interface da psicologia cognitiva e social na sua pesquisa (Krüger, 2004). Em perspectiva semelhante, a condução dos estudos sobre os estereótipos, perpassa pela compreensão e discussão de alguns aspectos cognitivos que compõe fenômeno social em questão.

Desse modo, a aproximação da psicologia social com teorias da psicologia cognitiva se justifica pelo fato de que o cognitivismo enfatiza os processos que podem ser explicados mediante a análise de uma mente individual, e em contrapartida, para a psicologia social, este aspecto cognitivista se revela numa perspectiva intraindividual do comportamento social, no qual se evidencia os estereótipos (Krüger, 2013; Krueger, 1988). Conforme afirmou Mendonça e Lima (2014) da necessidade de reconhecimento das limitações das teorias psicossociais, numa tentativa de buscar um saber que complemente de forma mais consistente e abrangente um determinado fenômeno que lhes seja comum, mesmo existindo as diferenças teóricas.

Por conseguinte, as explicações sobre a percepção social, cognição social, a identidade social, categorizações, os esquemas, as crenças e o impacto delas sobre o indivíduo e os grupos humanos se constituiriam nos aspectos cognitivos dos estereótipos.

1.1.1 Percepção e cognição social

A percepção é um importante aspecto que constitui a compreensão cognitiva acerca do processo da estereotipagem. E refere-se a toda experiência sensorial do indivíduo que é transmitida à consciência, de modo que é a partir das possíveis afetações decorrentes desta transmissão de estímulos que são construídas as representações mentais do sujeito (Krüger, 2004).

Um aspecto importante da investigação sobre a percepção é o fato de que ao analisá-la não há como negligenciar as limitações psicológicas do indivíduo observador; pois elas estão correlacionadas aos aspectos da personalidade, motivações e atitudes de cada indivíduo, o que resultará na percepção de diferentes realidades, se analisada por diferentes indivíduos, como afirmaram Fiske e Taylor (1998). Krüger (2004) sintetiza: uma determinada realidade, só afetará o indivíduo, se for percebida por ele.

Entretanto, a manifestação da percepção, a construção da ideia de realidade individual, corriqueiramente sofre interferência das interações estabelecidas entre os indivíduos. E esta interseção de realidades remete a um conceito apresentado em vários estudos de como a percepção está presente no processo de estereotipia (Krüger, 2004; McGarty, Yzerbyt & Spears, 2002; Tajfel, 1981; Techio, 2011). Sendo ela um importante processo que interferiria no processamento das atitudes, motivações, sensações dos sujeitos enquanto membros pertencentes a grupos.

Nas últimas décadas, um construto tem ganhado grande destaque dentro da psicologia social, vindo a ser abordado em vários manuais e se constituindo em uma das principais orientações teóricas desta disciplina, a cognição social. Segundo Garrido, Azevedo e Palma (2011) a cognição social busca a compreensão de como os indivíduos percebem a si próprios e como percebem os outros, e sobretudo, como esta percepção pode explicar os atos, julgamentos, previsões e influenciar o comportamento social do sujeito. Para Troccolli (2011) a cognição social pode ser entendida como a compreensão obtida pelo sujeito sobre qualquer aspecto social humano, seja sobre si próprio, seja sobre o indivíduo, seja sobre um papel social, grupos ou mesmo instituições. De forma que “as cognições sociais envolvem formas de explicação sobre algum evento ou circunstâncias em que o sujeito está envolvido, desse modo, toda cognição social é compartilhada pelos grupos sociais” (Mendonça & Lima, 2011, p. 197).

Para Fiske e Taylor (1984) a cognição social é o modo como o sujeito percebe a si próprio e aos outros. A ideia da cognição social está relacionada a construção individual, entretanto, podendo vir a ser influenciada por aspectos sociais, da consciência de quem o indivíduo é, segundo a percepção que ele tem de si, de quem ele acredita ser, ou mesmo o papel social que ele deva cumprir, de como ele percebe os outros indivíduos e a realidade a sua volta. Enfim, o indivíduo, significa a sua existência social. Já Krüger (2004) considera a cognição social, portanto, como um sistema de processos e conteúdos mentais inter-relacionados que exercem influência sobre as tomadas de decisões, comportamentos e valores dos indivíduos.

A compreensão conceitual da cognição social remete à ideia do indivíduo como um ator social; que é afetado por fatores internos e externos, uma vez que os indivíduos estariam interligados em sociedade (Vala, 1993). Por outro lado, paralelamente ao conhecimento que o sujeito tem de si, do outro e de seu lugar social, vai sendo forjada à compreensão da cognição

social, a necessidade de pertença grupal e relações sociais, que irão ser aspectos importantes da identificação social do indivíduo Dórea (2015). Esta identificação foi denominada por Tajfel (1978) de identidade social e que segundo ele, norteia e orienta as ações coletivas.

McGarty et al. (2002) expuseram uma ideia bastante importante na qual eles defendem que os indivíduos e os grupos são aspectos centrais para a compreensão da sociedade. Concebendo que não há sociedade sem indivíduos, e em consequência, sem a percepção dos indivíduos de que pertencem a um grupo, partilham atributos, valores, características, e crenças com outros indivíduos, o que se chama de sociedade não teria esta dinâmica e nem esta forma. Esta interdependência conceitual apresentada por McGarty et al. (2002) remete a questionamentos a respeito de como é o indivíduo percebe a si próprio enquanto membro de um grupo? Como esta realidade interfere na percepção do sujeito a respeito do outro, de suas ações, em suas predileções, comportamentos, enfim, quais as implicações disto?

1.1.2 Identidade social

Tajfel e Turner (1978) definiram a identidade social como uma parcela do autoconceito do indivíduo que provém da consciência dele de pertencimento a um grupo ou vários grupos sociais. E que nesta consciência de seu pertencimento está implicada uma série de significados e valores emocionais construídos pelo sujeito. Sendo assim, a percepção que o indivíduo tem de si e dos outros, do seu pertencimento a um determinado grupo, a consciência de valores e atributos que lhe são familiares ou não, acabam por constituir a noção de seu lugar social e o grupo ao qual pertence. E ainda pode-se ressaltar que o sentimento de pertencimento terá importância nos processos de diferenciação e, sequencialmente, à exclusão

do diferente (Deschamps & Moliner, 2009; Hall, 2009). Sendo estes aspectos subjacentes a manifestação dos estereótipos.

Poder-se-ia pensar que o esclarecimento sobre os aspectos da cognição e da identidade social do indivíduo seriam suficientes para a compreensão dos estereótipos. Contudo, outros aspectos cognitivos são constitutivos deste processo. Como se processa o aprendizado social? Como é estabelecido o conhecimento nos indivíduos e como eles estão relacionados aos estereótipos? Quais as possíveis interferências que possam ocorrer neste processo? Estas questões podem ser esclarecidas a partir do discernimento de como as estruturas mentais, tais como, categorias, os esquemas e as crenças são participantes na aquisição e organização do conhecimento. Pois são as estruturas mentais as responsáveis pela criação de expectativas sobre o mundo físico e social, criando os modelos preconcebidos, os quais servirão de suporte para o sujeito tentar adequar a realidade ao que já está posto cognitivamente. (Lima & Pereira, 2004).

1.1.3 A categorização

O termo categorização, segundo Sawaia (2004) apresenta dois sentidos, um deles se limita a uma classificação ou divisão social. Por exemplo, categorizar as pessoas de acordo com sua idade: crianças e jovens. E o outro sentido é o de atribuir característica a alguém. Assim, a existência de uma relação entre estes dois sentidos está na atribuição de uma série de características a determinados objetos para assim poder estabelecer uma classe que seja identificada por estes atributos comuns.

A categorização social pode ser entendida como um processo cognitivo no qual as características ou atributos dos objetos sociais são diferenciados e agrupados de modo que

seja possível distinguir os atores sociais individualmente ou quando agrupados (McGarty et al., 2002; Allport, 1954; Campbell, 1956; Bruner, 1957). Assim, o processo de categorização se define pelo empenho do enquadramento de uma realidade percebida à uma representação mental já armazenada, ou seja, a uma categoria. Neste processo está envolvida a aplicação de rótulos verbais por parte dos sujeitos a objetos presentes no mundo físico, mental ou social (Rothbart & Taylor, 1992).

Conforme Pereira (2013) a categorização social ocorre na circunstância em que o sujeito deixa de ser visto de forma individual e passa a ser percebido como parte integrante de uma totalidade, seja na perspectiva da modalidade dos atributos físicos, a exemplo, a cor de pele, gênero, idade; ou as mais diversas modalidades possíveis, tais como, condição social, religiosa, econômica. Lembrando que estes aspectos também se constituem no conteúdo das estereotipias que será abordado posteriormente.

Para Tajfel (1981) o funcionamento cognitivo por categorias ajuda o indivíduo no processo de adaptação da realidade cotidiana na qual ele está inserido. E a categorização de qualquer aspecto do meio social ou físico é baseada no estabelecimento de critérios que sirvam para distinguir os agrupamentos em atendimento as noções de semelhanças e diferença entre eles.

A categorização, processo que Bruner (1957) classificou como natural do homem, apresenta como consequências diretas a diferenciação intercategoria e a assimilação intracategoria. Ao compreender a ação da diferenciação intercategoria que contribui para a identificação do grupo, juntamente com a assimilação intracategoria que favorece o reconhecimento de semelhanças entre os indivíduos do grupo de pertença, corroboram com uma visão do indivíduo como uma extensão do grupo ao qual ele pertence, o que segundo Campbell (1958) se constituirá numa potencial fonte da estereotipia.

De fato, a percepção das características ajuda o sujeito a fazer a distinção entre os indivíduos e os grupos. Contudo, quando acrescido teor valorativo as referidas características, as categorizações tenderão a desempenhar uma função no processo da estereotipagem. Ou seja, é o caráter valorativo associado aos atributos que são a base da diferenciação entre os grupos que passam a se constituir integrantes do processo de estereotipia como conclui Tajfel (1981).

Tal relação de necessidade da compreensão do processo de categorização para a clareza sobre as estereotipias é amplamente partilhado entre os psicólogos sociais que analisam o fenômeno. Pois há um consenso, a partir da teoria de Tajfel (1981) de que a categorização dá origem ao estereótipo. Visto que é a partir da capacidade de discriminar e agrupar os indivíduos e grupos pelas suas semelhanças e diferenças que são elaboradas uma série de crenças, esquemas e julgamentos a respeito dos grupos. De modo que estas crenças, esquemas e julgamentos também serão estendidos aos seus membros do grupo, de igual forma, constituindo-se assim, nas mais variadas estereotipias sociais.

Por fim, entende-se que a consequência natural do processo da categorização pode estabelecer uma percepção a respeito dos sujeitos pertencentes a determinado grupo como sendo ele uniforme em suas ações, crenças, intenções e comportamento. (Tajfel, 1981). Este discernimento é tão marcante que chega a causar uma afetação no sujeito a tal ponto, dele mesmo se apropriar de determinados atributos imputados ao grupo apenas por se perceber integrante de uma determinada categoria. (Sawaia, 2004).

1.1.4 Os esquemas

A naturalidade cognitiva de percepção, cognição, identificação e categorização tende a se estabelecer como um conhecimento do sujeito a respeito do seu ambiente. Há dentro da psicologia social o discernimento de que os esquemas são estruturas cognitivas complexas que representam o conhecimento de determinado indivíduo sobre um conceito ou classe de estímulo, atributos e as relações entre eles (Fiske & Taylor, 1984). Outra compreensão apresentada por Augostinos e Walker (1996) foi a de que os "esquemas são como estruturas mentais constituídas de conhecimentos e expectativas gerais em relação ao mundo" (p.32).

Um aspecto importante apresentado por Krüger (2004) foi que os esquemas seriam estruturas que participam do processo de percepção, influenciando de tal modo que o produto desta interação passa a ser conteúdo fixo da mente. O qual será habitualmente recorrido para interpretar a realidade perceptiva do indivíduo. Krüger (2004) ainda sugere que há uma necessidade processual dos esquemas para a decodificação perceptiva do sujeito.

E que quando os esquemas são integrados à memória exercem influência sobre o pensamento, raciocínio e imaginação do indivíduo. De modo que, se forem os esquemas mentais entendidos como estruturas abstratas dos conhecimentos armazenados na memória, que são construídos por meio de crenças, aprendizagens e experiências, conclui-se, portanto, que os esquemas se diferenciam de várias formas. Por exemplo, quanto às estruturas mentais relacionadas aos papéis sociais do indivíduo, elas podem se constituir num modelo de expectativas de desempenho para determinado grupo (Bzuneck, 1991; Krüger, 2013; Lordêlo & Dazzani, 2009).

Techio (2011) afirmou que os esquemas são os responsáveis pelo processamento da informação percebida pelo indivíduo de modo a ativar nele estruturas correspondentes. Em outras palavras, a percepção de um fato ou objeto social, ativará os esquemas mentais correspondentes a ele. E mesmo numa situação em que poucas informações sejam percebidas pelo sujeito, o esquema correspondente será ativado. Isso porque sobre esta ativação dos

esquemas, não se pode negligenciar as variáveis intervenientes presentes neste processo, tais como as crenças, motivações, emoções.

E mesmo que a realidade seja empobrecida de estímulos, apenas poucas informações já serão suficientes para que o sujeito passe a iniciar um processo de dedução, simplificando a realidade e até mesmo maximizando as expectativas quanto ao alvo. É deste modo que o indivíduo operacionaliza a sua realidade predizendo ou esperando determinados comportamentos do outro, apenas pelo conhecimento do seu estereótipo (Techio, 2011).

Um aspecto que está relacionado ao processamento dos esquemas e a dinâmica de investigação da mente é o conceito de crença. Que segundo Kruger (2013) são representações mentais, ou qualquer afirmativa feita por algum indivíduo, construída com base na experiência própria e, se relacionam aos processos cognitivos, afetivos, motivacionais e conativos de um modo geral.

É a partir desta compreensão de que os esquemas são fontes cognitivas que estruturam o conhecimento construído a partir de experiências e expectativas com relação ao mundo, que se começa a desenhar a percepção teórica sobre o estereótipo, que nada mais são do que esquemas que representam os traços ou atributos comuns aos membros de um grupo, classe ou estrato social (Lima & Pereira, 2004).

1.1.5 Crenças

Ao analisar o conceito de crença, facilmente pode se inferir que se elas são constituídas pelas experiências pessoais, elas podem se referir a aspectos exclusivamente particulares ou mesmo podem ser compartilhadas. Como por exemplo, as crenças partilhadas

a respeito dos negros dentro da sociedade, em outras palavras, os estereótipos a respeito desse grupo.

As crenças, por serem formadas a partir de conclusões, da percepção, da experiência ou do entendimento pessoal sobre determinada realidade são altamente suscetíveis às interferências dos aspectos constitutivos do sujeito, tais como a personalidade, a motivação, a atenção, cognição e até mesmo os aspectos fisiológicos. De modo que elas nem sempre são verdadeiras, ou melhor, elas não têm obrigatoriedade de serem verdadeiras (Krüger, 2004).

Conforme o ritmo em que as crenças se estabelecem e vão se consolidando ao nível cognitivo do sujeito, vão sendo atribuídas a elas, graus de confiabilidade subjetiva, passando assim, a se relacionarem com outras crenças anteriormente já estabelecidas e tornando-se cada vez mais num conhecimento cristalizado, fixo na mente a respeito de determinado estímulo social. De modo que esta dinâmica é evidenciada na forma como as estereotipias sociais se demonstram em conhecimento prévio e/ou expectativas do sujeito em relação a determinado indivíduo ou grupo, da forma como ele é percebido. As crenças que se possui sobre os grupos influenciarão na percepção individual dos membros (Techio, 2011). A conceituação sobre os estereótipos está intimamente ligada ao conceito de crenças (Mendonça & Lima, 2014).

1.2 Os Estereótipos

O termo “estereótipo” com um significado social foi usado pela primeira vez pelo jornalista político Walter Lipmann (1922). Este termo originalmente derivou de um aspecto da tecnologia do processo de impressão gráfica na qual através de um molde duplicava os padrões ou mesmo imagens de uma página. Daí a inspiração para a definição feita por Lipmann (1922) para os estereótipos como "imagens na cabeça", representações do meio

social que ajudam na simplificação da realidade complexa dos fenômenos sociais (Brown, 2010; Lippmann, 1922).

Da perspectiva apresentada por Lipmann (1922) a respeito dos estereótipos pode-se inferir que ela traduz o fenômeno como um esquema ou crença que servirá de base e orientação para o indivíduo compreender uma dada realidade percebida. Coadunando com esta compreensão, Hamilton e Toiler (1986) afirmaram que os estereótipos são estruturas cognitivas que são formadas por nossos conhecimentos e expectativas que influenciam nos julgamentos e tomadas de decisões do sujeito acerca dos grupos e de seus membros. E estes julgamentos possuem grande amplitude, perfazendo toda a compreensão de vida social do sujeito, e podendo ser relacionados ao gênero, aparência física, "raça", origem social, interesses, metas, papéis sociais e profissionais, nacionalidade e outro.

As “imagens na cabeça” podem explicar porque atributos são associados e, facilmente evocados a memória, ao citar um determinado grupo, categoria ou mesmo indivíduo. Ao pensar em grandes grupos, por exemplo, as referidas “imagens” se constituem de características que parecem ser próprias de cada nacionalidade em função da amplitude do compartilhamento da ideia sobre determinado grupo alvo. Esta realidade perceptiva de que existiriam atributos que identificavam os indivíduos de acordo com sua nacionalidade desde 1922 tem embasado os estudos sobre a compreensão das relações intergrupais. E é sobre o processo de construção das “imagens na cabeça” que se alicerçam uma série de esclarecimentos sobre as expectativas, julgamentos, ações e reações que explicam a dinâmica de preconceito e discriminação existente entre os grupos (Tajfel, 1981).

Há um fato relevante para a compreensão sobre a origem dos estereótipos é saber que as “imagens na cabeça” são um produto social (Fiske, 1998; Tajfel, 1981). E elas surgem e se configuram a partir do processo de socialização no qual o indivíduo está inserido, das aprendizagens realizadas ao longo da vida social do sujeito, a partir das maneiras

institucionalmente reconhecidas, a exemplo da escola, da família, bem como pelos variados meios de comunicação de massa que também cumprem o papel de agentes da socialização a exemplo, revistas, jornais, rádio, televisão, internet, etc (França, 2013). De modo que as “imagens” são reproduzidas pelo indivíduo a ponto de se constituírem como conteúdo fixo na mente. (Allport, 1954; Brown, 2010).

Allport (1954) apresentou uma perspectiva sobre a compreensão dos estereótipos a partir de elementos socioculturais. Trazendo a percepção de que a continuidade deles, a resistência ao tempo não era um fato ao acaso. A socialização está a serviço da continuidade desta dinâmica. Ao despontarem nos estudos sobre os estereótipos étnicos raciais, Katz e Braly (1993) entendiam os estereótipos como crenças que seriam compartilhadas e transmitidas socialmente, de modo que a partilha e consenso social destas crenças justificava a relação entre grupos sociais. Em seu estudo, realizado com estudantes da universidade de Princeton, ele solicitou para que cada indivíduo atribuisse uma característica predefinida em uma determinada lista, a um determinado grupo ao qual, o observador acreditasse ser aquele atributo típico daquele grupo. E como resultado, chamou a atenção a prevalência e o consenso de atributos negativos com relação aos negros.

Posteriormente, Gilbert, (1951) e Karlins, Coffman, e Walters, (1969) ao replicarem o estudo, constataram uma estabilidade no endosso central dos estereótipos a respeito dos grupos com sensíveis mudanças. Contudo, no estudo de Karlins et al. (1969) a mudança ficou marcada pela queda na atribuição de estereótipos negativos em relação aos negros. Porém para esta diminuição Brown (2010) apresenta a ideia da desejabilidade social de enquadramento às normas antirracistas já difundidas na sociedade americana no período pós-guerras.

Apesar dos estereótipos possuírem uma explicação de suas origens ligadas a aspectos da realidade social, nem de longe se pode esperar que os estereótipos, descrevam

objetivamente uma verdade em relação ao grupo. E sim, que os padrões culturais de comportamento serão associados a circunstâncias socioeconômicas e poderão fornecer, ou se constituir em informações eliciadoras de uma percepção estereotipada em relação ao grupo alvo. Sugerindo outra compreensão sobre a origem dos estereótipos (Brown, 2010).

Imaginemos um grupo étnico de determinada cultura que ocupa uma posição social economicamente desfavorável, com níveis salariais reduzidos, baixa escolaridade, péssimas condições de moradia dentre outras faltas. As condições sociais em que este suposto grupo étnico se encontra, embasariam todo o processo de estereotipia dele. E assim, incorporado um aspecto de “verdade” ao estereótipo. A perspectiva de que os estereótipos possuem “um quê” de verdade, uma espécie de semente, grão que realmente justifique o processo de estereotipagem foi apresentada nos estudos de Allport (1954) e Brewer e Campbell (1976).

Sabe-se que o interesse da psicologia social está na valência, na operação e na mutabilidade dos estereótipos, e ao contrário do que possa ser entendido, a psicologia social não se interessa pela confirmação da veracidade ou não da estereotipia. Isto porque são as consequências do pensamento estereotipado do observador e do alvo que interferirão na representação mental do grupo, que agirá sobre os julgamentos sociais e sobre o comportamento, bem mais do que a simples constatação de sua veracidade ou não (Fiske, 1998).

1.2.1 O conteúdo dos estereótipos

A partir da concepção dos estereótipos como crenças ou representações cognitivas de uma realidade que fora simplificada no momento de sua percepção, e que dão sentido as interações intergrupais, abarcam uma série de característica do indivíduo, que podem se

referir a aspectos do fenótipo, interesses, papéis sociais, profissionais, de gênero, sexuais, formação política, étnicos raciais, idade e assim por diante. Contudo, o conteúdo dos estereótipos não se limita aos atributos individuais. Há neles uma peculiaridade de compartilhamento de traços de personalidade, emoções, afetividade e cognições entre os membros do grupo (Lima & Pereira, 2004). Pois para Techio (2011) um princípio básico sempre estará presente no que se refere a conteúdo dos estereótipos: “a identificação comum que represente ou diferencie as categorias sociais” (Techio, 2011, p. 39).

O estudo de Katz e Braly (1933) se tornou um clássico dos estudos sobre a temática do conteúdo dos estereótipos quando nele foi construída uma tabela dos atributos que pertenceriam aos grupos étnicos na percepção de universitários. Assim como os estudos de Gilbert (1951) e Karlins et al. (1969) apresentaram uma característica deste conteúdo: a sua constância e estabilidade quanto aos traços percebidos ao longo do tempo, aspecto presente também no estudo de Fiske, Cuddy, Glick e Xu (2002).

O conteúdo dos estereótipos é produzido a partir das interferências sociais que se efetivam nas formas como se estruturam as relações sociais dos grupos. Em outras palavras, de como a configuração da dinâmica de dominação social, que para manter-se ativa, precisará de grupos que assumam o papel dominante e de dominado, associada ao conceito de status quo grupal se tornam preditores da formação dos conteúdos da estereotipia (Fiske, Xu, Cuddy, & Glick, 1999).

Em suma, é a partir da construção das interações intergrupais que a percepção de um traço e, a atribuição valorativa positiva ou negativa vão modelando a realidade social compartilhada entre os grupos. E estabelecendo qual o conteúdo será aplicado para estereotipar o grupo dominado e o dominante, mantendo relação de interdependência cooperada e de exploração (Techio, 2004).

1.2.2 Os estereótipos servindo as ideologias

Sob a compreensão da teoria das relações intergrupais apresentada por Tajfel (1981) um aspecto deste fenômeno é bastante peculiar. Para ele os estereótipos se relacionavam com uma ideologia que justificaria o *status quo* de determinado grupo social. É fato que os grupos estabelecem entre si uma hierarquia dentro da sociedade, seja de poder, seja pela forma econômica, seja por privilégios; os grupos se sobrepõem uns aos outros. E se referir aos grupos minoritários com estereótipos negativos ajudam numa racionalização do sistema social. Apoiando-se o grupo dominante numa posição privilegiada (Devine & Sherman, 1992). Se tornando assim os estereótipos enraizados nas relações sociais entre os grupos (Tajfel, 1981).

Ao estereotipar os negros como “preguiçosos” e “supersticiosos”, conforme apresentaram os resultados dos estudos de Katz e Braly (1993) e Gilbert (1951), essas atribuições negativas serviam para explicar a posição da estratificação social na qual os negros estavam. Em outras palavras, os atributos dados tinham a função de manter na posição privilegiada do sistema social vigente aquela época os grupos dominantes; racionalizando a ordem social vigente. Numa outra perspectiva, analisando os processos de construção dos estereótipos de gêneros quanto aos papéis sociais, em seus resultados Eagly e Steffen (1984), bem como Hoffman e Hurst (1990) confirmaram a perspectiva da ideologia social sendo usada para justificar as estereotipias. Endossando, portanto, a compreensão apresentada por Oakes, Haslam e Tuner (1994) que definia os estereótipos como um o conjunto de atributos que caracterizam os membros de um grupo social.

Ao analisar outros aspectos do processo da estereotipagem, Hamilton e Gifford (1976) apresentaram uma perspectiva cognitivista sobre este fenômeno que se constitui numa outra

fonte para o processo da estereotipagem. A correlação ilusória, como uma particularidade psicológica natural do sujeito, evidenciando um aspecto perceptual do indivíduo que dispensa maior destaque ao recordar com facilidade os eventos que acontecem com raridade do que aos fatos que são do cotidiano, conforme comprovam os estudos de Hamilton e Gifford (1976), havendo uma transversalidade categorial sobre os aspectos da percepção perfazem uma perspectiva que comprova uma outra origem para os estereótipos.

A correlação ilusória, em outras palavras, aborda o fato de como as coisas menos comuns atraem mais a atenção e memória do indivíduo de modo a vir a ser mais facilmente evocadas, bem mais do que os acontecimentos quotidianos quando relacionados a tendência natural da mente humana em estabelecer relação entre duas variáveis quando não existe nenhuma relação real entre elas. A correlação ilusória é percebida no processo de estereotipia negativa aos grupos minoritários (Brown, 2010).

O estudo pioneiro a respeito da correlação ilusória foram os Em seus estudos Hamilton e Gifford (1976) ao exercerem uma exposição controlada de uma gama de atributos desejáveis e indesejáveis socialmente associadas a grupos distintos (A e B), sendo o grupo B, o grupo menor quantitativamente; observou nos resultados que houve uma correlação por parte do observador em atribuir mais características desejáveis socialmente ao grupo maior, e lembrou com maior facilidade dos atributos negativos do grupo menor. Evidenciando que há correlação ilusória entre o tamanho do grupo e o tipo de comportamento, concluindo, portanto, como a estereotipia é firmada nos comportamentos negativos das minorias.

Achados semelhante foram encontrados nos estudos de Shavitt, Sanbonmatsu, Smittipatana e Posavac (1999) que num grupo de universitários investigaram os efeitos da consistência da avaliação e a diferença de quantidade na formação grupal como propiciador das correlações ilusórias. E constataram que há uma maior propensão de formações ilusórias

quando a diferença na quantidade de informação que descreve a maioria é superior as dos grupos minoritários.

Num país de maioria étnica branca, por exemplo, haverá uma maior dificuldade em recordar de um episódio em que o branco fosse protagonistas, e ao seu contrário, haveria facilidade em se recordar de um comportamento antissocial emitido por um negro. Em outras palavras, as pessoas tendem a ignorar o que contradizem o que elas acreditam e, prestam mais atenção aos comportamentos que confirmam o que elas querem acreditar.

Por fim, outra explicação que apresenta uma gênese para a estereotipagem, conforme apresentou Allport (1954), seria a entitatividade. A existência de outros aspectos perceptuais da atenção que se relacionados com o processo de categorização darão uma nova perspectiva sobre a origem para estereótipos: o reconhecimento de um traço comum aos membros do grupo, a entitatividade (Allport, 1954; Brown, 2010). O sujeito é visto como uma extensão de seu grupo e a categorização social vai além da percepção de homogeneidade do grupo, não se limita apenas as características físicas de seus membros; nesta perspectiva existirá uma falsa crença no observador de que o grupo ao qual ele categoriza, seus membros possuem uma estrutura profunda que lhes diferenciam dos demais (Pereira, Álvaro & Dantas, 2011; Pereira, Modesto & Matos, 2012).

Noutra perspectiva os argumentos de Rotbarth e Taylor (1992) apresentam um aspecto intrínseco da categorização, a “naturalização” dos atributos categoriais dos grupos. E segundo Lima e Vala (2004b) a “naturalização” de um traço se estabelece num limiar que diferencia o preconceito do racismo, e neste limiar se é possível perceber a importância dos estereótipos para a compreensão da realidade das relações intergrupais. Em outras palavras, nos grupos, de modo geral, é partilhada a crença da existência de que certos atributos são “inatos”, “naturais” de seus membros.

Um traço, ou um atributo pode se estabelecer numa origem para os estereótipos na medida em que o sujeito passa a ver o conjunto de pessoas como uma entidade, e os membros deste grupo como a própria extensão do grupo. O atributo é elevado a uma percepção de “naturalidade”, de algo que fosse constitutivo daquele grupo, subjacente a existência de todos os membros do grupo (Yzerbyt, Corneille, & Estrada, 2001). A compreensão dos estereótipos como uma entidade, um traço “natural” de um determinado grupo, corresponde a uma perspectiva do observador a enxergar o indivíduo de forma não dissociada do grupo, de modo que o grau de identificação do atributo percebido será em elevado grau.

Nos pequenos grupos, por exemplo, a família ou grupos de trabalho, a entitatividade é elevada. Pois há um alto grau de intensidade com o que um determinado atributo é visto como sendo natural daquele grupo e seus membros percebidos de modo uniforme pelo observador (Brown, 2010).

Habitualmente, o traço que é visto como característico do grupo, também é percebido como uma habilidade ou atributo aprendido. Em uma categoria social, por exemplo, ao se pensar nos enfermeiros, eles podem ser vistos como pessoas dóceis, prestativas e, possuem uma habilidade natural em cuidar do outro. Em outros casos, o “traço natural” pode ser mais preciso e com informações biológicas, por exemplo, o racismo. Pois durante muito tempo acreditou-se, e ainda há pessoas que acreditam, que existe há algo no sangue ou na genética que determina a posição subalterna dos negros na relação aos brancos, sendo os negros considerados inferiores e desprezíveis (Brown, 2010; Rodrigues, 2010).

A história das relações intergrupais em nosso país, a exemplo da ideologia que imperava no período da escravidão com a teoria do determinismo biológico (Ver Rodrigues, 2010 para uma revisão), está para comprovar o quanto as crenças essencialistas a respeito dos grupos e de seus membros foram prejudiciais na medida em que deram origem a diversas estereotipias a partir da percepção entitativa dos negros. Conclui-se, portanto, que os

estereótipos se constituem na base cognitiva do preconceito Tajfel (1981) e reforçam a compreensão de que os estereótipos, de modo geral, são classificações negativas preconcebidas e consequentemente, tendem a atos discriminatórios que se evidenciam em situações de um tratamento injusto a um indivíduo que pertença a determinado grupo social, ou mesmo contra o grupo propriamente dito.

Em suma, os estereótipos possuem diversos aspetos que explicam suas origens, que de modo genérico, são resultados de análises que entendem as relações intergrupais a partir dos atravessamentos da dinâmica social, dos aspectos cognitivos do sujeito e do grupo ao qual ele pertence; conforme Tajfel (1969) afirmou que os estereótipos não seriam uma produção individual do sujeito, mas estariam ligados a valores sociais, inseridos em uma determinada conjuntura como produto das relações entre os grupos; como resultados da interação entre o contexto e o papel de adaptação dos indivíduos ao meio social. E é sobre a perspectiva do contexto social e da adaptação do sujeito que será abordado outro aspecto constitutivo que abarca a total compreensão dos estereótipos: a sua funcionalidade. Para que eles servem?

1.3 Para que servem os estereótipos

Considerando-se as origens dos estereótipos, alguns questionamentos a respeito de sua utilidade social logo emergem pela necessidade de compreendê-los. Quais seriam, por exemplo, os efeitos dos estereótipos? Quais as funções que eles desempenham dentro da conjuntura social? E é na busca por esclarecimento destes questionamentos que várias teorias que relacionam as expectativas do mundo social e do preconceito que se encontram as funcionalidades do fenômeno da estereotipia. E estas funções transitam entre aspectos

psicológicos e contextuais como preditores para o aumento e diminuição do uso dos estereótipos (Brown, 2010).

Vimos que a cognição, percepção, esquemas e crenças se constituem em participantes do processo da estereotipia. Contudo, a ação de efetivação do processo não se encerra a nível psicológico. E são sobre as consequências comportamentais que se manifestam as maiores implicações sociais do fenômeno em questão. De modo geral, a utilidade da estereotipia facilita a ação do sujeito na medida em que todos os construtos integrantes deste processo contribuem como experiências norteadoras da ação individual sobre a realidade social, em outras palavras, a ação é influenciada, um resultado de um conhecimento prévio. E é sobre esta compreensão que são problematizadas as funções dos estereótipos no contexto social.

1.3.1 Os estereótipos e suas funções individuais

Uma vez que o estereótipo esteja estabelecido, ele exercerá alguns efeitos sobre a vida do indivíduo. E a maioria destes efeitos ocorre na mente dos sujeitos. Entretanto, se faz necessário analisar os fatores psicológicos e contextuais que favorecerão ou inibirão a ação deles na vida cotidiana. Nesta perspectiva, a vasta literatura que aborda as variadas utilidades práticas da estereotipia aponta para algumas funções específicas que o processo de estereotipia desempenhará na vida do sujeito e, de como se processam estas interferências, sobretudo, o modo como estas interferências agem no comportamento da pessoa. Vindo a se constituir em realidades estereotipadas em que os:

- a) Estereótipos interferem nas expectativas e no julgamento dos outros

Para Brown (2010) os estereótipos, sejam eles negativos ou positivos, são uma associação do indivíduo com a uma categoria social por meio de determinadas características.

As associações descritas pelo autor, na perspectiva de entender os estereótipos como esquemas cognitivos responsáveis pelo processamento da informação destaca um aspecto bastante funcional dos estereótipos. Eles agem sobre as expectativas do indivíduo, determinando o que é possível esperar em situações específicas. Por exemplo, ao dispor de informações sobre uma mulher é possível conjecturar a qual categoria ela seria associada, e consequentemente estereotipada, como uma “feminista”, se os atributos fossem de dominante, assertiva e revolucionária, ou uma “dona de casa” se os atributos fossem de tradicional, amistosa, simpática (Techio, 2011). De modo a vir a funcionar os estereótipos como expectativa a respeito do alvo.

Para Kunda, Sinclair, e Griffin, (1997) uma mesma característica pode desencadear comportamentos diferenciados a depender do grupo ao qual o membro está associado. Neste estudo, com base em informações individuais sobre a reação a um evento provocador, a resposta de agressão seria a mesma por parte de um trabalhador da construção civil e de um advogado. Porém, ao questionar um grupo de participantes, houve uma propensão em rotular o comportamento do trabalhador da construção civil como agressivo, e do advogado esperou-se uma reação mais dialogada, discutida. Esses estudos mostram que os estereótipos afetam as previsões sobre o comportamento relacionado a traços de uma pessoa.

Já o estudo de Darley e Cross (1983) analisam como os estereótipos podem interferir no julgamento social. Nesse estudo foi apresentado um mesmo filme sobre uma criança a grupos distintos e, acrescentado a informação de que a criança pertenceria a uma classe de alto poder econômico; e ao outro grupo, foi dada a informação que a criança integrava uma baixa classe social. Embora a classe social não tenha relação com a capacidade cognitiva da criança, entretanto, os participantes, ao serem solicitados para inferirem sobre o desempenho da criança, associaram as suas expectativas de acordo com a informação de pertencimento a determinada classe social.

No grupo ao qual foi dada a informação de que a criança pertencia a alta classe socioeconômica, a avaliação a respeito de seu desempenho foi superestimada, ao contrário da avaliação do grupo que recebeu a informação de que a criança pertenceria a uma baixa classe social. Diante dos dados Darley e Cross (1983) concluíram que os estereótipos não criam certezas, e sim, hipóteses sobre o indivíduo estereotipado. E que o uso dos estereótipos não é de forma indiscriminada ou impensada. O uso deles serve como hipóteses prévias para que se possa posteriormente, buscar informações.

Infere-se, portanto, que os estereótipos apresentam a funcionalidade de serem “hipóteses” sobre o mundo social. E podem vir a ser um problema na medida em que as pessoas não seguem a ideia científica, estabelecer as “hipóteses” como sentenças suscetíveis de experimentação e teste, conforme Popper (1963) concluiu como sendo a característica da ação científica. Pelo contrário, no senso comum, ao invés de tentar falsear as “hipóteses” os indivíduos buscam informações que irão confirmá-las (ver Snyder & Swan, 1978).

b) Os estereótipos como profecia autorrealizadora e como proteção do “eu”

Existe um aspecto que se aproxima da compreensão da função dos estereótipos como “hipóteses” e que se constitui numa outra função para a estereotipia, que segundo (Allport, 1954; Tajfel, 1981) os estereótipos também funcionariam como profecia autorrealizadora. Os indivíduos diante dos estereótipos que lhe são imputados socialmente passam a adotar o comportamento e internalizar os atributos que lhe foram observados. Efetuando, assim a realização do que outrora fora estereotipado a respeito dele. Em outras palavras: a expectativa de um sujeito sobre o comportamento de outro pode influenciar a ponto de que esta última se comporte de acordo com o que é esperado dela. "Alguém profetiza um evento, e a expectativa do evento muda o comportamento de quem fez a profecia de tal modo que torna a profecia mais provável" (Rosenthal, 1966, pág. 196).

No estudo de Snyder e Swann (1978) foi dito aos participantes que eles realizariam uma entrevista e deveriam identificar traços nos indivíduos entrevistados por eles. Também foi acrescentada a informação de que um dos entrevistados seria extrovertido e um introvertido. E os entrevistadores (que na verdade era o grupo que estava sendo analisado) deveriam através de uma série de questões que eles dispunham, identificar os sujeitos e os respectivos traços de personalidade. As “hipóteses” a respeito dos entrevistados fizeram com as perguntas que eram escolhidas, confirmassem a teoria de que primeiro se estabeleceria a estereotipia e depois aconteceria a busca de informações para confirmar os estereótipos. E ao longo do estudo, e sobre o controle do experimentador, foi observado que os sujeitos que estavam sendo entrevistados estavam incorporando os aspectos da personalidade (introvertida ou extrovertida) a qual eles representavam no experimento. Confirmando o que diz a teoria de que as expectativas modelam o comportamento do indivíduo que passa a confirmar as expectativas que lhes são imputadas.

A função dos estereótipos como profecia autorrealizadora foi abordada em situações de ambiente educacional pioneiramente por Rosenthal e Jacobson (1968). Eles evidenciaram que as expectativas positivas do professor com relação a determinados alunos influenciaram no crescimento intelectual desses alunos. Resultados semelhantes foram obtidos por Britto e Lomonaco (1983) particularmente em relação a criatividade dos alunos.

Segundo a Teoria das relações intergrupais, a compreensão dos estereótipos com a função de profecia autorrealizadora proporciona uma visão atomista das relações intergrupais no tocante aos aspectos étnico-raciais da sociedade na medida em que levanta a discussão de que a comprovação da estereotipia é muitas vezes uma resposta às expectativas do sujeito estereotipado.

Outra função de caráter individual apresentada na teoria das relações intergrupais é que os estereótipos ajudam na defesa dos valores individuais do sujeito. Para Tajfel (1981),

estando os estereótipos presentes no processo de categorização, e sendo a construção das categorias um processo que está carregado de valores sociais, os autoestereótipos, tenderão a possuir valoração positiva, reforçando assim, uma identidade social positiva a respeito de si.

A partir da perspectiva dos estereótipos ajudando na defesa dos valores individuais, infere-se que o processo da estereotipia não é apenas cognitivamente funcional, há nele uma interferência motivacional, que conforme Brown (2010) concluiu, opera de modo a proteger o ego de uma possível crítica, ou mesmo, como um alimentador, um reforçador com elogios. O prisma de que os estereótipos funcionam como proteção do “eu”, segundo Tajfel (1981), serviria para que o sujeito estabelecesse segurança quanto a seu lugar social a partir da proteção que a estereotipia do outro garantiria sua estabilidade.

Sinclair e Kunda (1999) expuseram participantes canadenses ao feedback positivo e/ou negativo sobre o desempenho de habilidades interpessoais em determinada tarefa. O feedback era dado por alguém que se apresentava como médico, esta profissão foi escolhida por se tratar em uma atividade de alto status social dentro daquela sociedade. Nos casos em que o feedback positivo era dado por um médico negro, os participantes o recebiam com facilidade, ao contrário quando o feedback era negativo, e automaticamente era ativado o estereótipo do “negro”. E sequencialmente, ao participarem de um evento de decisão lexical no qual deveriam identificar se as letras formavam palavras compreensíveis ou não, nos casos em que o feedback do médico negro foi positivo, observou-se uma maior inferência de palavras estereotípicas com relação a etnia negra.

A proteção do “eu”, portanto, apresenta outro ângulo do processo da estereotipia que está além do que é cognitivamente processado. Se fundamentando em outros aspectos que validam a sua aplicabilidade nos mais variados contextos sociais, pois garantem uma estabilidade social e emocional ao observador (Brown, 2010; Tajfel, 1981).

c) Simplificação da realidade

Segundo Fiske e Taylor (1984) quanto aos aspectos individuais dos estereótipos, ele teorizou que uma função específica deles seria a economia cognitiva. E função ajudaria na ordenação e categorização das experiências do indivíduo. Este recurso proporcionaria ao indivíduo uma simplificação da realidade social percebida, reduzindo esforços mentais para o processamento, e automatizando suas respostas aos estímulos recebidos (Devine, 1989; Fiske & Taylor, 1984; Techio, 2011). A principal característica dos estereótipos é a redução da complexidade do ambiente social (Semin, 1994).

Em decorrência da teoria das relações intergrupais de Tajfel (1981), há na atualidade um consenso teórico sobre a função dos estereótipos de explicar a realidade percebida no ambiente de modo mais simplificado, pois o indivíduo economiza tempo e esforço ao enquadrar o que é percebido a algum esquema, ou crença pré-concebida. A ideia do estereotipo como uma economia de energia, já estava presente na compreensão apresentada por Allport (1954) quando ele afirmava que os estereótipos tendem a generalização. O sujeito ao enxergar o outro como membro de um grupo, está economizando energia na medida em que ele descarta todas as outras informações diversificadas que constituem o indivíduo e passa a enxergá-lo como parte de uma uniformidade grupal na qual exista uma percepção de uniformidade de ações e atributos.

McGarty (1999) afirmou que as pessoas, individualmente, são limitadas na execução de suas tarefas cognitivas. Em contrapartida, a realidade é plural, as informações são múltiplas, e porque não dizer, são ilimitadas em alguns casos, e cabe a este sujeito limitado em seus aspectos de processamento das informações elaborar esta complexa realidade. De modo que a complexidade das informações ambientais faz com que o indivíduo escolha atalhos cognitivos de modo a vir a simplificar a realidade de estímulos. Porém, muitas vezes este atalho cognitivo tem um caráter errôneo ou uma visão muito limitada da realidade.

Tomando como base a definição de McGarty (1999) é possível entender como as cognições sociais, os esquemas e crenças que estão ativados na cognição dos observadores interferem no processo de simplificação da realidade percebida. Ao se tratar da percepção de uma pessoa com alguma deficiência física, por exemplo, de como a experiência prévia daquele observador, faz com que ele simplifique a realidade e estabeleça um estereótipo sobre o indivíduo deficiente, baseado nos esquemas e crenças sobre aquela realidade, os quais muitas vezes se constituem em estereótipos sociais muito bem estabelecidos, a exemplo da incapacidade, baixo desempenho e outros mais.

Os estereótipos estão se constituindo num florescente campo de estudo na psicologia social porque eles são a forma de representação onde a cognição defeituosa atinge seu ponto mais negativo (McGarty et al., 2002). Entretanto, os estereótipos também possuem uma função benéfica segundo Brown (2010). Os estereótipos podem ser úteis na medida em que permitem a percepção de algumas coisas mais facilmente, liberando recursos cognitivos para que seja possível se concentrar em outras informações (ver Macrae et al., 1994a; Macrae et al. 1994b, para uma revisão).

d) Automatizam a realidade

Um caráter bastante discutido sobre os aspectos cognitivos dos estereótipos é quanto a sua automaticidade. Lembrando que a abordagem cognitivista a respeito dos estereótipos o enxerga como uma consequência imediata do processo de categorização e muitas vezes inevitável. Pois o sistema perceptivo humano estaria adaptado a selecionar estímulos do ambiente. De modo que, apenas uma única característica seria suficiente para disparar o processo de estereotipia (Fiske & Taylor, 1984). Infere-se que a perspectiva cognitivista sobre o processo da estereotipia o enquadra como resultado de um processo do qual os sujeitos não tem consciência e nem controle. Assim, o que define e caracteriza o processo da

automaticidade é a sua execução sem que haja intenção consciente do indivíduo (Lima & Vala, 2004a).

Lima e Vala (2004a) ao levantarem os aspectos da compreensão cognitivista sobre os estereótipos problematizaram um aspecto muito pertinente. De que o fenômeno do preconceito, então, ocorreria em nível automático, mais ou menos inevitável, involuntário Devine (1989). Vários são os estudos que investigam este caráter cognitivo dos estereótipos e de um modo geral eles são sempre associados a manifestação comportamental do preconceito, pois parte do princípio de que o preconceito estará sempre presente na vida do indivíduo, a nível inconsciente (Devine, 1989). Sobretudo porque os estudos sobre a automaticidade se desenvolveram na análise do processo de atribuição de estereótipos a brancos e negros.

Os aspectos cognitivos da automaticidade foram apresentados inicialmente no estudo de Gaertner e McGlaughlin (1983) que em condições controladas, apresentaram aos participantes uma sequência de palavras (com lógica e palavras sem sentido algum) nas quais os participantes teriam a decisão lexical avaliada e, posteriormente emparelhada com aspectos raciais. Dentre as palavras que faziam sentido, algumas delas eram atributos positivos e outras, negativos, que foram apresentadas com o objetivo de avaliar o tempo em que seria feita as possíveis correlações na hora de se evocar as palavras e associá-las a indivíduos de cor de pele branca e negra. E como resultado, o tempo de resposta para associar os atributos positivos aos brancos foi menor do que quando foi associado ao negro.

Os estudos que averiguam a automaticidade no processo da estereotipia estão sempre relacionados a dinâmica das relações intergrupais entre negros e brancos. O experimento de Payne (2001) por exemplo, consistia em identificar qual era o instrumento que estava sobre a posse um homem branco e um negro. O instrumento poderia ser um alicate, furadeira elétrica ou uma arma. Como procedimento, antes da imagem na qual seria realizado o julgamento, era apresentada a imagem de um homem negro ou branco, na qual o testando era instruído a

desconsiderar a imagem, pois tinha sido um erro do percurso. E como resultado, ao grupo em que a imagem do homem negro foi apresentada antes do teste, com a desculpa de ter sido um evento accidental, o tempo de reação de resposta quando se tratava de um homem negro foi diminuído e seguido por mais erros, totalmente o oposto do que foi encontrado como resultado do grupo ao que foi apresentada a figura de um homem branco antes da testagem.

Outros estudos como o de Correll et al. (2002) que investigou a decisão de tiro realizado com jogo eletrônico que retratava uma resposta automática de tiro ao reconhecimento do alvo como perigoso ou não. Analisando as informações étnicas que se fizeram presentes no jogo, os resultados demonstraram que o tempo de tiro era menor quando se tratava de alvos negros.

Semelhantemente, Poderoso (2018) investigou a decisão de tiro dos policiais em suspeitos armados e desarmados em função da cor de pele, e constatou que os policiais têm tendência a atirar mais rapidamente e com mais precisão em suspeitos armados negros do que em brancos, bem como a decisão mais rápida em não atirar em suspeitos desarmados de cor branca do que negra. Desse modo, em decorrência dos achados do processo da automaticidade dos estereótipos, fica a incerteza se associações automáticas causam uma percepção equivocada na hora de fazer um julgamento, ou se elas interferem no controle de respostas.

Devine, Hamilton e Ostrom (1994) apresentaram um aspecto muito importante quanto a aplicação dos esquemas na automaticidade da ativação dos estereótipos. E que os atos e ações em decorrência desta ativação são coerentes com os esquemas mobilizados, em outras palavras, para cada esquema ativado haverá uma ação adequada, para cada realidade percebida, um esquema pertinente será ativado, uma simplificação do meio social. Apenas a ativação do esquema era necessária para incorrer numa resposta que atendessem ao que já estava estruturado cognitivamente no indivíduo. Deste modo, Devine et al. (1994) apresentam

uma explicação de que as ações dos indivíduos são involuntárias, a levam em consideração o que socialmente é partilhado a respeito de outros indivíduos e/ou grupos.

1.3.2 Os estereótipos e suas funções sociais

Ao analisar o processo da estereotipia em seus aspectos sociais, percebe-se que na compreensão da dinâmica intergrupar se encontrará várias outras funcionalidades para os estereótipos que os mantêm vivos e validam sua permanência social. Ao buscar a compreensão dos porquês de os estereótipos serem tão presentes e prejudiciais na realidade da relação intergrupar, a literatura apresenta uma série de fatos que assumem funções específicas dentro do processo e explicam de modo preciso a realidade social, a partir do entendimento de que:

a) Os estereótipos explicam a realidade e causalidade social

Com destaque para as características das funções sociais que os estereótipos apresentam na teoria das relações intergrupais. Tajfel (1981) afirmou que os estereótipos desempenham o papel de explicação da realidade e produzem uma causalidade social. Pois desempenham uma necessidade de explicar, sobretudo, a realidade social que se mostra complexa com atributos negativos. Em outras palavras, os estereótipos clarificam a realidade social para o indivíduo, de modo que ele venha a acreditar que o uso deles seja algo autoexplicativo, que se encerre em si mesmo ou, favorecem uma naturalização de um traço que seja percebido como característico do grupo, colaborando com uma explicação do ordenamento social instaurado.

Fatos ocorridos ao longo da história ocidental baseados nos estereótipos dos grupos são exemplos da aplicabilidade da teoria que os estereótipos explicam a realidade. No Brasil, por exemplo, os estereótipos dos negros justificavam a necessidade de branqueamento da população para assim, o país poder “progredir” (ver Carone & Bento, 2002 para uma revisão). Com dinâmica semelhante, a estereotipia antissemita instaurada na Alemanha serviu para justificar a realidade econômica e política daquele país e assim foram "legitimadas" as ações desumanas que foram aplicadas para corrigir o problema social naquele período. Visto que “os estereótipos servem para justificar as ações contra os exogrupos” (Techio, 2011, p. 33).

Um aspecto subjacente a respeito da explicação dos estereótipos como justificativas sociais é a percepção a respeito dos grupos, pois ela é decisiva para que as pessoas possam compreender o mundo social, conforme argumentou McGarty et al. (2002). Isto porque a percepção se constitui num aspecto essencial, embora, nem sempre seja dada tal notoriedade no contexto cotidiano.

Pode parecer uma sentença muito óbvia afirmar que os indivíduos e os grupos são aspectos centrais para a compreensão do conceito de sociedade, pois não há discussões teóricas sobre a existência de uma sociedade sem indivíduos. E, por dedução, conclui-se que não haveria sociedade se não houvesse a capacidade do indivíduo se reconhecer pertencente a grupos; se ele não percebesse a partilha existente de atributos, valores, características, e crenças com outros indivíduos. Sem estas capacidades, como afirmou McGarty et al. (2002) o que se chama de sociedade não teria a dinâmica e nem a forma que se é compreendida na atualidade. E as referidas capacidades acabam por integrar as explicações para a realidade social dos indivíduos.

- b) Eles contribuem para a diferenciação social

Uma outra função dos estereótipos sociais é a diferenciação social. Os estereótipos ajudam o indivíduo a identificar o grupo ao qual ele pertence. Entende-se como processo de diferenciação a capacidade de distinguir positivamente o seu grupo quando comparado com o grupo-do-outro. Visto que os estereótipos possuem em sua origem a ideologia que favorecerá a manutenção do status quo de um grupo dominante sobre o outro (Brown, 2010; Tajfel 1981; Techio, 2011).

O processo de diferenciação abordado na teoria das relações intergrupais caracteriza como se dá as relações existentes e explicam por meio dos aspectos cognitivos quais são os fatores que influenciam o comportamento com relação aos grupos de um modo geral. Os atributos do grupo ao qual o observador é membro, o “endogrupo”, serão sempre classificados como traços positivos. Já os atributos que caracterizam o grupo do outro, o “exogrupo”, serão classificados como negativos. Pois, conforme Oakes et al. (1994) argumentaram, os estereótipos são formados para acentuar as diferenças entre os grupos e servem para dar sentido a realidade do observador.

A perspectiva de que o observador supervaloriza os atributos positivos a respeito do grupo ao qual pertence, e minimiza os atributos negativos que venha a perceber em seu grupo, é totalmente invertida quando se trata da percepção a respeito do “grupo-dos-outros” que terá sempre maximizado os atributos negativos, e desvalorizados os traços percebidos como positivos. E esta dinâmica se torna naturalizada, ou mesmo num mecanismo facilitador do preconceito e discriminação como afirmou Tajfel (1981).

Coadunando com o pensamento de Tajfel (1969), McGarty et al. (2002) acrescentou a necessidade de que os estereótipos sociais fossem partilhados para que tivessem alguma validade. Imagine se cada indivíduo tivesse um estereótipo diferente para determinado grupo, como se poderia chegar a uma previsão do comportamento dos indivíduos pertencentes a este grupo?

McGarty et al. (2002) teorizou que os porquês do compartilhamento, ou a forma como se processa o consenso sobre determinados atributos a respeito dos grupos estão embasadas num ambiente comum que proporcionaria estímulos comuns a pessoas diferentes, partindo daí estereotipias similares. Isto porque os grupos compartilham conhecimento, ideologias, representações culturais e ideológicas produzidas consensualmente pelo coletivo de indivíduos. Sendo toda esta realidade acrescida da ação volitiva e da dupla afetação da influência entre os membros do grupo.

O estereótipo, portanto, é partilhado dentro de uma afiliação social comum, e passa a funcionar como em critério de divisão em grupos próprios e grupos-dos-outros, de modo que as tradições, os aspectos culturais, os interesses de grupos, as perturbações sociais e diferenciações venham a ser sentidas como um sentimento comum.

Em outras palavras, a compreensão sobre o processo de compartilhamento das estereotipias nos grupos é dada pelo argumento de que elas são crenças normativas, as quais se estabelecem como meio de diferenciação entre os grupos; e por meio da influência social, estas crenças normativas se estabelecem num modelo de ação comportamental no que se refere a dinâmica de interação intergrupar (McGarty et al., 2002, McGarty, 1999).

Vários são os estudos experimentais que abordam a temática da acentuação das semelhanças existentes dentro de uma mesma categoria e das diferenças entre elas. De modo que as diferenças se constituem na base de sérios problemas quando são da ordem das percepções e dos comportamentos intergrupais. Pois a tendência natural de se compreender os aspectos do grupo ao qual o indivíduo faça parte se opõe a desqualificação do grupo que lhe é diferente. A diferença do exogrupo sempre será maximizada. Este processo é possível pela necessidade do indivíduo de pertencimento social, fazendo com o que ele se engaje e se implique com o grupo ao qual pertence, investindo nele a sua própria identidade.

c) Eles influenciam a percepção das pessoas

Uma das funções individuais da estereotipia refere-se a aplicação dos estereótipos como “hipóteses” a respeito do mundo social. Esta função sugere uma outra compreensão a respeito da aplicabilidade social dos estereótipos: Os estereótipos influenciam a percepção do indivíduo sobre os eventos sociais (Tajfel, 1981). Em outras palavras, os estereótipos interferem na maneira como será percebida e interpretada as ações dos indivíduos que pertencem aos grupos alvos da estereotipia.

O modo como o indivíduo enxerga, percebe e interpreta o outro, os grupos e os eventos sociais são altamente influenciados pelo grupo ao qual pertence o observador. Pois “haveria uma tendência para selecionar e interpretar as informações que dispomos sobre os indivíduos e grupos de maneira congruente com o que nós pensamos da categoria na qual nós as colocamos” (Sawaia, 2004, p. 60). E em decorrência desta avaliação é que são constituídas as bases de atitudes preconceituosas, ora segregadoras e discriminatórias (Tajfel, 1981).

Em uma situação hipotética, num contexto inter-racial, como interpretaria um sujeito de cor de pele branca uma cena ao avistar um negro correndo em uma rua com pouca iluminação e empurrando um indivíduo? Se tratava de um ato agressivo ou um empurrão amigável? Era uma brincadeira ou um possível assalto? Como poderia ser explicado o comportamento do indivíduo que deu um empurrão? Seria por conta de fatores internos, ou por questões situacionais? As questões levantadas são analisadas pela teoria da atribuição, pois ela busca estabelecer relações entre os estereótipos e a forma como eles influenciam a percepção e julgamentos dos observadores sobre um fato social e lhe atribui um significado a partir da estereotipia social do grupo ao qual o observado pertence.

Em seu experimento Duncan (1976) apresentou aos participantes um vídeo em que um alvo negro protagonizava uma cena na qual empurrava outro indivíduo, de igual modo, a cena foi gravada com um indivíduo branco sendo o protagonista da ação. Os participantes tiveram

acesso a apenas um dos vídeos com a cena em que o protagonista era um homem branco, ou a cena em que o protagonista era um homem negro. Como resultado do experimento, foi observado que 90% julgaram a cena como violenta, e a ação como agressiva quando o protagonista do vídeo era um homem negro. E tenderam a atribuir a causa do comportamento a um fator interno do protagonista. Porém, quanto a cena em que o protagonista era um homem branco, menos de 40% classificou como violento ou agressivo o empurrão. E atribuiu a causa do empurrão a causas situacionais.

Assim, os estereótipos podem ser a base explicativa para o fato de que pessoas de grupos diferentes possuam diferentes explicações para um mesmo fato social. E de como a estereotipia pode enviesar a percepção quando se trata da interpretação de um comportamento praticado por algum membro do exogrupo. Pois no julgamento dos comportamentos dos membros do exogrupo, o observador dirá: “Eles são assim!”. Como se houvesse uma naturalidade, um traço genético que caracterizasse aquele grupo. Entretanto, o mesmo comportamento quando proveniente de algum membro do endogrupo, sempre terá uma justificativa externa, situacional: “Isto aconteceu por causa daquele fator” ou lembrando do exemplo anterior, o observador relataria: “Alguma coisa provocou o branco a ponto de empurrar alguém”.

Portanto, os estereótipos desempenham um importante papel no processo de atribuição de sentido aos vários fatos da vida social do sujeito observador. Que passará a compreender a sua realidade a partir das estereotipias compartilhadas a respeito do alvo e podendo ele construir interpretações diferenciadas para um mesmo evento apenas pela disposição estereotipada do sujeito protagonista.

1.4 Conclusões

Em síntese, os estereótipos se constituem em informações que são compartilhadas socialmente a respeito dos indivíduos e grupos, de modo que são formados a partir de uma inferência sobre determinado atributo do sujeito que lhe é estabelecido uma categoria particular. Os estereótipos são produtos das interações cognitivas dos indivíduos com o mundo social, do sujeito individual numa realidade interindividual.

Dos aspectos cognitivos, entende-se que a percepção social, a cognição social, os esquemas, as crenças e a categorização são constitutivos da compreensão sobre o processo de estereotipia. Pois estes carregam informações adquiridas ao longo do desenvolvimento psicossocial do sujeito. De modo que, ao estar a realidade do meio social ordenada, em uma futura situação em que exija do observador uma compreensão da realidade, o juízo que será empregado tomará como base toda a experiência cognitiva do sujeito, ou em outras palavras, todo o conhecimento prévio já arquivado. E consequentemente, as “imagens da cabeça”, definição apresentada por Lippman (1922) para os estereótipos, guiarão as ações comportamentais do indivíduo, quer elas sejam de caráter individual ou coletivo.

Os estereótipos possuem suas origens em causas individuais e sociais que mantêm uma dinâmica de retroalimentação para a manutenção destes por várias necessidades dos indivíduos e dos grupos. Eles se originam e se perpetuam dentro da sociedade a partir do processo de socialização, surgem de ideologias que mantenham uma dinâmica hierárquica entre os grupos, e assim possam servir como justificativas para o ordenamento social.

Geralmente, eles retratam um julgamento particularizado dos sujeitos e grupos a partir de vários atravessamentos individuais e sociais, que perpassam desde funções egóicas até mesmo explicações da realidade e causalidade do mundo social. Conforme afirmou Brown

(2010) em qualquer contexto em que as categorias sociais sejam psicologicamente disponíveis, os estereótipos estarão em cena.

A complexidade dos estímulos do mundo social faz que os estereótipos sejam facilmente ativados por uma função adaptativa de economia cognitiva do sujeito. Podendo ela se constituir numa das causas organicista deste fenômeno que propiciaria a sua ativação; partindo do ponto da premissa que eles ajudam no processamento da realidade percebida, podendo até mesmo ser ativados de forma automática.

O processo de estereotipia se constitui muitas vezes num equívoco cognitivo, que leva o indivíduo a adotar uma série de comportamentos que evidenciam uma realidade discriminatória e preconceituosa baseada em crenças sociais que são compartilhadas dentro de uma sociedade, e a elas são atreladas uma série de valores na dinâmica estabelecida para as relações intergrupais. Contudo, a ação deles não se limita aos aspectos da realidade social. Os estereótipos interferem na percepção da imagem que o indivíduo terá de si próprio; e criará nele, uma imagem que poderá vir a ser confirmada ou não.

Motivados pelos aspectos limitadores que os estereótipos podem perpetrar sobre os indivíduos e os grupos diversos estudos analisam os mais variados contextos em que as aplicações e consequências dos estereótipos influenciam a realidade social do sujeito, alterando sua motivação, perspectiva, identidade, percepção, autoconceito e até mesmo no seu desempenho, nos mais variados aspectos: intelectual, moral e físico. Contudo, estes aspectos serão aprofundados no próximo capítulo onde abordaremos como se processa a limitação do indivíduo em determinado contexto social, ou como a condição de ameaça em que possa vir a ser confirmada uma estereotipia favorece a mantê-la a percepção estereotipada a respeito de si e de seu grupo.

CAPITULO II

A AMEAÇA DOS ESTEREÓTIPOS.

A interferência dos estereótipos na vida social e individual do sujeito é indiscutível (Brown 2010; Picho & Brown 2011). A partir da vasta literatura sobre a temática pode-se sintetizar que os estudos buscam aferir o grau da interferência dos estereótipos na vida dos sujeitos, as consequências e as causas deles a nível individual e social. Sobretudo, porque os estereótipos possuem ação eficaz sobre as expectativas e julgamentos sociais. (ver capítulo I).

A face cognitiva dos estereótipos faz entendê-lo como um resultado de uma realidade percebida que é associada a esquemas e, conseqüentemente, resulta em inferências com relação ao indivíduo ou grupo alvo (Krüger, 2004; Tajfel, 1981; Techio, 2011), de modo a favorecer uma distorção da realidade (Moya, 1999). Contudo, se, os estereótipos em si já possuem esta ação potencializada de distorção da realidade, num contexto em que haja a possibilidade futura da confirmação de um estereótipo negativo, qual seria a amplitude e impacto desta ameaça para o sujeito?

A ameaça dos estereótipos é uma teoria que compreende as formas e dimensões do impacto dos estereótipos na cognição do sujeito ameaçado. Esta teoria pode ser definida a partir da compreensão de que ela se processa em um contexto psicossocial que surge a partir de estereótipos negativos compartilhados a respeito de um grupo; ao qual o sujeito membro, perceba que na execução de uma determinada tarefa, cujo estereótipo negativo tenha significância para realização dela, se desenhe uma possibilidade dele confirmar o estereótipo a respeito de seu grupo e, conseqüentemente, confirmar como característica individual a estereotipia negativa de seu grupo. De modo que diante da percepção desta realidade situacional, a teoria pontua que o sujeito terá seu desempenho na tarefa comprometido e o resultado diminuído (Steele & Aronson, 1995).

Em outras palavras, a teoria postula que o desempenho na realização de uma determinada tarefa num cenário social será significativamente diminuído no indivíduo que

pertença a determinado grupo em que os estereótipos negativos tenham relação com a execução da tarefa e, quando eles forem submetidos a situação ameaçadora em que suponham que o seu rendimento será analisado por crenças estereotipadas a respeito de seu grupo (Wout, Shih, Jackson & Sellers, 2009; Silva & Pereira, 2009; Steele, 1997). Dito de outra maneira, a ameaça do estereótipo é um fenômeno psicológico que rebaixa o desempenho dos indivíduos quando há possibilidade de confirmação de estereótipos negativos a respeito de seu grupo estejam por ser confirmadas em razão da realidade que lhe é apresentada (Picho & Brow, 2011; Murphy & Taylor, 2012; Lewis & Sekaquaptewa, 2016). Enfim, este conceito circunscreve a instabilidade e preocupação que surge no indivíduo na hora de confirmar um estereótipo negativo a respeito do seu grupo de pertencimento.

Imagine que um jovem X, considerado pelos seus professores como um aluno de desempenho escolar excelente, disciplinado, aplicado e, durante toda a sua vida acadêmica tenha frequentado uma escola da rede pública de ensino de sua cidade. Entretanto, os estereótipos negativos compartilhados a respeito dos alunos que frequentavam a mesma escola que “X” eram de alunos despreparados, semialfabetizados, pouco inteligentes. Certo dia, o jovem “X” e outros alunos se preparam para realizar uma prova idealizada pela secretaria de educação de sua cidade. Momentos antes da aplicação da prova, o jovem “X” fica sabendo por meio do aplicador que todos os outros alunos que estavam presentes na sala eram provenientes da rede particular de ensino de sua cidade, cujos estereótipos não possuíam nenhuma relação com o desempenho acadêmico; o aplicador faz uma breve apresentação de cada aluno, informando de qual unidade de ensino cada participante pertencia. E ainda acrescenta a informação de que a prova objetiva uma avaliação do nível de inteligência dos candidatos.

Ciente das estereotipias a respeito da escola a qual ele pertencia, quais efeitos que a informação sobre o objetivo da tarefa poderia eliciar no jovem “X”? De certo, os estereótipos

tornam-se indispensáveis ao indivíduo. Visto que eles ajudam na compreensão do mundo social, e constroem a realidade cognitiva do sujeito (Brown, 2010). Entretanto, ao analisar o papel dos estereótipos nas relações intergrupais, surge o questionamento quanto as consequências dos estereótipos na vida dos indivíduos e grupos: Como os estereótipos podem interferir diretamente no mundo social? Ou mesmo, quais os grupos estão sujeitos a experimentar a ameaça? E serão estas indagações que nortearão a busca pela clareza sobre o conceito e os aspectos constitutivos da ameaça do estereótipo. E os assuntos abordados trarão maiores informações de como se processa a dinâmica de afetação cognitiva no indivíduo a ponto de prejudicá-lo socialmente.

2.1 A história do conceito

Estudos sobre como se processavam as experiências para os indivíduos que tinham suas identidades estereotipadas socialmente foram escassas no campo da psicologia social até final da década de 1980. É a partir dos anos 1990 que houve um crescente interesse de pesquisas que objetivavam a compreensão da percepção e do enfrentamento que os indivíduos que seriam alvos de preconceito e discriminação adotariam e de como tal condição afetava a realidade (Quinn, Kallen & Spencer, 2010).

Uma das análises sociais que as pesquisas sobre a estereotipia buscavam elucidar era a razão porque se existia uma diferença no desempenho dos grupos étnicos raciais quando avaliada as habilidades acadêmicas dos sujeitos. A realidade que se apresentava à época era de que as diferenças grupais tinham como explicativas o processo de socialização (e.g., Eccles, Jacobs & Harold, 1990), a situação socioeconômica (e.g., White, 1982) ou mesmo as equivocadas diferenças genéticas de inteligência entre os grupos humanos (e.g., Herrnstein &

Murray, 1994). Contudo, conforme Quinn et al. (2010) argumentaram, a ameaça do estereótipo se diferenciou destas outras formas de análise sobre a estereotipia.

Os estudos sobre os estereótipos apontam Steele e Aronson (1995) como os primeiros a empregarem o termo “ameaça do estereótipo” na literatura psicológica. Eles investigaram a experiência do indivíduo que é alvo de um estereótipo negativo e os possíveis fatores que suprimiam o desempenho intelectual de estudantes negros em situação de testagem. Os autores não aceitavam as explicações sociais para abarcar o fenômeno da diferença intergrupar que caracterizava os membros dos grupos pelo grau de inteligência e as limitações que lhe eram impostas na vida social, embora estas imposições fossem vistas como condição natural dos grupos alvos de estereotipia negativa (Murphy & Taylor, 2012). E Steele e Aronson (1995) examinaram como os estereótipos negativos poderiam se constituir em agentes que reduziriam o desempenho intelectual dos membros que pertencem a grupos estigmatizados.

A exposição conceitual da ameaça do estereótipo (Steele & Aronson, 1995) significou uma quebra de paradigma nos estudos sobre o desempenho dos integrantes dos grupos minoritários que outrora, as explicativas a respeito das diferenças de desempenho intelectual nos testes eram creditadas as diferenças culturais ou a falta de preparo do testando. De modo que a teoria proporcionou uma ampliação no campo de investigação dos psicólogos sociais que investigavam os porquês do desempenho intelectual rebaixado nos membros dos grupos que eram alvos de estereotipias negativas. (Murphy & Taylor, 2012).

O conceito de ameaça do estereótipo trouxe uma perspectiva situacional para a compreensão das causas do declínio nos resultados dos testes de inteligência. Pois o indivíduo numa realidade de testagem, em situação que seja evocado os estereótipos negativos a respeito de seu grupo de pertença e, se do resultado do teste, seja confirmada a estereotipia; antes de fazê-lo, ainda quando o indivíduo se vê prestes a confirmar uma estereotipia, seu

desempenho intelectual tende a ser diminuído em razão de ações cognitivas que desviarão sua atenção.

Entende-se por situacional que o decréscimo de desempenho surge em contextos particulares em função da aplicabilidade do estereótipo negativo ao indivíduo que está sendo avaliado. Dito de outra forma, o caráter potencial da situação que pode vir a confirmar uma estereotipia negativa do grupo ao qual o sujeito pertence como sendo característica particular dele (Quinn et al., 2010).

Da teoria apresentada sobre a ameaça do estereótipo dois pontos são bastante importantes para a compreensão do fenômeno em questão no que se refere a perspectiva de ameaça situacional. O primeiro deles diz respeito ao diagnóstico que o teste proporciona. O poder nele investido de revelar habilidades e potencialidades que pertencem ou não ao sujeito. E o segundo fator trata da relevância que possuem os estereótipos com relação ao grupo no desempenho da tarefa a ser realizada, de como a estereotipia negativa a respeito do grupo se torna um preditor para a realização da tarefa. De modo que a correlação dos dois fatores caracteriza a situação de ameaça a qual o indivíduo possa ser submetido em situação de testagem. (Steele & Aronson, 1995; Steele, 1997).

O estudo embrionário da ameaça do estereótipo de Steele e Aronson (1995) foi realizado com estudantes universitários brancos e negros norte-americanos. Eles foram submetidos a um teste de habilidade verbal de difícil nível de realização (o Record Examination Verbal Pós-Graduação – GRE). Os participantes foram divididos em três grupos de amostra inter-racial distintos. Para um dos grupos, o teste foi descrito como uma atividade diagnóstica da capacidade intelectual do sujeito. Tornando deste modo o estereótipo racial sobre a capacidade intelectual relevante para o desempenho dos participantes negros; dada a estereotipia de inferior capacidade intelectual partilhada na sociedade norte-americana a respeito dos negros. Estabelecendo de tal modo, a ameaça para os participantes deste grupo na

possibilidade de reafirmar, ou comprovar a estereotipia a respeito do grupo a partir dos resultados do exame.

Ao segundo grupo participante do experimento foi atribuída uma condição de não ameaça; o mesmo teste foi descrito aos participantes como uma simples tarefa experimental de resolução de problemas. De modo que esta informação dada ao segundo grupo manteve o estereótipo racial sobre a capacidade de desempenho irrelevante, ou melhor, inexistente, dentro do contexto controlado da pesquisa. Ao terceiro grupo, a atividade foi apresentada como um desafio intelectual, de igual modo sem a presença da ameaça, no qual os indivíduos eram incentivados para a conclusão de toda a tarefa.

Os resultados do estudo apresentaram que apenas os estudantes negros que pertenciam ao grupo em que a tarefa foi apresentada com “diagnóstica” tiveram um desempenho inferior aos brancos que pertenciam a mesma amostra experimental; e os negros do grupo de condição experimental tiveram resultados significativamente inferiores aos negros que pertenceram aos outros dois grupos experimentais. E entre os integrantes do grupo 2, no qual a tarefa não era “diagnóstica” houve uma relativa equivalência nos resultados das amostras dos dois grupos étnicos.

Semelhantemente, o mesmo padrão de ameaça dos estereótipos foi empregado no estudo com mulheres no domínio da matemática realizado por Spencer, Steele e Quinn (1999). As mulheres, conscientes a respeito dos estereótipos negativos compartilhados sobre a sua categoria, especificamente, de que as elas são de capacidade inferior aos homens no domínio da matemática, quando na realização do teste que avaliava o desempenho individual, num contexto em que o grupo de participantes era misto, o aplicador discute sobre as diferenças de gênero no domínio da matemática que foram historicamente construídas e explicita que a aplicação do teste seria uma medida avaliativa da possível comprovação de que os estereótipos a respeito das mulheres se tratasse de uma verdade.

Como resultado, mais uma vez o grupo em que esteve na condição da ameaça do estereótipo teve seu rendimento diminuído comparado ao dos homens. Entretanto, analisando o grupo em que o estereótipo negativo foi inexistente na situação da testagem, os resultados comprovaram que os homens e as mulheres desempenharam a tarefa muito bem e em grau de equivalência. De modo que com a teoria da ameaça do estereótipo, proposta por Steele e Aronson (1995) se pôde constituir novas bases para o entendimento das diferenças intergrupais no que se trata do desempenho de seus membros. Entendendo que tais diferenças de desempenho entre os grupos sociais podem ser anuladas por mudanças situacionais do contexto (Quinn et al., 2010).

2.2 Quais grupos experimentam a ameaça dos estereótipos?

Após Steele e Aronson (1995) apresentarem uma nova perspectiva situacional para se compreender a realidade das diferenças negativas no desempenho dos grupos estigmatizados dentro da sociedade várias pesquisas reproduziram os efeitos da ameaça dos estereótipos. A tipologia da estereotipagem tem grande importância dentro da teoria apresentada visto que os estudos que investigam esta realidade da ameaça se concentram nos estereótipos de gênero e das minorias raciais.

Há muitos estudos em que investigam a dinâmica racial em situação de teste intelectual (por exemplo Blascovich, Spencer, Quinn, & Steele, 2001; Deaux et al., 2007; Steele & Aronson, 1995; Silva & Pereira, 2009) ou mesmo estudos que avaliaram a condição de gênero, demonstrando os efeitos sobre as mulheres quando salientados os estereótipos relacionados ao desempenho no domínio da matemática e espacial (Inzlicht & Ben-Zeev, 2000; Johns, Schmader & Martens, 2005; Quinn 2001; Quinn et al., 2010; Schmader & Johns, 2003). Entretanto, a aplicabilidade da teoria não se limita as dinâmicas raciais e de gênero,

vários outros grupos e minorias também foram alvos de estudos e podem ter sua dinâmica intergrupar desfavorável contemplada pela compreensão de que a ameaça situacional favorece o decréscimo no desempenho.

Há estudos em que pesquisadores salientaram os efeitos dos estereótipos em grupos etários, associando raça e gênero, com crianças pequenas (McKown & Weinstein, 2003; Neuville & Croizet, 2007) e adolescentes (Keller, 2002). Ou mesmo estudos que avaliaram a estereotipia associada a condição socioeconômica (Croizet & Millet, 2011) e também com interfaces racial e de gênero (Croizet & Claire, 1998). No estudo de Croizet e Claire (1998) quando uma tarefa foi apresentada diagnóstica do nível intelectual e compreensão do francês, estudantes de baixa renda tiveram seu desempenho prejudicado, apresentando menos rendimento quando comparados aos alunos de alto nível social. Entretanto, quando o teste foi apresentado como uma tarefa não diagnóstica, o resultado foi satisfatório para ambos os grupos, mostrando equivalência no desempenho e comprovando mais uma vez em um aspecto diferenciado da ameaça situacional apresentada pela teoria.

O mesmo efeito da ameaça dos estereótipos foi encontrado no resultado obtido no estudo de Levy (1996), realizado na Harvard University, no realizar um exame em que a tarefa avaliaria a capacidade de memorização de idosos, os sujeitos foram separados em grupos em que para um dos grupos a tarefa foi aplicada após serem evocados os estereótipos negativos e constatou-se que tanto o desempenho cognitivo quanto o julgamento a respeito de si foi alterado para o grupo em que foi submetido a condição ameaçadora se comparado com o grupo em que não foi suscitado as estereotipias quanto ao desempenho do idoso.

Huber, Brown, e Sternad (2016) avaliaram os efeitos da teoria além do comprometimento cognitivo. Eles avaliaram o comprometimento do sistema sensório-motor como resultado de um contexto de ameaça do estereótipo. Os participantes foram avaliados em seu desempenho motor numa tarefa em que cada sujeito, em uma simulação virtual de um

jogo de tênis emitiria motiventos semelhantes ao rebater e quicar a bola virtual no chão. A condição de ameaça foi exposta a um dos grupos pela evocação dos estereótipos positivos dos homens em questões de domínio de matemática e espaciais apresentadas pelo aplicador e salientadas a necessidade domínio de noções espaciais para a realização da tarefa. E as mulheres que foram submetidas a condição da ameaça do estereótipo tiveram seu desempenho inferior quando comparado ao grupo que não foi submetido a ameaça, e igualmente inferior quando comparado ao grupo dos homens pertencentes as duas condições de controle da pesquisa.

Na mesma perspectiva de que a ameaça possui interferência no desempenho motor do sujeito, os estudos de Krendl, Gainsburg e Ambady (2012) e o de Stone, Sjomeling e Darley (1999) avaliaram os efeitos da teoria da ameaça onde o recorte racial foi associado ao desempenho físico dos atletas brancos e negros norte-americanos. Semelhante, Heidrich e Chiviacowsky (2015) investigaram o que postula a teoria com recorte de gênero, e apresentaram como resultado o decréscimo no desempenho físico das mulheres em situação da ameaça.

O diferencial da teoria da ameaça dos estereótipos, conforme argumentaram Quinn et al. (2010) está no seu aspecto situacional. Pois esta peculiaridade a torna a teoria mais adequada para os estudos dos estigmas sociais. Desta compreensão apresentada por Quinn et al. (2010) surge um questionamento que merece esclarecimento. Sendo a ameaça dos estereótipos uma condição situacional e os grupos sociais possuem variados estereótipos, positivos e negativos, a teoria se aplicaria apenas aos grupos minoritários dentro do contexto social?

Aronson et al. (1999) averiguaram o aspecto da teoria no qual postula que a aplicabilidade do conceito não se limita apenas aos membros dos grupos dominados e minoritários dentro da sociedade. Pois a condição de ameaça dos estereótipos é passível de

qualquer indivíduo ser submetido, isso porque os estereótipos são diversos e múltiplas são as identidades assumidas pelos sujeitos nos mais variados conceitos. Na pesquisa realizada com estudantes norte-americanos do sexo masculino, de etnia branca, com altos escores de desempenho no *Scholastic Aptitude Test* (SAT), foi testada a possibilidade de experimentarem o declínio em seu desempenho face em condição ameaçadora. No experimento, os participantes foram informados que estaria por realizar um teste de difícil realização em que os asiáticos tinham história de superior desempenho aos dos brancos. Da mesma forma, o teste matemático foi aplicado em um grupo em que não foi salientado a estereotipia positiva dos asiáticos. Mais uma vez, os resultados apontaram para o que postula a teoria, e os brancos que estavam na condição ameaçadora, obtiveram um desempenho inferior ao dos asiáticos e aos dos para que pertenciam ao grupo na condição de “não ameaça”.

Em seu experimento Pansu et al. (2015) testaram a ameaça do estereótipo no grupo do gênero. Entretanto, o grupo alvo da estereotipia não foi o das mulheres, conforme a maioria dos experimentos do fenômeno da ameaça do estereótipo. Os estudos que avaliam a performance intelectual nos testes de matemática se pautam no grupo de atributos negativos das mulheres, estereotipadas como inferiores ao homem. Porém, o autor quis fazer do grupo dos homens alvo da estereotipia no experimento em que media a capacidade de leitura dos homens com um grupo de mulheres. Corroborando com a ideia apresentada por Murphy e Taylor (2012) de que todas as pessoas podem experimentar a condição da ameaça dos estereótipos, muito embora a maior frequência social deste fenômeno se processe na análise dos grupos em que estejam em desvantagem social.

De fato, a literatura vem comprovando esta especificidade de que a ameaça dos estereótipos não está limitada a grupos historicamente estigmatizado (e.g., Leyens, Desert, Croizet & Darcis, 2000; Koenig & Eagly, 2005; Kray, Galinsky & Thompson, 2002). E sim, a

ameaça do estereótipo está intimamente ligada a contextualização situacional, podendo ser empregada com grupos que não estigmatizados, conforme argumenta Quinn et al. (2010).

Em outro contexto, Quinn, Kahng e Crocker (2004) vislumbrando os estereótipos negativos associados aos portadores de doença mental na sociedade norte americana (a exemplo: sujeito menos inteligente, mentalmente desorganizado, perigoso, mais imprevisível do que o normal), investigaram os efeitos no desempenho em pessoas com alguma história de doença mental quando elas tinham que identificar história de adoecimento antes de realizarem um teste de raciocínio. Ao realizarem a atividade proposta, a amostra foi dividida em grupos, ao qual um deles, na condição de ameaça era solicitado que respondessem a perguntas que os identificava a partir de eventos de transtornos emocionais. E os resultados apresentaram que ao grupo que foi solicitado que eles registrassem algum episódio de doença mental apresentaram significativo decréscimo nos resultados quando comparados ao grupo que não foram solicitados para relatar os eventos de adoecimento mental. Vindo a comprovar a teoria situacional da ameaça como importante para o decréscimo do desempenho do indivíduo num contexto não limitado aos grupos ou categorias de grande proporção de membros.

Assim, conforme Quinn et al. (2010) a cerne da ameaça do estereótipo é o próprio estereótipo. Isto porque é ele que assume importante papel dentro das características situacionais que influenciarão o desempenho do sujeito alvo. Portanto, a ameaça dos estereótipos não se limita as problemáticas das dinâmicas intergrupais apenas no tocante a raça e gênero, ou mesmo minorias, mas também elas podem emergir de situações em que a idade, o status social, ou outras identidades sociais estejam em evidência.

Conclui-se, portanto, que os estereótipos dos grupos são extremamente importantes para o conceito da ameaça; eles podem interferir no comportamento e no desempenho do indivíduo. Visto que a partir dos resultados, é aparentemente, evidente que a ameaça do estereótipo provoca mudanças comportamentais e no desempenho cognitivo. E a evidência

produzida a partir dos resultados das pesquisas sobre a ameaça do estereótipo apresentam a existência de uma afetação do indivíduo em grau elevado. Contudo, o fato do sujeito se sentir ameaçado por estar prestes a confirmar um estereótipo a respeito de seu grupo é um fator que merece maiores esclarecimentos porque dele decorre implicações que serão discutidas a seguir.

2.3 Ameaça e a identidade social

A identificação com o grupo é um fator extremamente importante para a eficácia da ameaça do estereótipo. Ela é necessária para que seja possível caracterizar uma ameaça situacional diante de uma estereotipia. Tomando como base a teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1986) que tem como pressuposto que cada indivíduo possui múltiplas identidades sociais, a exemplo da identidade de gênero, raça e classe socioeconômica; conforme o sujeito se veja diante de uma pista que ameasse a sua identidade, seu comportamento será alterado.

As variadas identidades sociais, os múltiplos e distintos conceitos que são construídos a respeito de si e de seu lugar no mundo social favorecem uma afetação do indivíduo diante de uma situação em que os atributos negativos do grupo ao qual ele se percebe membro sejam ressaltados ou mesmo na condição de ameaça de confirmação da estereotipia.

Em outras palavras, a ameaça do estereótipo é percebida pelo sujeito quando há uma identificação dele com o grupo e, que ele conheça as estereotipias construídas e caracterizam o grupo ao qual ele pertence (Murphy & Taylor, 2012). O declínio no desempenho ocorre num contexto a partir do qual o sujeito alvo tem internalizado os estereótipos negativos a respeito do grupo e passa a vê-lo como um atributo próprio ou do grupo ao qual pertence (Quinn et al., 2010).

É diante de um sujeito que tem conhecimento dos estereótipos a respeito de seu grupo e a consciência de que eles são aplicáveis a própria identidade, é que se torna possível a existência de uma pista ameaçadora a sua identidade e; podendo assim, ser estabelecido um processo de vigilância no qual o indivíduo buscará mais informações ambientais que possam certificá-lo do possível risco, o que caracterizaria a ameaça em termos cognitivos (Quinn, et al., 2010; Picho & Brown, 2011; Murphy & Taylor, 2012).

Sendo assim, é possível que o sujeito, na tentativa de encontrar informações ameaçadoras a identidade, erroneamente, perceba até em informações que em outra configuração não teria nenhum destaque, um caráter ameaçador. A exemplo, se pode pensar no gênero ou raça do instrutor do teste como sendo uma informação que se tornou em uma ameaça nos estudos de Kaiser, Vick e Major (2006) e Wout et al. (2009), ou mesmo numa exposição visual contendo informações a respeito dos grupos de pertença do indivíduo conforme o estudo de Murphy, Steele e Gross (2007) que buscou avaliar o efeito da ameaça apenas pela exposição de vídeo com quantidades diferenciadas de representação de gênero para a resolução de atividade de matemática, ciência e engenharia.

E é diante da consciência do estigma com relação ao grupo de pertencimento e/ou, diante da tensão provocada pela consciência da identidade negativa que são provocadas as reações afetivas no indivíduo que farão com que seu desempenho seja evidenciado como inferior (Beilock, Rydell & McConnell, 2007; Lewis & Sekaquaptewa, 2016; Pinel, 1999). É diante da identificação com as estereotípias negativas a respeito do grupo ao qual pertence que o sujeito processa a percepção de um setting ameaçador (ver estudos de Deaux et al., 2007; Shih, Pittinsky & Ambady, 1999). Afinal, qual seria a afetação de um indivíduo numa situação de testagem em que o ambiente lhe propusesse informações a respeito da raça, se ele próprio não se percebe como integrante da referida raça? Qual o caráter ameaçador teria estas informações para este indivíduo?

Conforme o argumento de Quin et al. (2010) para a aplicabilidade da teoria da ameaça é necessário que o indivíduo se identifique com o grupo para que as estereotipias negativas dentro do contexto situacional lhe seja ameaçadora. McKown e Weinstein (2003) em seu estudo que analisou o desenvolvimento e as consequências dos estereótipos em crianças, trouxeram uma defesa argumentativa de que o conhecimento sobre o estereótipo é necessário para que a ameaça fosse efetiva de fato. De modo que eles avaliaram como a compreensão dos estereótipos grupais em crianças de seis a dez anos modificava seus efeitos a medida em que eles envelheciam e tornavam-se conscientes dos estereótipos negativos de seu grupo. Além de que a partir dos resultados, puderam concluir que os grupos étnicos estigmatizados (as crianças negras e latinas), em todas as faixas etárias, se mostraram mais conscientes dos estereótipos a respeito de seu grupo.

O estudo de Gonzales, Blanton e Williams (2002) investigou o efeito da ameaça na condição em que o indivíduo seria afetado pelo duplo pertencimento a grupos minoritários. O contexto escolhido buscava maior clareza de como as múltiplas identidades do sujeito potencializariam os efeitos sobre ele num contexto em que as identidades desvalorizadas estejam em evidência, neste contexto, de interação dos estereótipos de gênero e étnicos.

Neste estudo, universitários brancos e latinos foram alocados aleatoriamente em grupos experimentais de condição de ameaça e não ameaça para realizarem um difícil teste de matemática. Ao grupo da condição de ameaça a instrução foi acrescida da informação que seria uma medida diagnóstica da capacidade individual. Tal procedimento foi baseado nos estereótipos negativos a respeito dos latinos e das mulheres no domínio da matemática.

Logo após a aplicação do teste, os participantes tiveram que registrar sua experiência por meio de medidas de autorrelato do esforço despendido na realização do teste, escala de ansiedade para averiguar os pensamentos intrusivos, e um questionário avaliando preocupações com o estereótipo.

Os resultados apresentaram que os latinos que integraram o grupo “ameaça” tiveram o desempenho inferior quando comparado ao desempenho dos brancos nas duas condições experimentais. E as mulheres latino-americanas que integraram o grupo de ameaça tiveram o pior desempenho, elas obtiveram desempenho significativamente pior se comparados aos outros três grupos de condição de análise. De modo que evidenciou-se que as mulheres foram prejudicadas pela condição de dupla identidade na realização da tarefa.

O experimento de Gonzales, Blanton e Williams (2002) ousou investigar uma lacuna que se apresenta na literatura sobre a aplicabilidade da teoria da ameaça do estereótipo, uma vez que o sujeito pertence a variados grupos e constitui múltiplas identidades para si. Ao vislumbrar a realidade das relações étnicas no Brasil e seus reflexos nas mais diferentes esferas da vida social, surge a indagação de qual a dimensão dos efeitos que as identidades étnicas e sociais poderiam exercer sobre um indivíduo num contexto de ameaça do estereótipo quanto a suas habilidades intelectuais.

A identificação do indivíduo com o grupo é tão significativa para o conceito da teoria da ameaça do estereótipo que estudos revelam que o grau de identificação estará intimamente ligado a percepção da situação como ameaçadora ou não. De modo que quanto maior a identificação do sujeito com o grupo estereotipado, maior será a vulnerabilidade dele as situações que ele possa perceber como ameaçadoras (Aronson, et al., 1999; Wout, Danso, Jackson & Spencer, 2008; Steele, Spencer & Aronson, 2002).

De modo que é na presença da identificação do sujeito com as estereotipias partilhadas a respeito de seu grupo que se processará uma afetação daquele indivíduo; podendo ser entendido o fenômeno da ameaça do estereótipo como uma pressão mental extra, em proveniência da consciência do estereótipo. Vindo a provocar no indivíduo uma interferência em seu desempenho; de tal maneira, que favoreça a efetivação de uma das funções dos estereótipos como profecia autorrealizadora (ver capítulo I para relembrar o conceito de

profecia autorrealizadora). Enfim, a estereotipia com seu potencial limitador, comprometeria a capacidade de desempenho do indivíduo a tal ponto que ela, a estereotipia, seria percebida socialmente como uma certeza a respeito do indivíduo que estivesse sendo avaliado. E as próprias condições da ameaça estariam encobertas, como se inexistentes no processo de avaliação, parecendo os resultados da testagem uma confirmação de um traço característico do grupo alvo. (Picho & Brown, 2011; Murphy & Taylor, 2012).

A ação ameaçadora percebida pelo sujeito fará com que ele disponha de recursos cognitivos que seriam necessários a tarefa; de modo que seu desempenho venha a declinar, vindo a se confirmar a estereotipia a respeito do grupo. Picho e Brown (2011) apresentou aspectos importantes para a compreensão que a ameaça do estereótipo altera o desempenho do sujeito em dois níveis diferenciados: primeiro, ela induz a um estado ansiogênico, o que seria altamente prejudicial ao desempenho da atividade, fato que pode ser percebido nos estudos de Schmader (2002) e Spencer, Steele e Quinn (1999), e o segundo, num nível crônico, a ameaça do estereótipo provoca uma despersonalização. Este processo que pode ser entendido como um desinvestimento do indivíduo na realização da tarefa, em outras palavras, processo em que o indivíduo se desengaja da atividade ou perde interesse nela, conforme postulou a teoria de Steele (1997).

Segundo a perspectiva de Steele (1997), um indivíduo que tenha consciência de uma série de estereótipos negativos a respeito de seu grupo, seja de gênero ou étnico racial, se submetido a longo prazo a situações ameaçadoras, a ameaça do estereótipo poderá se constituir numa erva daninha que impedirá o desempenho do sujeito. Pois ela é extremamente limitadora. Uma vez que propicia a desidentificação do indivíduo com a atividade e, subsequentemente, o impedirá de prosseguir na realização dela. (Picho & Brown, 2011).

O processo de desidentificação, segundo Picho e Brown (2011), é um processo lento que pode ocorrer ao longo do tempo e manifesta-se quando é tarde demais para remediá-lo.

Os estereótipos de gênero atribuídos as mulheres sobre o desempenho inferior ao dos homens no domínio da matemática, podem explicar a realidade da pouca representatividade das mulheres nesta área. Os efeitos da ameaça dos estereótipos em mulheres do ensino fundamental (Ambady, Shih, Kim & Pittinsky, 2001), mulheres no ensino médio (Huguet & Regner, 2007) e em mulheres adultas (Steele, 1997) confirmam uma realidade de que não é por acaso que elas possuem baixa representatividade na escolha das profissões que se concentram nos campos das ciências, tecnologia, engenharia e matemática (Picho & Brown, 2011). A longa exposição ameaçadora ao qual os membros deste grupo são submetidos ao longo da história de vida, faz com que se efetive uma desidentificação do membro do grupo com a atividade que se é proposta.

Analisando os efeitos do processo de desidentificação a longo prazo discutidos por Picho e Brown (2011) pode-se fazer um paralelo desta realidade com aspectos raciais da ocupação profissional na sociedade brasileira. De como ao longo da história as atribuições estereotípicas dos negros foram construindo uma disfarçada segregação racial da ocupação profissional; que fundamentadas nas atribuições estereotípicas do negro, justificavam a uma “naturalização” do lugar do negro nesta sociedade. Pois, no Brasil, conforme o IPEA (2014) e o Instituto Ethos (2016) encontra-se mais brancos ocupando cargos públicos ou profissões de prestígio social do que negros ou indígenas. Qual possível identificação com profissões de alto status social poderiam os integrantes do grupo racial dos negros desenvolver, se os atributos de inteligência, competência, nunca lhes foram um traço? Entretanto, tal realidade é erroneamente compreendida pelos aspectos educacionais ou de preferência do sujeito por uma ocupação em detrimento de outra.

Lembrando o Bliger, Averhart e Linben (2003), os resultados achados pelos autores poderiam ser correlacionados ao processo de desidentificação. Neste estudo os autores analisaram as percepções de status ocupacional de crianças norte-americanas negras e se, as

aspirações profissionais delas são influenciadas pela segregação racial do trabalho naquela sociedade. De modo que apresentaram dados empíricos para avaliar o papel da raça em julgamentos profissionais das crianças e os efeitos da socialização racializada no que tange as ocupações de alto status na sociedade norte-americana;

No referido estudo, cerca de 92 crianças, separadas por grupo etário de seis a sete e outro de onze a doze anos, responderam a questionários que avaliaram a percepção dos status ocupacional e as aspirações profissionais das crianças, os estereótipos raciais das ocupações, e os estereótipos a respeito dos negros naquela sociedade. E os resultados indicaram que os dois grupos etários das crianças percebiam a realidade de segregação racial do trabalho e, que as ocupações com concentração de brancos foram percebidas por elas como de alto status social, diferentemente, as ocupações representadas pelos negros, foram percebidas como de baixo status social e, bem como que na percepção delas os negros eram menos propensos a realizarem ocupações de alto status social.

E se conforme os resultados do estudo de Bliger, Averhart e Linben (2003) que sugerem que a raça tem efeitos consistentes e poderosos sobre a percepção de crianças a respeito das ocupações dos negros norte-americanos, pode-se conjecturar sobre que os efeitos desta percepção no contexto adulto serão altamente limitadores. Certamente, para uma criança negra que se desenvolva um contexto semelhante, será pouco provável ela identificar-se com profissões de alto status social, haverá um processo de desidentificação como argumentaram Picho e Brown (2011).

Analisando a realidade processual da desidentificação, vindo a se mostrar como um resultado da ameaça do estereótipo de longo prazo, e do seu potencial excludente de possibilidades sociais do indivíduo, é que se revela a dinâmica de como a estereotipia compartilhada a respeito dos grupos se vestem de uma verdade baseada na ação comportamental dos membros do grupo alvo, entretanto, essa verdade é fruto de uma

realidade ameaçadora; porém, é vista pelo grupo dominante como uma ação confirmatória de um atributo negativo. De modo que cristaliza ainda mais as crenças partilhadas a respeito dos grupos de gênero e das minorias raciais (Picho & Brown, 2011).

A ameaça do estereótipo, portanto, tende a favorecer a confirmação de estereotípias por intermédio do membro do grupo alvo que experimenta toda a perturbação cognitiva, comportamental e emocional que a própria ameaça à identidade estigmatizada proporciona. Sendo este processo ameaçador configurado de diversas formas e tendo ele, nas sugestões situacionais, a grande fonte de ameaça que será percebida pelo indivíduo que está prestes a desenvolver alguma atividade em que a estereotipia de seu grupo possua alguma relevância para a realização da atividade, é que se faz necessário uma maior compreensão da aplicabilidade do conceito as pesquisas realizadas.

2.4 Manipulando a ameaça e os processos mediadores da ativação dos estereótipos

Cientes de que a teoria da ameaça dos estereótipos é pautada numa relação entre a estereotipia a respeito do grupo e a iminência da realização de uma determinada tarefa em que o estereótipo a respeito do grupo possui relação com a execução da atividade em questão. Como se processa o emprego da ameaça situacional proposta pela teoria? Se diversas situações reais de estereotipia acontecem no cotidiano das relações intergrupais, envolvendo os mais variados aspectos, como é forjado o enquadramento da realidade intergrupar num contexto controlado, próprio para o experimento?

A vasta literatura tem apresentado que geralmente, os estudos que averiguam a aplicabilidade da teoria da ameaça dos estereótipos dão ênfase a estereotipia, ou sutilmente sugerem que os estereótipos são importantes para o desempenho e realização da tarefa.

(Murphy & Taylor, 2012). A exemplo, os estudos que averiguaram a ameaça do estereótipo nas mulheres em relação ao desempenho em matemática, o experimentador apresenta como pista ameaçadora a informação de que os homens são superiores às mulheres no desempenho em matemática (*i.g.*, Beilock, Rydell, & McConnell, 2007; Keller, 2002), ou ele pode explicitar que os resultados dos testes das mulheres serão comparados aos dos homens para se averiguar se há veracidade na estereotipia compartilhada a respeito do desempenho feminino no domínio da matemática (*i.g.*, Rosenthal, Crisp & Suen, 2007).

Há também estudos em que a ameaça foi instaurada apenas pela informação dada ao participante de que aquela atividade se tratava de uma ação diagnóstica de sua capacidade e, o setting composto pelos sujeitos daria conta de evocar os estereótipos do grupo ao que o participante se identificasse (Steele & Aronson, 1995; Pansu *et al.*, 2015). Outra condição de manipulação da teoria está no estabelecimento da amostra de grupos de condição “não diagnóstica” e/ou simplesmente como condição de “resolução de tarefas” que fornecem dados para se quantificar os efeitos do déficit do indivíduo em contexto controlado (ver estudos de Steele & Aronson, 1995; Brown & Day, 2006).

Quanto a ameaça situacional relacionada as minorias raciais, o estudo de Marx e Goff (2005) acrescentou a variável da raça do experimentador como uma condição ameaçadora. Os participantes foram recrutados para realização de um teste verbal divididos em quatro grupos diferentes. De modo que a condição de ameaça do estereótipo e não ameaça fosse testada por experimentador de etnia branca e negra. A ameaça foi manipulada pela informação do caráter diagnóstico do teste, pela autoidentificação da etnia do participante, e posteriormente ao teste, pelo questionário de relato da experiência da ameaça.

Os resultados do estudo confirmaram a aplicabilidade da teoria, os negros que pertenceram aos grupos de condição de ameaça tiveram desempenho inferior aos negros do grupo de não ameaça, para a condição em que o aplicador era branco. Entretanto, não

houveram discrepâncias no desempenho dos negros para as condições de “ameaça” e “não ameaça” em que o aplicador era negro. Outro achado importante foi que para os negros, os quais o aplicador era branco, os relatos de ameaça foram superiores aos relatos dos negros em que o aplicador do teste era negro. E nas quatro situações de testagem, os relatos da experiência da testagem para os brancos não apresentaram significativos resultados para que fossem interpretados como que eles sentiram-se desconfortáveis e ameaçados no contexto situacional da pesquisa.

Outro experimento que teve objetivo semelhante foi o de Danso e Esses (2001) que avaliava se a identificação do avaliado com a etnia do experimentador anulava o efeito da manipulação da ameaça. Os participantes foram recebidos para realização de um teste de matemática de alto nível de dificuldade por aplicadores brancos e negros, entretanto, o processo foi individualizado, programado e intencional.

A pesquisa teve um desenho 2x2 composta pela etnia do aplicador e a condição de “feedback” e “não feedback” da atividade realizada. A condição de “não feedback” forjava o entendimento no participante de que o resultado do teste de matemática não o avaliaria individualmente em questões de desempenho. Para o grupo na condição de “feedback”, a ação ganharia um teor de avaliativo da capacidade individual e seria ampliada a ameaça de ser confirmado o estereótipo de seu grupo pelo aplicador. Como previsto, a raça do aplicador teve grande importância para realização do teste. Em ambas as condições de análise, o de “feedback” e “não feedback” em que o aplicador era negro os participantes tiveram melhor desempenho quando comparado ao grupo de condições de análise em que o aplicador branco.

De um modo geral, os experimentos de Marx e Goff (2005) e o de Danso e Esses (2001) ratificam a necessidade de problematizar uma manipulação da ameaça constituída a partir da etnia do aplicador do experimento; inclusive em casos em que o experimento foi realizado inteiramente por meio virtual, como no estudo de Wout *et al.* (2009) o recorte racial

do aplicador se constituiu numa variável que interferiu nos resultados de maneira significativa. Em suma, estes estudos além de confirmarem o conceito central da teoria da ameaça dos estereótipos apresentam um dado bastante significativo e interessante para analisar a desempenho nos experimentos que envolvem os aspectos étnicos dos participantes como variável de análise.

Num contexto geral, a literatura apresenta que a manipulação da ameaça pode ser efetivada em variadas facetas e elas podem ser constituídas a partir de diferentes realidades e aplicações da teoria a diferentes contextos, a exemplo de gênero, racial, idade, socioeconômico e outros, desde que configurem um cenário social em que os estereótipos sejam sugeridos como relevantes para o indivíduo alvo. Entretanto, a manipulação da ameaça contempla apenas a forma de fazer o alvo sentir-se ameaçado, permanecendo uma lacuna que aborda os porquês do comprometimento do desempenho do sujeito. Em outras palavras, quais os processos psicológicos que acontecem entre o hiato da ativação do estereótipo e o efetivo desempenho do sujeito?

Os estudos pioneiros se propuseram medir diferentes fatores cognitivos que seriam eliciados a partir do processo de ativação dos estereótipos e estariam relacionados ao comportamento do sujeito que se revelariam em baixo desempenho são o de Steele e Aronson (1995). No referido estudo eles investigaram a distração, a competência acadêmica e o valor pessoal como sendo os fatores que interfeririam nos resultados. Outras pesquisas que se detiveram sobre o endosso dos estereótipos (Leyens et al., 2000), ou mesmo a apreciação de avaliação da autoeficácia (O'Brien & Crandall, 2003; Spencer, Steele & Quinn, 1999), a autoestima (Levy & Langer, 1994), o esforço percebido e perceptível e dificuldade da tarefa (Keller & Deunheinmer, 2003). Entretanto, os mediadores relatados não eram relativamente fortes e seus resultados eram consideravelmente variados, o enfraquecia a abordagem defendida pelos autores conforme Quinn et al. (2010).

Há ainda estudos em que a ansiedade foi avaliada como sendo uma mediadora do baixo desempenho. Os achados apresentam a ansiedade interferindo parcialmente nos efeitos da ameaça dos estereótipos (Spencer, Steele & Quinn et al 1999; Osborne, 2001), como também outros em que não foi encontrada nenhuma evidência da ansiedade como mediadora (Gonzales, Blanton & Williams, 2002; Schamader & Johnson, 2003) o que caracteriza uma situação de evidências mistas.

Entretanto, as pesquisas que avaliaram a ansiedade por meio de respostas fisiológicas ganharam maior suporte para a explicação dela como mediadora da ameaça do estereótipo (Quinn et al., 2010). Blascovich et al. (2001) constataram em seu experimento que em situação de ameaça, os participantes negros, ao longo da tarefa tiveram sua pressão arterial aumentada, fato que se comparada a pressão arterial dos negros que pertenciam a amostra da condição de “não ameaça” e também pressão arterial superior à dos brancos. Resultados semelhantes também foram encontrados no estudo de Osborne (2007) que em situação de testagem as mulheres que pertenciam a amostra de condição de ameaça do estereótipo quando por realizar um teste de matemática apresentaram como resposta fisiológica alteração na pressão arterial e diminuição da temperatura da pele diante da situação ansiogênica.

Um estudo de gênero que também se debruçou sobre a investigação da mediação da ativação e o comportamento provocado pelo fenômeno em questão foi o experimento de Cadinu, Maass, Rosabianca, e Kiesner (2005). Eles se propuseram a experimentar e avaliar a interferência dos pensamentos intrusivos em situação de testagem como mediadores que influenciariam no desempenho das mulheres que estavam sob a ameaça dos estereótipos. As sessenta jovens italianas participantes do experimento foram divididas em dois grupos. O teste de matemática foi apresentado aos dois grupos como atividade de alto nível de resolução, e também as participantes foram informadas que entre as questões a serem resolvidas, existia uma folha em branco na qual elas deveriam registrar o pensamento que lhes

viesse a cabeça. O estudo tinha por hipótese que haveria uma prevalência maior de pensamentos negativos relacionados a execução da tarefa no grupo submetido a condição da ameaça. E os resultados assim confirmaram as hipóteses dos autores. Além de que, mais uma vez o desempenho do grupo sob a condição de ameaça apresentou escore inferior quando comparado ao grupo de “não ameaça”. De modo que os autores identificaram uma presença marcante de pensamentos intrusivos de cunho negativo em relação ao teste de matemática como um depressor da capacidade cognitiva e assim um mediador da ameaça e o comportamento.

Há estudos que também apresentam que o efeito de decréscimo no desempenho é mediado pela redução da capacidade da memória de trabalho, o que consequentemente, viria diminuir a capacidade de memória (Beilock et al., 2006; Schmader & Johns, 2003). Os estudos de O’Brien e Crandall (2003) e o de Ben-Zeev, Fein e Inzlicht (2005) numa perspectiva diferenciada apresentaram a excitação como um moderador que influenciaria no desempenho. Eles argumentaram que o estereótipo provoca uma excitação, e a excitação provocada pela ameaça levaria a uma alteração no desempenho.

Em suma, a literatura a respeito da avaliação dos mecanismos que operam como mediadores entre ameaça e o comportamento emitido, passaram de autorrelatos conscientes, para medidas implícitas de ansiedade e excitação até chegar a medidas não conscientes de diminuição da memória de trabalho (Quinn et al., 2010). Entretanto, de modo algum os relatos aqui apresentados abrangem a totalidade de estudos e perspectivas de análise e estudo sobre o tema. Pela variabilidade de estereótipos e possíveis situações em que ele exerça interferência na vida do sujeito, parece provável que a ameaça dos estereótipos seja operada por múltiplos caminhos ou que exista vários tipos de ameaça cada uma com seu próprio mecanismo de mediação (Quinn et al., 2010)

2.5 Conclusões

A aplicabilidade do fenômeno da ameaça do estereótipo é amplamente comprovada pelos resultados dos estudos experimentais que através do manejo controlado, ensaiam situações reais da vida cotidiana que muito se assemelham com a realidade das dinâmicas intergrupais, de pertencimento aos grupos, das múltiplas identidades e da afetação ocorrida quando uma destas identidades se vê ameaçada pela possível confirmação um estereótipo negativo de seu grupo.

De modo que o contexto da ameaça dos estereótipos favorece para que a realidade social seja forjada pelas crenças compartilhadas entre os grupos sociais e se tornem cada vez mais limitadoras do indivíduo que se vê prestes a confirmar a um atributo negativo a respeito de seu grupo como uma característica própria. Os efeitos deletérios da ameaça do estereótipo resultam diretamente numa debilidade do domínio cognitivo do sujeito. Pois o alvo, diante da preocupação em confirmar um estereótipo, dispensará energia cognitiva, numa diversificada realidade de fatores, que resultará na debilidade percebida no desempenho, erroneamente, pelo senso comum, sendo interpretada como confirmação do estereótipo.

O campo sobre os efeitos da ameaça do estereótipo se mostra um desafio a ser conquistado no que tange aos efeitos da ameaça no contexto não experimental. A literatura a respeito da ameaça do estereótipo se concentra ao contexto limitado do laboratório, com local e duração programada. Entretanto, coadunando com o argumento de Quinn et al., (2010) há uma necessidade de investigar a ameaça dos estereótipos em contexto de vida real. Onde os indivíduos sofrem a ameaça continuamente, e averiguar a real afetação que esta dinâmica assumirá na vida social do indivíduo que é constituído de identidade múltiplas. Por esta razão

que a aplicabilidade desta pesquisa buscará focar os aspectos mais reais do contexto da realidade racial dos adolescentes em fase de escolha de ocupação profissional.

Problematizar o alcance dos efeitos da ameaça dos estereótipos ainda é um aspecto desconhecido. Pensar na ameaça dos estereótipos é dar visibilidade as diferenças que parecem escondidas e pequenas em estudos em laboratório a respeito de raça e gênero (Quinn et al., 2010). França (2011) ao investigar a ação dos estereótipos e a valorização da identidade das crianças brancas, negras e indígenas do ensino fundamental em Sergipe, constatou que entre as crianças os atributos de “inteligentes”, “queridos da professora”, “bonitos” não foram imputados aos negros, com exceção pelos próprios negros. Entendendo que este estudo aborda uma realidade da mais tenra idade acadêmica do indivíduo, qual a proporção do efeito da ameaça do estereótipo sobre um adulto que ainda quando criança, já experimentava a realidade estereotipada a respeito de seu grupo. Como pode ser aferido os efeitos da ameaça dos estereótipos numa identidade que fora forjada por uma série de estereótipos negativos a respeito de seu grupo numa perspectiva contínua e cotidiana? De certo que os negros, dentro da realidade racial brasileira, são vistos negativamente, tanto quando as crenças são pessoais quanto quando se trata das crenças coletivas (França, 2011).

Portanto, ainda há outros caminhos e direcionamentos a serem abordados pela teoria da ameaça dos estereótipos que necessitam maiores esclarecimentos sobre os efeitos dela além dos limites experimentais. Pois, a longo prazo, certamente, os prejuízos para o sujeito estereotipado são potencializados. De modo que a realidade social das diferenças intergrupais não são, nem de longe, resultados das diferenças naturais. E sim, construções situacionais que forjam uma realidade social de diferenças entre os grupos humanos.

Quinn et al. (2010) afirmaram que a experiência da ameaça dos estereótipos pode ser comparada as experiências de preconceito e discriminação. Entretanto, esta afirmação abre espaço para uma ampla problematização de como deve ser a experiência de se viver com uma

identidade estigmatizada. Os efeitos da ameaça dos estereótipos, certamente, não se limitam aos resultados apresentados nos experimentos. A exemplo, como ela pode influenciar na escolha da vida profissional de uma pessoa que possui identidade estereotipada e vive num contexto altamente ameaçador de sua identidade?

CAPÍTULO III

PERCEPÇÕES DOS ADOLESCENTES A RESPEITO DAS OCUPAÇÕES DE ALTO E BAIXO STATUS SOCIAL

No presente capítulo serão abordados os aspectos metodológicos da pesquisa descritiva correlacional que foi realizada com jovens estudantes do ensino médio da rede pública de Aracaju. Assim, descreveremos a seguir os objetivos, hipóteses, o método utilizado, ou seja, descrição dos participantes, os instrumentos e procedimentos, os aspectos éticos e a análise dos dados. Por fim, serão apresentados os resultados encontrados e a discussão de acordo com a literatura estudada.

3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo foi investigar a percepção social das ocupações quanto ao status social a elas atribuído e a composição racial destas ocupações, ou seja, pretendeu-se identificar a compreensão a respeito da maneira como as profissões são percebidas socialmente pelos participantes como de alto ou baixo status social e qual grupo racial caracterizam estas ocupações.

3.1.1 Objetivos específicos

- Investigar a composição racial das ocupações profissionais,
- Identificar a percepção dos estudantes sobre o status social atribuído as ocupações profissionais em nossa sociedade;

- Identificar a compreensão dos jovens a respeito da composição dos grupos raciais que ocupam as profissões de alto e baixo status social;
- Analisar a escolha profissional dos jovens em função da cor da pele e do status social da profissão.

3.2 Hipóteses

H1: Independentemente da cor da pele os jovens perceberão segregação racial nas profissões.

H2: Independentemente da cor da pele dos jovens, haverá maior atribuição de pessoas brancas para as profissões de alto status social do que de pessoas negras.

H3: Jovens negros escolherão, mais do que os jovens brancos, profissões de baixo status social.

3.3 Método

3.3.1 Amostra

Participaram desta pesquisa 253 jovens, alunos dos 2º e 3º anos das Escolas Estaduais Professor João Costa, Atheneu Sergipense e Dom Luciano, unidades de ensino da rede pública, localizadas na cidade de Aracaju -Sergipe. A amostra foi composta por 37,2% (n= 94) de participantes do sexo masculino e 62,8% (n= 159) do sexo feminino, com faixa etária entre 15 e 21 anos e com média de 17,30 e desvio padrão 0,975. Em relação as informações

acadêmicas da amostra, 93 (36,8%) eram alunos do 2º ano e 160 (63,2%) do 3º ano. Com desempenho anual médio de 6,84. E 179 (70,8%) dos participantes disseram nunca ter reprovado durante o ensino médio e 74 (29,3%) afirmaram já ter sido reprovado no ensino médio.

Sobre os aspectos religiosos 51% ($n = 129$) são católicos, 29,2% ($n = 74$) evangélicos, 2,4% ($n = 6$) espírita, 1,6% ($n = 4$) de religiões de afro-brasileiras, e 15,8% ($n = 40$) escolheram a opção “outros”. A maior parte das famílias representadas na amostra 72,7% ($n = 184$) possuem renda total entre um e dois salários mínimos, 17,4% ($n = 44$) possuem renda familiar entre três e quatro salários mínimos, e apenas 9,9 % ($n = 25$) possuem renda superior a quatro salários mínimos. E 90,9% ($n = 230$) dos participantes passaram sua infância na área urbana e 9,1% ($n = 23$) na área rural.

Quanto aos aspectos étnicos dos participantes, eles foram categorizados a partir da auto e hétero definição quanto a cor da pele, sendo que a autodefinição foi realizada no corpo do instrumento e, a hétero definição foi realizada pelo pesquisador sem o conhecimento do participante quando este ia devolver o instrumento de coleta de dados. Ambas definições foram realizadas através de uma escala tipo Likert de 7 pontos, sendo 1, o tom de pele mais branco e a opção 7, o tom de pele mais negro. E na análise dos dados, as opções 1, 2 e 3 foram categorizados como cor de pele branca, e as opções 4, 5, 6 e 7 como cor de pele negra. De modo que, quanto a autodefinição, observou-se que 49,8% ($n = 126$) se autodeclararam brancos, 47,8% ($n = 121$) se autodeclararam negros, e 2,4% ($n = 6$) não se manifestaram quanto a sua cor de pele. E com relação a hétero definição observou-se que 13,8% ($n = 35$) são brancos, 66,8% ($n = 169$) negros e de 19,4% ($n = 49$) da amostra não foi possível realizar a hétero definição, em razão de que alguns participantes descumpriam uma explicativa de entregar pessoalmente o seu questionário, e leva consigo o do outro participantes, como a hétero

definição acontecia sem o conhecimento do participante, o inquérito a respeito de quem era o outro questionário não foi realizado.

Quanto a escolaridade dos pais e mães dos jovens que participaram da pesquisa, foi realizada uma análise descritiva de frequência de múltiplas respostas e constatou-se que 38,9% (n= 197) dos pais/mães tinham apenas o nível fundamental, 43,9% (n= 222) o ensino médio e 17,2% (n= 150) possuem o nível superior. Com relação a profissão/ocupação desempenhada pelos pais/mães dos participantes, foi realizada uma análise descritiva de frequência e criadas categorias para facilitar as análises dos dados. Houve a necessidade deste modelo de análise em função da variabilidade de ocupações citadas pela amostra. E o resultado das análises apresenta que apenas 7,2% (n= 28) dos pais/mães desempenham atividades que exijam formação de nível superior. E todo o restante da amostra se subdivide em profissões/ocupações de pouca exigência acadêmica, conforme tabela abaixo:

Tabela 1: Frequência e percentuais da profissão/ocupação dos genitores

Profissão/Ocupação	Pai/Mãe	
	N	%
Profissões de nível superior	28	7,2%
Servidor Público/Aposentado	15	3,8%
Téc. na Construção Civil	24	6,1%
Zeladoria/Serviços	105	26,8%
Industriário/Comerciário	85	21,7%
Trabalhadores autônomo	57	14,6%
Trab. setor de transporte	31	7,9%
Téc. na área de saúde	9	2,3%
Sem profissão /desempregado	20	5,1%
Outros	17	4,3%

3.3.2 Procedimentos e instrumentos

A coleta dos dados somente teve início após a autorização da escola, num primeiro momento os diretores das escolas públicas foram abordados para a apresentação da proposta da pesquisa e solicitado a autorização deles para a aplicação do questionário. Após a autorização para a realização da pesquisa pelos diretores das unidades de ensino, foi ajustado com a coordenação pedagógica um possível dia para que pudesse ser dada início a coleta dos dados.

No dia inicial da pesquisa, foi solicitado aos professores autorização para que fosse possível a entrada do pesquisador na sala de aula e, fosse explicitado aos alunos sobre a pesquisa e a necessidade para que seus pais autorizassem a participação deles na pesquisa. Posteriormente, após a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) devidamente assinado pelos pais dos menores que autorizaram a participação destes na pesquisa, foi marcada o dia e ajustado com a coordenação os dias e horários em que se poderia aplicar o instrumento na sala de aula.

No dia combinado com a coordenação da escola para a aplicação do instrumento, o professor ainda autorizava a entrada do aplicador no ambiente de sala. Na ocasião, era explicado para os participantes o objetivo da pesquisa e passadas as instruções para responder o instrumento.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário semiestruturado composto com 10 perguntas que versavam sobre a percepção das profissões e da segregação racial das ocupações e 11 perguntas de investigação sócio demográfica da amostra (ver anexo A). A elaboração do instrumento levou em consideração o modelo de categorização das ocupações por áreas de concentração conforme o Catálogo de Cursos da Graduação da Universidade

Federal de Sergipe, última versão publicada no ano de 2012 e servindo de modelo para as análises da pesquisa. O questionário buscou avaliar a percepção dos jovens estudantes do ensino médio a respeito do status social a elas atribuído e, da existência de uma segregação racial das ocupações em nossa sociedade. Sendo a coleta realizada nas salas de aula dos próprios participantes, em horário previamente estabelecido e de forma coletiva.

3.3.3 Análise dos dados

Os dados obtidos a partir do questionário foram digitalizados formando um banco de dados no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20. Foram realizados procedimentos exploratórios no banco para verificar a necessidade de ajustes e, seguidos pelo cálculo das estatísticas descritivas das médias.

3.3.4 Aspectos éticos

O projeto da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 88534918.9.0000.5546. E os adolescentes que aceitaram voluntariamente participar da pesquisa, e que obtiveram o consentimento de seus responsáveis, assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) autorizando o uso dos dados coletados. As escolas envolvidas na pesquisa também concederam a autorização para a realização dos estudos.

3.4 Resultados

Para a apresentação dos resultados, seguiremos a ordem indicada pelos objetivos específicos do estudo. Assim, inicialmente apresentaremos as análises relativas a identificação da percepção dos estudantes sobre o status social atribuído às ocupações profissionais. Depois, mostraremos as análises do conhecimento de segregação racial das ocupações profissionais pelos jovens, sua compreensão a respeito da composição dos grupos raciais que ocupam as profissões de alto e baixo status social. Em seguida, apresentaremos análises relativas às percepções dos jovens quanto ao próprio desempenho escolar e a escolha profissional e finalmente, a escolha profissional dos jovens em função da cor da pele e do status social da profissão.

3.4.1 Percepção dos estudantes sobre o status social atribuído às ocupações profissionais.

Para analisar o quanto as profissões são consideradas importantes dentro da sociedade, realizamos análises descritivas de médias e em seguida *teste t student* contra 3, a fim de identificar as diferenças entre as médias das respostas relativas as profissões conforme o grau de importância atribuída a cada uma delas. Foi perguntado o quanto as profissões, separadas por área de concentração, eram consideradas importantes dentro da nossa sociedade. E as respostas foram aferidas através de uma escala Likert, que variou de um (sem importância) a cinco (extremamente importante). Essa análise permitiu a criação de hierarquias de diferenças, conforme descrição nas Tabelas 2 e 3.

Da primeira categoria analisada, a das Ciências Agrárias, foi obtido como resultado que a amostra partilha da ideia de que o curso de Medicina Veterinária é o mais importante.

Os cursos de Engenharia Florestal, Engenharia de Alimentos e Engenharia Agrícola foram considerados medianamente importantes. E os demais, considerados pouco

Já na área de Ciências Humanas, o curso psicologia foi considerado o de maior importância na sociedade. Na sequência os cursos de Pedagogia e História, Geografia, Filosofia e Ciências Sociais com grau de importância mediana, e por fim, Arqueologia e Ciências da Religião considerados sem importância (ver tabela 2). Para a área de Ciências Sociais Aplicadas o curso de Direito foi considerado extremamente importante, os cursos de Economia e Administração são considerados igualmente muito importantes. Seguidos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Serviço Social, Com. Social – Jornalismo, Relações Internacionais, Comunicação Social – Audiovisual, Ciências Contábeis, Design Gráfico, Turismo, Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e Secretariado Executivo como medianamente importantes e as demais, Museologia, Biblioteconomia e Ciências Atuárias foram considerados pouco importantes, conforme Tabela 2.

Tabela 2: Teste t *student* das médias de quanto as profissões são consideradas importantes.

Ciências Agrárias; Biológicas e da Saúde; Humanas e Sociais Aplicadas I

Concentração/Profissão	M	Desvio	N	T	Df	S
Ciências Agrárias						
Veterinária	4,13	0,97	252	18,567	243	0,000
Engenharia Florestal	3,57	1,094	249	8,223	248	0,000
Engenharia de Alimentos	3,52	0,97	248	8,557	247	0,000
Engenharia Agrícola	3,49	0,92	244	8,215	243	0,000
Engenharia Agrônômica	3,26	0,94	249	4,373	248	0,000
Zootecnia	2,93	1,106	250	-1,029	249	0,304
Pesca	2,80	0,10	251	-3,096	250	0,002
Ciências Biológicas e da Saúde						
Medicina	4,87	0,504	253	59,155	252	0,000
Enfermagem	4,49	0,749	253	31,743	252	0,000
Odontologia	4,35	0,761	252	28,153	251	0,000
Fisioterapia	4,34	0,779	253	27,426	252	0,000
Nutrição	4,25	0,779	251	25,526	250	0,000
Farmácia	4,16	0,846	252	21,742	251	0,000
Fonoaudiologia	4,06	0,934	252	18,074	251	0,000
Biologia	3,84	0,944	238	13,800	237	0,000
Ecologia	3,64	0,959	253	10,681	252	0,000
Educação Física	3,62	1,009	252	9,742	251	0,000

Tabela 2 – Teste *t student* das médias de quanto as profissões são consideradas importantes.

Ciências Agrárias; Biológicas e da Saúde; Humanas e Sociais Aplicadas I - Continuação

Concentração/Profissão	M	Desvio	N	T	Df	S
Ciências Humanas						
Psicologia	4,26	0,908	252	22,074	251	0,000
Pedagogia	3,90	1,055	252	13,496	251	0,000
História	3,80	1,067	251	11,831	250	0,000
Geografia	3,62	1,058	250	9,263	249	0,000
Filosofia	3,11	1,242	250	1,375	249	0,170
Ciências Sociais	3,06	1,074	249	0,885	248	0,377
Arqueologia	2,82	1,037	242	-2,665	241	0,008
Ciências da Religião	2,68	1,095	252	-4,660	251	0,000
Ciências Sociais Aplicadas I						
Direito	4,62	0,695	252	37,079	251	0,000
Economia	3,84	0,935	249	14,231	248	0,000
Administração	3,83	0,891	243	14,545	242	0,000
Arquitetura e Urbanismo	3,57	0,968	250	9,345	249	0,000
Serviço Social	3,56	1,124	253	7,886	252	0,000
Com. Social – Jornalismo	3,54	1,031	249	8,295	249	0,000
Relações Internacionais	3,33	1,148	253	4,600	252	0,000
Com. Social – Audiovisual	3,33	1,045	249	4,914	248	0,000
Ciências Contábeis	3,31	0,906	249	5,327	247	0,000
Designer Gráfico	3,15	0,989	252	2,356	251	0,019
Turismo	3,09	1,116	253	1,239	252	0,217
Secretariado Executivo	3,04	1,035	252	0,548	251	0,584
Publicidade e Propaganda	3,02	0,967	232	0,272	231	0,786
Museologia	2,57	1,084	253	-6,266	252	0,000
Biblioteconomia	2,55	0,971	249	-7,377	248	0,000
Ciências Atuariais	2,53	0,984	249	-7,473	248	0,000

Na área de Linguística, Letras e Artes, pode-se ver na Tabela 3 que o curso de Letras/Português aparece como um curso considerado muito importante. Seguidos dos cursos de Letras/Inglês e Letras/Espanhol, Música com importância mediana. E os cursos de Teatro, Dança e Artes Visuais foram considerados com pouca importância. A Tabela 3 demonstra que na área de Ciências Exatas e da Terra o curso de Matemática foi considerado o mais importante. Seguido de Física Médica, Química, Física, Engenharia da Computação, Ciência da Computação, Sistemas da Informação, Estatística, Geologia, e Astronomia todos eles com grau de importância medianamente semelhante.

Para a área de concentração das Engenharias, o curso de Engenharia Civil esteve no topo da hierarquia. Seguido pelo curso de Engenharia do Petróleo, ambos considerados muito importantes. Os cursos de Engenharia Eletrônica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Engenharia de Produção, Engenharia Ambiental e Engenharia Eletrotécnica foram considerados como importância mediana (ver tabela 3).

Tabela 3: Teste t *student* das médias de quanto as profissões são consideradas importantes. Linguística, Letras e Artes, Ciências Exatas e da Terra; Engenharias e Ciências Humanas.

Profissão	M	Desvio	N	T	Df	S
Linguística, Letras e Artes						
Letras / Português	4,22	0,991	251	19,554	250	0,000
Letras / Inglês	3,90	0,962	251	14,765	250	0,000
Letras / Espanhol	3,58	1,043	252	8,875	251	0,000
Música	3,08	1,109	251	1,196	250	0,233
Teatro	2,86	1,046	252	-2,167	251	0,031
Dança	2,69	1,073	249	-4,606	248	0,000
Artes Visuais	2,66	1,007	237	-5,225	236	0,000
Ciências Exatas e da Terra						
Matemática	3,99	1,079	252	14,601	251	0,000
Física Médica	3,81	1,002	250	12,809	249	0,000
Química	3,81	1,124	252	11,438	251	0,000
Física	3,61	1,066	253	9,084	252	0,000
Eng. da computação	3,47	1,018	253	7,290	252	0,000
Ciências da Computação	3,39	1,038	247	5,948	246	0,000
Sistemas de Informação	3,32	1,094	253	4,714	252	0,000
Estatística	3,23	1,071	249	3,432	248	0,001
Geologia	3,17	1,020	252	2,595	251	0,010
Astronomia	3,12	1,129	253	1,726	252	0,086
Engenharias						
Engenharia Civil	4,29	0,826	253	24,813	243	0,000
Engenharia do Petróleo	4,17	0,833	252	22,375	251	0,000
Engenharia Eletrônica	3,96	0,931	253	16,338	252	0,000
Engenharia Mecânica	3,94	0,924	253	16,132	252	0,000
Engenharia Química	3,89	0,987	253	14,263	252	0,000
Engenharia de Produção	3,84	0,911	251	14,614	250	0,000
Engenharia Ambiental	3,83	0,975	244	13,270	243	0,000
Engenharia Eletrotécnica	3,82	0,936	253	13,964	252	0,000

A partir dos resultados das análises das médias obtidas, foi calculada a média geral de todas as profissões, e o resultado obtido foi a média de 3,58. Ela foi estabelecida como ponto de classificação das profissões como importantes dentro da nossa sociedade. E a partir deste critério, as profissões que obtiveram média individual igual ou superior a média geral de 3,58 foram os cursos de Medicina Veterinária, todas as profissões da área das Ciências Biológicas e da Saúde, Geografia, História, Pedagogia, Psicologia, Administração, Economia, as licenciaturas em Letras Português/Inglês/Espanhol, Física, Física Médica, Matemática, Química, todas as da área de Engenharia e Direito. De modo que segundo esta análise, pode-se concluir que todas estas são consideradas as mais importantes dentro da sociedade.

3.4.2 As profissões mais rentáveis em nossa sociedade.

Foi solicitado aos participantes que identificassem as profissões que eles consideravam as mais rentáveis dentro da nossa sociedade. E para interpretação dos dados foi realizada a análise descritiva de frequência por área de concentração de cada curso. Foram estabelecidos como critérios de inclusão na lista das profissões consideradas mais rentáveis os dois cursos com maior percentual de indicação e/ou, os cursos que obtiveram um percentual superior a 50% da amostra. Entretanto, como critério para a classificação final das profissões mais rentáveis, só foram consideradas as profissões em que o percentual de indicação foi superior a 50% da amostra. A tabela 4 demonstra que os cursos de Medicina, Engenharia Civil e Direito, foram os três primeiros considerados mais rentáveis colocando-se na primeira, segunda e terceira colocação; escolhidos por 96,4%, 89,3% e 88,1% da amostra, respectivamente. Na quarta e na quinta colocação ficaram os cursos de Engenharia de Petróleo e Medicina Veterinária, com percentuais de escolha de 78,3% e 71,5% da amostra, respectivamente. A

sexta e sétima colocação foi preenchida pelos cursos de Odontologia e enfermagem, com percentuais de escolha de 70% e 65,5%, respectivamente. E na sequência, os três últimos cursos da lista foram o de Engenharia Mecânica, Administração, Fisioterapia, com percentuais de 65,2%, 63,6% e 56,1%, respectivamente.

Tabela 4: Percentuais das profissões mais rentáveis e ordem de classificação em graus

Área de concentração	Curso	Porcentagem	Colocação
Ciências Agrárias	Medicina Veterinária	71,5%	5º
	Eng. Agrícola	47,4%	**
Ciências Biológicas e da Saúde*	Medicina	96,4%	1º
	Odontologia	70%	6º
	Enfermagem	65,6%	7º
	Fisioterapia	56,1%	10º
	Pedagogia	46,6%	**
Ciências Humanas	História	32,1%	**
	Direito	88,1%	3º
Ciências Sociais Aplicadas	Administração	63,6%	9º
	Letras/Português	47%	**
Linguística, Letras e Artes	Letras/Inglês	42,7%	**
	Engenharia da Computação	48,6%	**
Ciências Exatas e da Terra	Física Médica	30%	**
	Eng. Civil	89,3%	2º
Engenharias*	Eng. do Petróleo	78,3%	4º
	Eng. Mecânica	65,2%	8º

* Foi incluído a terceira opção devido a porcentagem ter sido superior a 50% da amostra.

** não atende ao critério de ter recebido a indicação por mais de 50% da amostra.

3.4.3 As profissões menos rentáveis em nossa sociedade.

A fim de identificar as profissões consideradas menos rentáveis dentro da nossa sociedade, foi realizada a análise descritiva de frequência por área de concentração de cada curso. Estabeleceu-se como critérios de inclusão na lista das profissões menos rentáveis as duas primeiras com maior indicação por área de concentração e a inclusão dos cursos que

obtiveram um percentual de indicação superior a 50% da amostra. Entretanto, como critério para a classificação das profissões menos rentáveis, apenas foram consideradas as profissões em que o percentual de indicação foi superior a 50% da amostra.

Conforme a Tabela 5, podemos observar que os cursos considerados menos rentáveis são: Ciências da religião, escolhido por 69,2%, seguido pelo curso de Biblioteconomia com percentual de escolha de 68,4%. Na terceira colocação está o curso de Museologia, com 64,8% de escolha; Artes visuais e Engenharia de Pesca ficaram na quarta e quinta colocação com percentuais de 61,7% e 56,1%, respectivamente. Os cursos de Teatro e Zootecnia ocuparam a sexta e sétima colocação, com percentuais de 54,9% e 53,4%, respectivamente. E na última colocação o curso de Ecologia com 51,8%.

Tabela 5: Frequência das profissões menos rentáveis e ordem de classificação em graus

Área de concentração	Curso	Porcentagem	Colocação
Ciências Agrárias	Engenharia de Pesca	56,1%	5º
	Zootecnia	53,4%	7º
Ciências Biológicas e da Saúde	Ecologia	51,8%	8º
	Educação Física	40,7%	
Ciências Humanas	Ciências da Religião	69,2%	1º
	Filosofia	46,6%	**
Ciências Sociais Aplicadas	Biblioteconomia	68,4%	2º
	Museologia	64,8%	3º
Linguística, Letras e Artes*	Artes Visuais	61,7%	4º
	Teatro	54,9%	6º
	Dança	53,4%	7º
Ciências Exatas e da Terra	Geologia	39,9%	**
	Sistemas de Informação	39,5%	**
Engenharias*	Eng. Ambiental	34%	**
	Eng. de Produção	17,4%	**

* Foi incluído a terceira opção devido a porcentagem ter sido superior a 50% da amostra.

** não atende ao critério de ter recebido a indicação por mais de 50% da amostra.

3.4.4 As profissões bem-sucedidas

Solicitou-se ainda aos participantes que mencionassem três profissões julgadas de pessoas profissionalmente bem-sucedidas. De modo que cada participante teve a possibilidade de mencionar três opções de respostas diferentes. Realizou-se uma análise descritiva de frequência de múltiplas respostas e, identificadas as 3 profissões com maior indicação, bem como foram analisadas as áreas de concentração em razão da soma dos percentuais de cada profissão. O curso de Medicina teve maior destaque com 22,4% (n= 163), em seguida o curso de Direito com 18,8% (n= 137) e Engenharia Civil com 13,1% (n= 95).

Num contexto amplo, obteve-se que as profissões das áreas de concentração das Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas e Engenharias tiveram maiores indicações para o julgamento de profissões bem-sucedidas, com 38,9%, 27,6% e 21,5%, respectivamente. Entretanto, na área Ciências Sociais Aplicadas houve uma grande disparidade nos percentuais das profissões, o curso de Direito representou 18,8%, seguido do curso de Administração com apenas 2,5% do total atribuído a categoria e, as demais profissões não passaram de 1,5% cada uma delas. As outras áreas de concentração apresentaram percentuais discrepantes se relacionadas as três primeiras. As Ciências Exatas e da Terra apresentou 4,9%, e as Ciências Agrárias, Linguística, Letras e Artes e das Ciências Humanas apresentaram os percentuais mais baixos ainda, 2,7%, 2,3% e 2,1%, respectivamente.

3.4.5 As profissões malsucedidas

Quanto ao item em que foi avaliada as profissões em que os participantes acreditam que seriam de pessoas profissionalmente malsucedidas, cada participante teve opções de respostas distintas. E ao se realizar a análise de frequências descritivas de múltiplas respostas foram identificadas somente 3 profissões com indicação significativa e discriminadas as áreas de concentração em função da soma dos percentuais de indicação por profissão. Como resultado da análise das profissões malsucedidas, a Dança teve maior indicação com 10,5% (n= 75), seguido de Museologia 10,1% (n= 72) e Teatro 7,9% (n=76).

Por área de concentração a de Linguística, Letras e Artes representou 30,9% das indicações, seguido das Ciências Sociais Aplicadas com 27,2%, contudo, neste caso o curso de Direito representa apenas 0,7% do total atribuído a área. As Ciências Humanas com 16,6%, as Ciências Exatas e da Terra 8,7%, as Ciências Agrárias com 8,6%, as Ciências Biológicas e da Saúde 7,4%, e as Engenharias representaram apenas 0,6% das indicações dos participantes.

3.4.6 Quais profissões são de alto status social

Com base nas análises descritivas de frequências foi possível categorizar as profissões em alto e baixo status social. Foi estabelecido que a categorização das profissões como de alto status social levaria em consideração os três critérios avaliados anteriormente: O quanto as profissões são consideradas importantes; quais são as mais rentáveis; e quais as que favorecem ao hetero julgamento como pessoas profissionalmente bem-sucedidas. Na perspectiva dicotômica de classificação das profissões em alto e baixo status social, entendeu-se que se as profissões que não atendessem aos critérios de classificação de alto status, automaticamente seria enquadrada em categoria de baixo status social.

Para cada critério analisado, o enquadramento na categoria de alto status social, dependeu se a profissão obteve índices superiores a média da área de concentração em que estava sendo avaliada. Tomando como base os dados da tabela 4, cada profissão foi avaliada a média individualmente com relação aos critérios citados. E as profissões que em todos os casos tiveram percentuais acima da média de seu grupo, foram incluídas na tabela 6. Os resultados apresentaram apenas 10 profissões que atenderam aos critérios e foram categorizadas como profissões de alto status social. As demais, por consequência, foram consideradas de baixo status social.

Tabela 6: Frequência das profissões de alto status social e ordem de classificação em graus

Profissão/Ocupação	Mais Rentáveis	Julgamento como bem-sucedidas		Grau de importância	
	% da amostra	% da mostra	% Média da área	Média	Média da área
Medicina	96,4%	22,4%	3,8%	4,87	4,16
Eng. Civil	89,3%	13,1%	2,68%	4,32	3,89
Direito	88,1%	18,8%	2,7%	4,62	3,20
Eng. do Petróleo	78,3%	4,0%	2,68%	4,18	3,89
Med. Veterinária	71,5%	2,1%	0,38%	4,15	3,38
Odontologia	70%	3,9%	3,8%	4,35	4,16
Enfermagem	65,5%	5,1%	3,8%	4,52	4,16
Eng. Mecânica	65%	3,3%	2,68%	3,93	3,89
Administração	63,6%	2,5%	0,71%	3,83	3,31
Fisioterapia	56,1%	3,9%	3,8%	4,36	4,16

3.4.7 Qual a profissão deseja exercer no futuro.

Foi solicitado aos participantes que relatassem qual profissão eles prospectam como atuantes na sua vida adulta. Realizada a análise descritiva da frequência foi obtido os dados

registrados na tabela 7. As porcentagens das profissões foram somadas por área de concentração e constatado que 34,8% dos participantes demonstraram interesse por profissões da área de concentração das Ciências Biológicas e da Saúde, a área das Ciências Sociais Aplicadas obteve preferência de 18,4%, seguido da Ciências Humanas com 11,6%. A área das Engenharias 10,4%, as Ciências e Exatas e da Terra 7,6%. E as áreas Linguística, Letras e Artes e Ciências Agrárias obtiveram os menores percentuais de projeção profissional, com 4,8% e 4%, respectivamente.

Tabela 7: Frequência das profissões que desejam exercer e ordem de classificação em graus

Profissão/Curso	Respostas		Profissão/Curso	Respostas	
	n	Percentual		n	Percentual
Medicina	27	10,8%	Farmácia	2	,8%
Direito	25	10,0%	Com. Social - Jornalismo	2	,8%
Psicologia	22	8,8%	Com. Social - Pub. e Propaganda	2	,8%
Enfermagem	20	8,0%	Letras/Inglês	1	,4%
Engenharia Civil	16	6,4%	Física	1	,4%
Fisioterapia	12	4,8%	Física Médica	1	,4%
Medicina Veterinária	10	4,0%	Matemática	1	,4%
Ciências da Computação	10	4,0%	Sistemas da Informação	1	,4%
Administração	8	3,2%	Teatro	1	,4%
Nutrição	8	3,2%	Engenharia Ambiental	1	,4%
Educação Física	7	2,8%	Engenharia do Petróleo	1	,4%
Odontologia	7	2,8%	Engenharia da Produção	1	,4%
Engenharia Mecânica	5	2,0%	Engenharia Eletrônica	1	,4%
Letras/Português	4	1,6%	Ciências Contábeis	1	,4%
Biologia	4	1,6%	Economia	1	,4%
Arquitetura e Urbanismo	4	1,6%	Engenharia Química	1	,4%
História	4	1,6%	Artes Visuais	1	,4%
Dança	3	1,2%	Design Gráfico	1	,4%
Pedagogia	3	1,2%	Relações Internacionais	1	,4%
Astronomia	3	1,2%	Serviço Social	1	,4%
Engenharia da	2	,8%	Outros	21	8,4%

Computação					
Letras/Espanhol	2	,8%	TOTAL	250	100,0%

3.4.8 Conhecimento de segregação racial das ocupações profissionais pelos jovens

Afim de analisar o conhecimento da existência de segregação racial das ocupações profissionais pelos jovens, perguntou-se quais grupos sociais eles percebiam como os que ocupavam as profissões consideradas bem-sucedidas? Os participantes respondiam considerando os seguintes grupos: Índios, Homens, Negros, Heterossexuais, Mulheres, Ciganos, Brancos e LGBT e estiveram livres para marcar um ou mais dentre as oito opções. Em seguida realizou-se análises descritivas de frequências de múltiplas respostas que indicaram que os grupos que ocupam as profissões consideradas bem-sucedidas são, majoritariamente, o grupo dos Homens 29,2% (n= 232), dos Brancos 28,3% (n= 225). O grupo das Mulheres 15,3% (n= 122), dos Heterossexuais 14,7% (n= 117). Os outros grupos tiveram percentuais pouco robustos, a exemplo, os Negros 7,3% (n= 58), LGBT 3,4% (n= 27), Índios e Ciganos 0,9 % (n= 7) cada um.

Quanto a percepção dos participantes sobre quais grupos sociais integravam as profissões malsucedidas na sociedade, as análises descritivas de frequências de múltiplas respostas demonstraram que os participantes percebem que os grupos que ocupam as profissões malsucedidas são os Índios 22,2% (n= 192) e os Ciganos 20,1% (n= 174). Em seguida os Negros com 19,1% (n= 165), o grupo LGBT 17,5% (n= 151), Mulheres 9,7% (n= 84). Os outros grupos tiveram percentuais pouco robustos, a exemplo, os Heterossexuais 7,1% (n= 61), Homens 2,7% (n= 23) e Brancos 1,6% (n= 14)

3.4.9 Composições dos grupos raciais que ocupam as profissões de alto e baixo status social

Foi solicitado aos participantes que expressassem a percepção deles a respeito da composição racial das profissões dentro da sociedade. Cada participante pôde identificar por profissão, a composição racial da categoria em função das opções de branco, pardo e negro. Para fins de análise foram criadas apenas duas categorias: brancos e pretos, sendo esta última formada partir dos dados indicados para os pardos e negros no questionário.

Foram realizadas análises descritivas de frequência das profissões reconhecidas pela amostra como as profissões de alto status social. E os resultados apresentaram que os participantes consideram que a profissão de Medicina é composta por 60,5% de brancos e apenas 10,7% de negros; na Eng. Civil 45,8% são brancos e, somente 20,9% negros. No curso de direito 40,3% formada por brancos e 23,7% de negros. Diferenças semelhantes foram observadas em 80% de toda a tabela, somente nos cursos de Engenharia Mecânica e Administração a percepção dos negros nestas profissões foi superior a dos brancos, entretanto, a porcentagem dos que não sabem ou não responderam foi bastante elevada. Esses resultados são apresentados na Tabela 8.

Tabela 8: Frequência da composição racial das profissões de alto status social e ordem de classificação em graus

Profissão	Brancos	Negros	Ambos	Não sei/ não respondeu
Medicina	60,5%	10,7%	3,2%	25,7%
Engenharia Civil	45,8%	20,9%	2,8%	30,4%
Direito	40,3%	23,7%	3,2%	32,4%
Engenharia do Petróleo	33,2%	26,1%	2%	38,7%
Medicina Veterinária	41,5%	26,9%	2,8%	28,9%
Odontologia	43,1%	17,4%	3,2%	36,4%
Enfermagem	39,5%	23,7%	4,3%	32,4%
Engenharia Mecânica	23,3%	25,7%	1,2%	49,8%
Administração	27,7%	28,1%	2%	42,3%
Fisioterapia	33,2%	24,5%	2,4%	39,9%

Quanto a análise das profissões que foram consideradas as menos restáveis dentro da sociedade os resultados revelam que os participantes percebem uma composição racial totalmente inversa aos dados das profissões consideradas de alto status social. Nas profissões como Ciências da Religião 9,1% são brancos, contra 31,2% de negros; em Biblioteconomia 10,3% são brancos e 23,7% negros, e em Museologia 7,5% são brancos e 22,5% são negros. Dados semelhantes são encontrados em todas as profissões que compõe a tabela, na qual a maioria das profissões a etnia negra se destaca consideravelmente, havendo também destaque para alta porcentagem dos que não responderam ou não sabem, conforme a Tabela 9.

Tabela 9: Frequência da composição racial das profissões menos rentáveis na sociedade e ordem de classificação em graus

Profissão	Branco	Negro	Ambos	Não sei/ não respondeu
Ciências da Religião	9,1%	31,2%	1,6%	58,1%
Biblioteconomia	10,3%	23,7%	0,8%	65,2%
Museologia	7,5%	22,5%	0,8%	69,2%
Artes Visuais	17,4%	37,9%	1,2%	43,5%
Engenharia de Pesca	7,5%	36%	1,2%	43,5%
Teatro	11,1%	39,9%	4%	45,1%
Dança	12,3%	46,2%	3,6%	37,9%
Ecologia	10,3%	25,3%	3,2%	31,3%

3.4.10 Escolha profissional dos jovens em função da cor da pele e do status social da profissão

Aprofundando as análises sobre a composição racial da amostra, foi investigado as opções de escolha profissional por grupo. Foi realizado um teste de *Qui-quadrado* para

análise de frequência das escolhas profissionais dos participantes em função da hetero definição da cor de pele e opções das profissões de alto status social. Constatou-se que o curso de Medicina foi o mais indicado como projeção profissional para os dois grupos, os brancos (8,5%) e os negros (12,9%), a escolha por Engenharia Civil para o grupo dos negros (10,5%) foi significativamente superior ao do grupo dos brancos (2,3%), e na opção pela profissão de Direito, os brancos (12,4%) tiveram maior percentagem de escolha quando comparado aos negros (6,5%), conforme descrição na Tabela 10.

Semelhante análise foi realizada tomando como base as profissões consideradas as menos rentáveis, em outras palavras, as profissões de baixíssimo status social. Constatou-se que ambos os grupos possuem baixo interesse de escolha pelas profissões menos rentáveis, havendo apenas 0,8% (n= 1) de escolha pelo curso de Artes Visuais e 0,8% (n= 1) pelo curso de Dança do total de 129 participantes brancos e, para o grupo dos negros, 0,8% (n= 1) escolheu o curso de Teatro e 1,6% (n= 2) o curso de Dança do total de 124 participantes.

Tabela 10: Frequência da escolha por profissões de alto status social em função da cor de pele

Escolha Profissional	Brancos			Negros		
	n	%	Participantes	n	%	Participantes
Medicina	11	8,5%	129	16	12,9%	124
Engenharia Civil	3	2,3%		13	10,5%	
Direito	16	12,4%		8	6,5%	
Engenharia do Petróleo	0	0		1	0,8%	
Medicina Veterinária	5	3,9%		5	4%	
Odontologia	4	3,1%		2	1,6%	
Enfermagem	10	7,8%		10	8,1%	
Engenharia Mecânica	1	0,8%		4	3%	
Administração	1	0,8%		1	0,8%	
Fisioterapia	7	5,5%		5	4%	

3.5 Discussão

O objetivo desse estudo foi investigar quais as percepções dos jovens a respeito das profissões, quais são percebidas como de alto ou baixo status social e como é percebida a pertença grupal destas ocupações em função da cor de pele na cidade de Aracaju. A primeira hipótese (H1) predisse que independentemente da cor da pele os jovens perceberão segregação racial nas profissões. E os resultados confirmaram a hipótese levantada pois os jovens de maneira geral percebem algumas profissões como compostas majoritariamente por pessoas brancas, a exemplo de Medicina, Eng. Civil, Direito, Odontologia, Veterinária, e outras que são formadas por negros. Dessa forma para as profissões de elevada importância social, as que foram consideradas mais rentáveis, e as que classificariam o sujeito como bem-sucedido, os percentuais atribuídos aos negros eram bastante inferiores se comparados aos que foram atribuídos aos brancos.

A confirmação desta hipótese vem reforçar com os resultados do estudo de Lima e Vala (2005) que ao investigarem a cor do sucesso no Brasil constataram que os universitários percebem que o grupo de sucesso, o de alto status social, é composto por mais brancos, e o grupo de fracasso, percebido etnicamente enegrecida. Diante de tal realidade, suscita-nos o questionamento sobre em qual medida, poderia o sujeito, responder positivamente, ao que o meio social espera dele? Em outras palavras, como os estereótipos podem interferir na vida social do indivíduo do qual é esperado ocupar determinado espaço profissional. Os estudos sobre profecias autorrealizadora comprovam o quanto os estereótipos são prejudiciais (Rosenthal, 2003; Rosenthal & Jacobson, 1968; Brito & Lomaco, 1983; Otta, Leme & Sampaio, 1983). E Santos e Scopinho (2011) corroboram com a ideia quando percebem que particularmente, para os jovens negros, os estereótipos se constituem num desafio para

acessarem ao mercado de trabalho e a pertença étnico-racial é um ponto de vulnerabilidade no Brasil.

A segunda hipótese (H2), a qual testava se independentemente da cor de pele dos jovens haveria uma maior atribuição de pessoas brancas para as profissões de alto status social do que de pessoas negras, foi confirmada, corroborando com os achados do estudo de Bliger, Averhart e Liben, (2003) realizados com crianças negras nos EUA. Os resultados apresentaram que em geral as profissões de alto status são percebidas como majoritariamente formada por pessoas brancas. E conforme mais elevada a posição na hierarquia da tabela, maior era a disparidade nos percentuais de composição de brancos e negros. Curiosamente, a única exceção foi para a Engenharia Mecânica, na qual 25,7% atribuíram esta profissão de maioria negra, e 23,3% atribuíram aos brancos, entretanto, 49% do total dos participantes se abstiveram/não souberam responder. Tal realidade faz coro ao que foi constatado na pesquisa do Instituto Ethos e o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID (2016) da quase invisibilidade dos negros em ocupações de alto status dentro das organizações do trabalho, corrobora com os estudos de Chaderevian (2011) que concluiu que no Brasil havia uma severa discriminação racial no que tange as oportunidades de trabalho e coadunam com as ideias apresentadas por Hasenbalg (1992).

A confirmação da hipótese H2, relembra estudos sobre o lugar social dos grupos, ou seja, há uma expectativa social do trabalho que é esperado do indivíduo em razão de sua cor de pele. Para os jovens negros, no que tange as profissões de alto status sociais, conforme ideia de Santos e Scopinho (2011) eles não integram a este grupo, estão excluídos “fora do jogo”. E este lugar social é delimitado desde muito cedo para o negro, desde a mais tenra idade escolar, o negro já experimenta a triste realidade dos julgamentos discriminatórios conforme averiguou França (2017). E quando jovem, constata um mercado de trabalho quase limitado, embranquecido e supostamente meritocrático (Campos, 2017; Chadaverian, 2011).

Steele e Aronson (1995) em sua teoria da ameaça dos estereótipos postularam que um indivíduo prestes a realizar uma tarefa, em que os estereótipos a respeito do seu grupo de pertença tenham relação com a tarefa a vir a ser desenvolvida, terá seu desempenho diminuído. De modo que o contexto dos estereótipos se torne em algo ameaçador ao seu desempenho. Esta teoria pode ajudar a compreender os processos psicológicos que estão subjacentes a escolha da profissão do sujeito. Imaginemos, a partir do que postulou esta teoria, o quanto para o negro, o simples fato de tornar pública a sua escolha profissional, diante de um contexto de segregação racial do trabalho, pode se constituir num fator que o faça adequar sua escolha as profissões condizentes com o seu grupo social. E neste sentido, trata-se das profissões de baixíssimo status social. Sendo que em todos os casos, a maior atribuição da composição racial destas ocupações foi atribuída aos negros.

Tal hipótese ainda traz à tona uma realidade estereotipada dos grupos raciais em relação a sua escolha profissional. Se além das limitações da condição social imposta aos que são economicamente desfavorecidos, conforme dados de grande parte da amostra da pesquisa, para os negros, ainda é reforçada a situação desfavorável, com os estereótipos que vão sendo partilhados e solidificados num contexto pouco animador das relações intergrupais em que se é esperado dos indivíduos determinada atuação profissional em função da sua cor de pele (Costa, 2015; Silva, 2017; Rivera, 2009).

A hipótese 3 (H3) testou se jovens negros escolheriam, mais do que os jovens brancos, profissões de baixo status social. Tal perspectiva estava embasada na realidade da estereotipia negativa a respeito do desempenho e da capacidade profissional dos negros dentro da sociedade (Santos & Scopinho, 2011; Silva & Araújo, 2005; França 2017), na falta de espaços de visibilidade (Lima & Vala 2005; Guimarães, 2002, 2005; Neto, 2015) e nas poucas oportunidades dadas aos integrantes deste grupo (Piovesan, 2006).

Entretanto, a hipótese H3 foi refutada. A partir das análises realizadas com as profissões de alto status, percebeu-se que os negros, em geral preferem e prospectam o desempenho futuro com mais profissões de alto status social do que os brancos. O que se sabe é que esta prospecção, na atualidade, é possível de vir a ser realidade em razão das políticas de cotas raciais empregada no Estado brasileiro (Albuquerque & Silva, 2017). E talvez, seja os efeitos das políticas de ações afirmativas que sejam as responsáveis pelos resultados animadores em que os negros escolham mais por profissões de alto status. Contrariando as limitações econômicas, históricas e sociais impostas a seu grupo.

Ou podemos entender que um outro aspecto talvez se constitua numa explicação pra os resultados animadores encontrados. Antecipadamente, já ressaltamos que tal fato necessita de maior investigação de modo resultar em replicações deste estudo. E tal aspecto se apoia no fato de que o aplicador do questionário foi um sujeito negro. Tal afirmação surge em razão de estudos empíricos (Marx & Goff, 2005; Danso & Esses, 2001; Wout et al., 2009) que apresentam em seus resultados a interferência da etnia do aplicador. De modo que podemos inferir que se fosse um aplicador branco, os resultados poderiam sofrer alterações.

CAPÍTULO IV

A AMEAÇA DOS ESTEREÓTIPOS EM JOVENS NEGROS NA ESCOLHA PROFISSIONAL

Neste capítulo será abordado o desenho metodológico da pesquisa quase experimental realizada com jovens estudantes do ensino médio da rede pública de Aracaju. O desenho do quase experimento tomou como base o estudo embrionário da ameaça dos estereótipos (Steele & Aronson, 1995). Entretanto, este estudo foi empregado numa situação de contexto real em sala de aula, e envolvendo as aspirações profissionais dos jovens em razão do status social atribuído a profissão na sociedade. Descreveremos os objetivos, hipóteses, o método utilizado, ou seja, descrição dos participantes, os instrumentos e procedimentos, os aspectos éticos e a análise dos dados. Por fim, serão apresentados os resultados encontrados e a discussão de acordo com a literatura estudada.

4.1 Objetivo Geral

O presente estudo pretendeu investigar a possível interferência da ameaça dos estereótipos em adolescentes negros diante da escolha de sua ocupação profissional. Para tanto, realizamos um estudo replicando o modelo da pesquisa de Steele e Aronson (1995), no contexto escolar relacionado as escolhas profissionais e o status social atribuído as profissões na sociedade.

4.1.1 Objetivos específicos

- Averiguar as diferenças nas escolhas das profissões dos brancos e negros do grupo submetido a condição de ameaça do estereótipo com os submetidos a condição de não ameaça.

4.2 Hipóteses

H1: Os jovens negros do grupo da condição de ameaça escolherão profissão de baixo status social, se comparado as escolhas dos jovens negros na condição de não ameaça.¹

H2: As escolhas dos brancos não serão afetadas pela condição de ameaça e de não ameaça ao estereótipo.

4.3 Método

4.3.1 Amostra

Participaram da pesquisa 265 (duzentos e sessenta e cinco) jovens, alunos do 2º e 3º anos dos Colégios Estaduais Prof. João Costa, Atheneu Sergipense e Dom Luciano, unidades de ensino da rede pública, localizados em Aracaju-Sergipe. A mostra foi composta por 96 homens (36,2%) e 169 (63,8%) mulheres, com faixa etária entre 15 e 24 anos e média de 17,49. Em relação as informações acadêmicas, 40 (15,1%) cursavam a 2º série e, 225 (84,9%)

¹ Como a hipótese 1 é unidirecional, pode-se analisar o teste considerando um lado da curva normal. Assim, o resultado da significância $p= 0.065$ que demonstraria uma tendência a significância se considerarmos ambos os lados da curva normal, torna-se altamente significativo considerando-se um dos lados da curva normal (ou seja, $p= 0.0325$).

cursavam a 3º série. O desempenho anual médio foi 7,01. E 84,2% (n= 223) nunca reprovaram e 15,8% (n= 42) já havia reprovado no ensino médio.

Acerca dos aspectos religiosos 52,5% (n = 139) são católicos, 29,9 (n= 78) evangélicos, 1,1% (n= 3) espíritas, 2,3% (n= 6) participam de religiões afro-brasileiras, e 14,7% (n = 39) escolheram a opção “outros”. Cerca de 74% (n= 196) das famílias dos participantes sobrevivem com renda entre um e dois salários, 18,9% (n= 50) possuem renda entre 3 e 4 salários e, 7,2% (n= 19) possuem renda acima de 4 salários. E 90,2% (n= 239) dos entrevistados passaram sua infância em área urbana, contra 9,8% (n= 26) que viveram em área rural.

A respeito dos aspectos étnicos/raciais da amostra, a investigação se processou de duas formas distintas: a auto e a hétero definição da cor de pele. A autodefinição foi avaliada de duas formas: uma qualitativa e outra quantitativa. Na qualitativa os participantes referiram livremente a qual raça/etnia eles pertenciam. E 15,8% (n= 42) declararam-se brancos, 0,8% (n= 2) indígena, 20% (n= 53) negros e 63,4% (n= 168) pardos. A autodefinição quantitativa foi realizada no final do instrumento, juntamente como as informações sociodemográficas, e foi realizada através de uma escala *Likert* de 7 pontos, sendo 1, o tom de pele mais branco e a opção 7, o tom de pele mais negro. E na análise dos dados, as opções 1, 2 e 3 foram categorizados como cor de pele branca, e as opções 4, 5, 6 e 7 como cor de pele negra. Os resultados apresentam que 39,6% (n= 105) se definem como branco e, 60,4% (n=160) se definem negro.

Já a hétero definição foi avaliada apenas de forma quantitativa e realizada pelo pesquisador sem o conhecimento do participante. Para isso foi utilizada uma escala tipo *Likert* de 7 pontos, sendo 1, o tom de pele mais branco e a opção 7, o tom de pele mais negro. E para a análise dos dados, as opções 1, 2 e 3 foram categorizados como brancos e, as opções 4, 5, 6

e 7 como negros. De modo que, os resultados indicam que 21,5% (n= 57) são brancos e 78,5% (n=208) são negros.

A respeito do nível de escolaridade dos pais e mães, 35,3% possuem apenas o nível fundamental, 50,2% o nível médio e 14,6% o nível superior. Em relação a profissão/ocupação desempenhada pelos genitores dos participantes, foi realizada uma análise descritiva de frequência e criadas categorias para facilitar as análises dos dados. Tal medida foi estabelecida em função da variabilidade de ocupações citadas pela amostra. E o resultado das análises apresenta que apenas 4,4% (n= 20) dos pais desempenham atividades que exijam formação de nível superior. E todo o restante da amostra se subdivide em profissões/ocupações de pouca exigência acadêmica. De modo que 6,6% (n= 28) dos pais integram a categoria de Servidor público/Aposentados, 2,8% (n= 12) dos pais integram a categoria de profissões/ocupações Técnicas da construção civil, a categoria Zeladoria/Serviços obteve maior percentual com 23,6% (n= 100), os pais em atividades de Indústria/Comércio foram 21,5% (n= 98), a categoria de Trabalhadores autônomos observou 13% (n= 55), pais em ocupações na categoria Setor de transporte foram 7,3% (n= 31), Técnicos da área de saúde 2,6% (n= 11), a categoria Sem profissão/Desempregado representou 4,1% (n= 17), e na categoria Outros, observou-se 12,3% (n= 54) dos pais.

4.3.2 Procedimentos e instrumentos

Inicialmente, realizou-se o contato com os responsáveis das instituições que autorizaram a pesquisa. Em seguida foi enviado os termos de consentimento informando e solicitando para os pais que seus filhos pudessem participar da pesquisa, de modo que só participou da pesquisa os adolescentes que trouxeram o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (APÊNDICE A) assinado pelos pais. Foi agendado com as coordenações pedagógicas os dias para aplicação da coleta de dados. E na ocasião da aplicação do instrumento, novamente foi explicado para os participantes o objetivo da pesquisa e passadas as instruções para que eles pudessem responder o instrumento.

Este estudo seguiu o modelo empregado para avaliar o efeito da ameaça dos estereótipos. A amostra de participantes foi dividida em dois grupos distintos: um deles em condição de “ameaça”, e outro na condição de “não ameaça”, e ambos os grupos foram formados por participantes da etnia branca e negra. E aos dois grupos foi aplicado o mesmo questionário estruturado sobre as aspirações profissionais de cada um dos membros (ver APÊNDICE C). Entretanto, ao grupo de condição de ameaça, antes da aplicação do instrumento, foi lido para os participantes um texto com informações da composição racial das profissões de alto status social e da pouca representatividade dos negros em posições de prestígio social.

Desenho da pesquisa

A pesquisa seguiu um modelo fatorial 2 (cor da pele: branco e negro) X 2 (condição: ameaça ao estereótipo e não ameaça ao estereótipo). As variáveis dependentes foram a escolha profissional, operacionalizada em profissão de baixo e alto status. A construção desta variável foi a partir do questionário (APÊNDICE C). Foi solicitado no referido instrumento a partir de uma pergunta aberta que o participante registrasse sua escolha profissional (se tivesse que escolher hoje uma profissão ou curso, qual seria?).

E, sequencialmente, por meio de uma escala *Likert* que variava de 0 a 10, onde 0 indicava o menor grau e, 10 o mais elevado grau, foi solicitado que o participante indicasse o grau de sua certeza para a escolha da profissão que ele tivera acabado de responder. Deste

item foi gerada uma lista com 35 opções de profissões mencionadas como opções de resposta para a ocupação futura dos participantes. E os participantes apresentaram alto grau de certeza para a escolha da profissão, apresentando a média de 8,11.

Posteriormente, as profissões mencionadas pelos participantes foram relacionadas aos achados do Estudo I que estabeleciam as profissões de alto e baixo status social. De modo que os resultados encontrados foram transformados em uma variável dicotômica, onde as escolhas profissionais relatadas foram analisadas nas categorias de alto e baixo status social. E a variável independente interparticipantes foi a cor da pele e a ameaça ao estereótipo.

A manipulação experimental ocorreu da seguinte forma: Antes da aplicação, foi lido pelo experimentador um texto (ver APÊNDICE D) para os participantes da condição de ameaça ao estereótipo (grupo 1). O texto versava sobre a composição e divisão racial das profissões no cenário atual, de modo a promover informações sobre o quadro racial das ocupações, tendo o objetivo de que estas informações configurassem a ameaça aos participantes da pesquisa. Este modelo de manipulação da ameaça dos estereótipos em que o aplicador suscita explicitamente os estereótipos negativos do grupo antes da aplicação da tarefa foi também empregado no estudo de Spencer, Steele & Quinn (1999). Para os participantes na condição “de não ameaça” (grupo 2) foram apenas dadas as instruções gerais da aplicação do instrumento, sem qualquer tipo de referência a raça.

E quanto aos aspectos da composição racial da amostra e os dados utilizados nas análises, destacamos que a escolha pela hétero classificação se deveu a alta correlação existente entre as três medidas de cor da pele: cor autodeclarada (qualitativa) ($r=.224$; $p=.000$) e cor autodeclarada (quantitativa) ($r=.666$; $p=.000$) e hétero classificação (avaliação do entrevistador); cor autodeclarada (qualitativa) X cor autodeclarada (quantitativa) ($r=.342$; $p=.000$). Este resultado pode ser visto no Quadro 1

Quadro 1: Correlação de *Pearson* da cor autodeclarada (qualitativa); cor autodeclarada (quantitativa) e da hétero classificação (avaliação do entrevistador).

Classificação cor de pele		Auto (Quantitativa)	Auto (Qualitativa)
Hétero	r	.666**	.224**
	p	.000	.000
	N	258	265
Auto (Quantitativa)	r	1	.342**
	p		.000
	N	258	258

4.3.3 Análise dos dados

Os dados obtidos a partir do questionário foram digitalizados formando um banco de dados no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20. Foram realizados procedimentos exploratórios no banco para verificar a necessidade de ajustes e, seguidos pelo cálculo das estatísticas como correlação e Análise de Contingência (Qui-quadrado).

4.3.4 Aspectos éticos

O projeto da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 88534918.9.0000.5546. E os adolescentes que aceitaram voluntariamente participar da pesquisa, e que obtiveram o consentimento de seus responsáveis, assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) autorizando o uso dos dados coletados. As escolas envolvidas na pesquisa também concederam a autorização para a realização dos estudos.

4.4 Resultados

Neste estudo foram analisadas as diferenças das escolhas dos jovens brancos e negros por profissões de alto e baixo status social nas condições de ameaça e de não ameaça dos estereótipos a partir da hétero definição da cor de pele. O pressuposto subjacente as análises foi o de que a ameaça do estereótipo interferirá na escolha por profissões de alto status social para os sujeitos negros pertencentes ao grupo de condição de ameaça, mas não aos do grupo de não ameaça; enquanto participantes brancos não sofrerão efeito da ameaça ao estereótipo em sua escolha profissional. Os resultados do Estudo I que avaliou a percepção dos jovens sobre as ocupações de alto e baixo status social foi estabelecido como parâmetro de categorização das profissões em alto e baixo status no Estudo II. Tal medida foi priorizada em razão da construção destes resultados serem em parte representativos da mesma amostra do estudo I, uma vez que a coleta se processou nos mesmos locais de pesquisa, e podemos inferir que os resultados representam o coletivo da rede estadual de ensino de Aracaju.

4.4.1 A ameaça ao estereótipo e escolha profissional em jovens negros e brancos

A fim de analisar a ameaça ao estereótipo e a escolha profissional em jovens negros e brancos, dividimos o banco de dados segundo a cor da pele dos participantes com base na hétero definição da cor de pele através de um *split file* do banco de dados. Em seguida realizamos uma análise de Contingência (*Qui Quadrado*) entre ameaça ao estereótipo (ameaça x não ameaça) e a escolha profissional (profissão de alto X baixo status).

O resultado foi altamente significativo para a escolha profissional dos participantes negros ($X^2 = 3.414$; $gl = 1$; $p = .065$), que indica que os participantes negros na condição de ameaça aos estereótipos escolheram menos (58,1%) profissões de alto status social do que os

participantes negros que não participaram da condição de ameaça ao estereótipo (70%). Este resultado que pode ser visualizado na Tabela 11, leva a confirmação tendencial da hipótese 1 de que os participantes negros na condição de ameaça ao estereótipo escolheriam menos profissões de alto status do que os participantes negros na condição de não ameaça ao estereótipo.

Tabela 11: Frequência e percentuais da escolha profissional de jovens negros em função da ameaça aos estereótipos (N= 208; $X^2= 3.414$; gl= 1; p= .065)

			Escolha profissional		TOTAL
			Alto status	Baixo status	
CONDIÇÃO	Ameaça do Estereótipo	Frequência	75	54	129
		Percentual	58,1%	41,9%	100%
	Não ameaça	Frequência	56	23	79
		Percentual	70,9%	29,1%	100%
Total		Frequência	131	77	208
		Percentual	100%	100%	100%

Por outro lado, os participantes brancos não se diferenciaram quanto a suas escolhas a profissões de alto ou baixo status em função das condições de ameaça (68,8%) ou não ameaça (64%) ao estereótipo, como pode ser visto na Tabela 12 ($X^2= 0.143$; gl= 1; p= 0.706). Estes resultados também levam a confirmação da hipótese 2 que afirma que as escolhas dos brancos não serão afetadas pela condição de ameaça e de não ameaça ao estereótipo.

Tabela 12: Frequência e percentuais da escolha profissional de jovens brancos em função da ameaça aos estereótipos (N= 57; $X^2= 0.143$; gl= 1; p= 0.706)

			Escolha profissional		TOTAL
			Alto status	Baixo status	
CONDIÇÃO	Ameaça do Estereótipo	Frequência	22	10	32
		Percentual	68,8%	31,3%	100%
	Não ameaça	Frequência	16	9	25
		Percentual	64%	36%	100%
Total		Frequência	38	19	57
		Percentual	100%	100%	100%

4.5 Discussão

Neste estudo objetivou-se investigar a influência da ameaça dos estereótipos em adolescentes negros diante de sua escolha profissional. Sabe-se que o conceito da ameaça dos estereótipos se constitui a partir da interpretação de um contexto situacional no qual a estereotipia negativa de um determinado grupo venha interferir no desempenho do sujeito que se perceba membro do grupo alvo dos estereótipos (Quinn, Kallen & Spencer, 2010).

Infere-se da teoria da ameaça dos estereótipos que ela venha a se constituir numa explicação mais coerente a respeito da compreensão sobre a dinâmica das relações intergrupais de um modo geral e, especificamente para este estudo, da dinâmica das relações inter-raciais, em particular (Quinn, Kallen & Spencer, 2010; Murphy & Taylor, 2012). Tal inferência se justifica pelo fato de que ela, não usa de argumentos como o do aprendizado social (Eccles, Jacobs & Harold, 1990), o argumento da situação socioeconômica (White, 1982). E nem se vale do argumento de uma possível diferença genética entre as raças/etnias (Herrnstein & Murray, 1994) conforme fizeram vários cientistas sociais para se explicar as reais diferenças no desempenho intelectual dos grupos inter-raciais. Desse modo, a teoria da

ameaça aos estereótipos não contempla a realidade de desigualdade entre os grupos de maneira naturalizada, tal como ela é disfarçadamente imposta. E neste estudo foi proposto desvelar uma dinâmica situacional que justifica a realidade social a partir dos estereótipos.

Foi considerando os aspectos subjacentes a teoria da ameaça aos estereótipos que para este estudo, as diferenças entre os brancos e negros neste país não foram compreendidas como naturais, quer sejam estas diferenças acadêmicas, sociais, econômicas ou mesmo de desempenho, conforme retratam na atualidade os estudos de Heringer (2002), Lima e Vala (2005), Nogueira e Silva (2016), Santos e Scopinho (2011), Silva (2017), dentre outros. No que se refere às diferenças ocupacionais entre brancos e negros, por exemplo, podemos inferir que para tal realidade, os estereótipos, sejam um dos limitadores do indivíduo negro, assim como previram Steele e Aronson (1995) em sua teoria.

Sabe-se que a construção da identidade social do negro no Brasil foi extremamente afetada pelo contexto histórico da escravidão, sobretudo, porque os estereótipos a respeito desse grupo sobreviveram ao tempo, mascarado nas novas formas de racismo (Lima & Vala, 2004b). De modo que eles, os estereótipos, serviram e servem para a manutenção da ordem social tal qual afirmou Tajfel (1981). E neste contexto, percebemos que o lugar do negro na atualidade, ainda é bem similar ao lugar que ele ocupou em tempos passados: o lugar de invisibilidade social (Pereira, 2012; Moraes & Souza, 1999). Evidenciando-se tal realidade quando nos estudos e pesquisas que apresentam as profissões de baixo status social, percebidas de forma enegrecida a exemplo dos achados de Lima e Vala (2005) e da pesquisa do Instituto Ethos (2016), assim como eram percebidas as funções dos escravizados e, posteriormente dos abolidos.

Sabe-se que as políticas públicas de ações afirmativas têm promovido uma sociedade mais equânime (Piovisan, 2006). E hoje, ao jovem negro é tangível a possibilidade de especializar-se em profissões consideradas de alto status social. As ações normativas dentro

da sociedade brasileira garantem ao negro uma abertura em espaços que antes eram limitados aos brancos. Contudo, como anteriormente citado, o efeito das normas sociais não garantem de imediato uma mudança nas estruturas psíquicas do indivíduo, nem no pensamento social sobre os estereótipos. Elas remodelam o contexto e se mostram como apresentou Lima e Vala (2004) em novas formas de expressão de preconceito e racismo.

As novas teorias do preconceito indiretamente revelam uma dinâmica de que as normas antirracistas afetam o comportamento do sujeito, entretanto, provocaram poucas mudanças nas estruturas dos estereótipos dos grupos alvos, e certamente se não há mudança nos estereótipos, não haverá mudança na percepção social a respeito do grupo e das expectativas a respeito dele (Bzuneck, 1991; Camino, Torres, Lima & Pereira, 2013; Lordêlo & Dazzani, 2009) e especificamente, não haverá muitas mudanças a respeito do que se é esperado como profissão a qual o negro deve desempenhar, como observou-se no Estudo I.

Dada tal realidade, este estudo debruçou-se sobre o contexto das relações inter-raciais e os atravessamentos reais dos estereótipos na vida do sujeito que está prestes a fazer a escolha por uma profissão, entretanto, os estereótipos partilhados a respeito de seu grupo se constituem numa limitação para as suas opções. Isso porque segundo Hamilton e Troiler (1986) os estereótipos são formados por nossos conhecimentos e expectativas acerca dos grupos e seus membros. E no modelo da pesquisa, as expectativas a respeito do grupo dos negros foram salientadas para o grupo que pertenceu a condição de avaliação da ameaça dos estereótipos.

Sabe-se que a teoria da ameaça dos estereótipos (Steele & Aronson, 1995) surgiu num contexto de laboratório experimental, no qual media as diferenças no desempenho intelectual dos brancos e negros americanos, a partir de testes de inteligência, bem próprios da cultura acadêmica norte americana. Entretanto, como um aspecto relevante deste estudo, saliento que ele ousou contextualizar o conceito apresentado por Steele e Aronson (1995) e replicou o

modelo empregado da ameaça, num contexto real de sala de aula, sobre um aspecto relevante da sociedade brasileira que é a escolha profissional para os estudantes do final do ensino médio, a partir de escolha por profissões de alto ou baixo status social.

Contudo, o modelo empregado nesta pesquisa, vai além do que foi esperado por Steele e Aronson (1995) quando realizaram o estudo embrionário. A ameaça aos estereótipos, investigou e confirmou o declínio do desempenho dos negros norte-americanos que integraram o grupo de condição de ameaça e, ao realizarem o teste de inteligência, a ameaça situacional se constitui na informação de que a atividade era avaliativa do coeficiente de inteligência do sujeito. E, neste estudo, a ameaça dos estereótipos avaliou uma decisão futura do sujeito, a partir dos estereótipos que foram salientados sobre a segregação racial das ocupações no Brasil. Fato que se constitui numa colaboração para o fortalecimento conceitual da teoria. Uma vez que a literatura a respeito do conceito da ameaça dos estereótipos, não apresentam nenhuma aplicação semelhante ao modelo tal qual foi empregado neste estudo, fato comprovado a partir de busca em banco de dados e periódicos nacionais e internacionais.

No contexto internacional, as pesquisas sobre a aplicabilidade do conceito da teoria têm sido bastante investigadas, sobretudo, na sociedade norte americana. Conforme citado, há vários estudos de modelo semelhante ao experimento que deu origem a teoria, a exemplo dos que investigam a dinâmica racial com relação as diferenças no desempenho intelectual (Blascovich, Spencer, Quinn, & Steele, 2001; Deaux et al., 2007; Steele & Aronson, 1995; Silva & Pereira, 2009), como também há outros estudos que acrescentaram a interface de gênero, salientando os estereótipos femininos quanto ao desempenho com na matemática (Inzlicht & Ben-Zeev, 2000; Johns, Schmader & Martens, 2005; Quinn 2001; Quinn et al., 2010; Schmader & Johns, 2003).

Além dos experimentos que investigam a ameaça no gênero e na raça, investigações que poderíamos dizer que são os modelos mais usuais nos estudos sobre a teoria, há também

pesquisas sobre a aplicabilidade da teoria com recorte de grupos etários, como por exemplo em crianças (Neuville & Croizet, 2007; McKown & Weinstein, 2003) e adolescentes (Keller, 2002). E outros que associam a condição socioeconômica (Croizet & Millet, 2011) e também com interfaces racial e de gênero (Croizet & Claire, 1998), entretanto, em situação de aplicação de teste.

Com o mesmo caráter inovador outras pesquisas como a de Levy (1996) avaliou o efeito da teoria em idosos, no contexto em que a tarefa aferia a capacidade de memorização dos participantes. Noutra perspectiva, buscando avaliar a interferência dos estereótipos a nível cognitivo, Huber, Brown, & Sternad (2016) investigaram se a ameaça dos estereótipos interferiria no sistema sensorio motor das mulheres na condição de ameaça. Experimento semelhante foi realizado por Krendl, Gainsburg e Ambady (2012), Stone, Sjomeling e Darley (1999) e Heidrich e Chiviacowsky (2015) onde ambos avaliaram o desempenho físico de atletas norte-americanos. E por fim, o estudo de Kray, Galinsky e Thompson (2002) aponta para outra aplicabilidade da teoria, desta vez no contexto organizacional, avaliando se os estereótipos de gênero poderiam interferir nas negociações.

Se no contexto internacional as pesquisas apontam para várias direções, contrariamente, no Brasil, a investigação sobre a ameaça dos estereótipos ainda é bem tímida e, os estudos se limitaram a investigar a dinâmica de desempenho intelectual, conforme os precursores da teoria. Poucos são os estudos brasileiros sobre a aplicação da teoria nesta sociedade. Sobretudo, estudos que vislumbrem a aplicação da teoria em contextos reais. Diante de tal quadro, a escassez de estudos a respeito da teoria em questão, se revela em uma lacuna significativa para a compreensão sobre os efeitos da interferência dos estereótipos na vida social do sujeito. E ao considerar o vasto campo de atuação conceitual desta teoria, ressaltamos que a ausência de estudos nesta temática pode ser entendida como uma lacuna na investigação das relações intergrupais no Brasil.

A amplitude do contexto das relações intergrupais no Brasil, se comparada com a de outros países, como por exemplo a dos EUA, é significativamente maior. A cultura norte americana é diferenciada, percebida por uma compreensão dualista, branco ou negro. Já no Brasil, formado a partir de três etnias distintas, miscigenado, e atualmente, multiculturalista, com pessoas de identidade social variada, de maioria preta e parda, entretanto, culturalmente construída a partir de uma forte valorização da cultura branca. Um país onde o grupo considerado minoria em termos simbólico, e superior em termos numéricos. Tal contexto certamente influenciou os resultados encontrados neste estudo.

E sobre as possíveis influências que o contexto brasileiro possa ter exercido sobre este estudo, destacamos a variável da identidade racial da amostra. A pertença grupal é um construto cognitivo muito importante para o processo de construção da identidade social (Tajfel, 1978). Entretanto, a identidade social é afetada pela comparação social entre os grupos. E o indivíduo tenderá desassociar-se do grupo que não lhe promova satisfação (Tajfel, 1978, 1982; Galinkin & Zauli, 2011; Nascimento & Souza, 2017).

Desse modo, a identificação como pertencente ao grupo negro, no contexto social brasileiro, em razão dos estereótipos a respeito deste grupo, afeta negativamente a autodefinição do sujeito. Justificando o fato de que muitos indivíduos, embora tenham traços físicos, não se reconheçam enquanto membros do grupo dos negros.

Considerando que Tajfel (1981) afirmou que identidade social deriva de dois indicadores: a percepção do próprio sujeito, juntamente com a percepção que os outros tem dele. E sendo a autopercepção frequentemente influenciada pelo desejo de pertencer a um grupo socialmente valorizado foi que neste estudo foi usada a hétero categorização como a variável de análises da ameaça dos estereótipos, sobretudo porque, é ela a mais usada na maioria dos estudos sobre preconceito e racismo. E ao ter sido escolhida a hétero percepção buscou-se controlar esse aspecto tão conflitante da pesquisa.

Outra variável importante para a realização desta pesquisa e que merece destaque foi a raça/etnia do aplicador. Estudos apontam que a raça/etnia do aplicador interfere nos níveis de percepção da ameaça dos estereótipos e consequentemente, nos resultados (Marx & Goff, 2005; Danso & Esses, 2001; Wout et al., 2009). Partilhando deste entendimento, neste estudo, o fato do aplicador se auto declarar negro e possuir cor de pele no tom mais escuro, pode ter influenciado positivamente as escolhas dos participantes, na medida em que possa ter favorecido a diminuição da percepção da condição situacionalmente ameaçadora.

No entanto, destaca-se a realidade de que mesmo o experimentador sendo negro o efeito da ameaça se fez notório. Tal fato, permite-se conjecturar que se o aplicador fosse da etnia branca, os resultados seriam ainda mais potencializados para os negros que integrassem o grupo de ameaça. Tal proposição, merece ser investigada e ao passo que se constitui em desenho metodológico para replicações futuras deste quase experimento.

Sendo assim, como um dos efeitos deletérios dos estereótipos para os negros no contexto desta pesquisa foi testado na hipótese 1 (H1) que predisse que os participantes negros na condição de ameaça do estereótipo, escolheriam mais profissões de baixo status social. E as análises confirmaram a hipótese apresentada. Os negros que participaram da condição de ameaça escolheram menos profissões de alto status do que negros na condição de não ameaça.

A teoria da ameaça dos estereótipos postula que o indivíduo, prestes a desempenhar uma atividade em que os estereótipos negativos a respeito de seu grupo tenham relação com a atividade e se salientados, influenciarão no desempenho deste sujeito (Steele & Aronson, 1995). A manipulação situacional da ameaça neste referido estudo apresentou efeitos tal qual no modelo embrionário da teoria. Entretanto, o modelo primário previa o efeito pontual e imediato no desempenho intelectual dos participantes do grupo de condição de ameaça. A tarefa à qual eles eram submetidos se constituía num objeto ameaçador, numa realidade

palpável e consistente para que dela, houvesse a confirmação do que já era esperado de seu grupo, uma tarefa comprovadora da estereotipia de seu grupo. E a pressão exercida sobre o indivíduo declinaria seu desempenho, sendo este fato investigado e problematizado por variadas teorias e perspectivas (ver estudos de Spencer, Steele & Quinn, 1999; Osborne, 2001, 2007; Blascovich et al., 2001; Cadinu, Maass, Rosabianca & Kiesner, 2005; Beilock et al., 2006; O'Brien & Crandall, 2003; Ben-Zeev, Fein & Inzlicht, 2005).

E neste estudo, a hipótese 1 fez referência a previsão do futuro, as expectativas. Neste modelo, o participante não estava diante de um teste de inteligência, e somente a manipulação da ameaça a partir de exposição do quadro racial das profissões de alto status, já foi o suficiente para que o resultado da ameaça já se fizesse presente. Os negros integrantes do grupo da condição de ameaça, tiveram sua escolha ou a informação dela, negativamente alterada, apenas pela manipulação de um texto sobre a composição racial das profissões. O que fez com que os participantes escolhessem por profissões de baixo status social.

Entretanto, a confirmação tendencial da H1 implica em outros questionamentos para estudos futuros: Será que se fosse repetido esse estudo no ato da inscrição para o ENEM, seriam os mesmos resultados? Será que os percentuais dos negros da condição de ameaça seriam semelhantes tal qual foi neste estudo? Ou o percentual do grupo dos negros que integraram o grupo de não ameaça, seria superior ao dos negros na condição de ameaça? Ou os negros que não sofrerem ameaça, no ato de sua inscrição pensariam mais no que é real e condizente a respeito das ocupações de seu grupo de pertença, e escolheriam mais por profissões de baixo status social?

O estudo aqui apresentado suscita mais investigações, sobretudo, porque não pretendeu esgotar a temática, mas estabelecer um novo olhar para uma realidade social dos negros dentro de um contexto estereotipado, em fase de mudanças significativas para a identidade racial negra em nossa sociedade.

Ao analisar amplamente os dados obtidos, avaliando os dados da amostra como um todo, percebeu-se que os negros escolhem mais por profissões de alto status do que os brancos. Este fato merece maior investigação. Sobretudo, porque, tais dados já apontam para mudanças significativas nas aspirações dos jovens negros nesta sociedade. A partir destes dados podemos supor que a real possibilidade de ingressos em cursos de alto status social para esta parcela de sujeitos, a partir dos sistemas de cotas, tenha alterado positivamente as escolhas dos negros por profissões não condizentes com o seu grupo de pertença. Entretanto, salientamos, que tal realidade carece de maior investigação, uma vez que possivelmente, na hora da escolha pelo curso do ENEM, outras variáveis se façam presentes e a realidade de escolha por profissões de alto status para este grupo sejam alteradas.

Uma outra variável importante desta pesquisa é que merece destaque tem relação com o campo de coletas dos dados. As escolas em que foram feitos este quase experimento são escolas referências do ensino público, centros de excelência preparatório para o ingresso no ensino superior. Dado tal fato, podemos inferir que os jovens que se constituem na amostra desta pesquisa estão em condições pedagógicas favoráveis se comparadas com outras escolas da rede de ensino estadual. E se, os resultados já se fazem presente entre os alunos que melhor recebem o preparo, imaginemos, como esta variável não seria potencializada na realidade do jovem negro de escolas periféricas, o quanto os resultados aqui encontrados não seriam maximizados se para o jovem negro desta amostra houvesse a certeza consciente e factual de que ele não estava bem preparado para concorrer a vagas de cursos de alto status?

A respeito da hipótese 2 (H2) que predizia que as escolhas dos brancos não sofreriam alteração para ambos os grupos de condição de análise, foi observado que ela também foi confirmada. Os participantes brancos, de ambas as condições de pesquisa, escolheram de maneira geral profissões de alto status, e isso foi independente das condições experimentais propostas.

Conforme pensado por Steele e Aronson (1995) o grupo dominante dentro do contexto da pesquisa não sofreria efeito dos estereótipos em função deles não se constituírem alvos de estereótipos negativos em relação ao seu desempenho. Assim como no contexto descrito neste estudo, os brancos não foram os alvos da estereotipia, pois as profissões de baixo status social dentro desta sociedade não são atribuídas a eles enquanto característica grupal, e os achados do Estudo 1 demonstram que os jovens compartilham essa premissa. Ao contrário, quanto mais baixo o status social atribuído a profissão, maior será a composição grupal negra conforme os achados do Estudo 1, corroborando com a literatura existente e o que outrora já havia constatado Lima e Vala (2005).

Como postula a teoria da ameaça dos estereótipos a identificação do sujeito com o grupo alvo da estereotipia está intimamente relacionada a percepção de uma situação como ameaçadora (Wout, Danso, Jackson & Spencer, 2008; Steele, Spencer & Aronson, 2002). E no Brasil, as profissões de prestígio social sempre foram ocupadas por pessoas brancas. De modo que a manipulação da ameaça que contextualizou a realidade racial das ocupações de alto e baixo status social não se constituíram em situação ameaçadora para os brancos. Ademais, a ameaça não poderia ser percebida pelos brancos integrantes da condição diagnóstica pois, como afirmou Aronson et al., (1999) o grau de identificação com o grupo alvo da estereotipia, está proporcionalmente relacionado com a vulnerabilidade do sujeito em relação a ameaça dos estereótipos.

De modo geral, os dados obtidos com este estudo foram satisfatórios. E apontam, para uma maior investigação contextual da escolha das profissões dos jovens em relação ao que socialmente é estabelecido com profissões de alto e baixo status. Os desafios encontrados de análise sobre esta temática tão complexa, que integra forte parcela da identidade grupal e social dos negros dentro da sociedade precisa ser melhor detalhada para que sirva de

ferramentas de atuação da psicologia em contextos inter-raciais. E incorpore cada vez mais uma postura contributiva para mudanças na ordem social brasileira.

Outra contribuição que se faz necessário referir, é que este trabalho colaborou para o campo de investigação que ainda é pouco explorado em nossa sociedade. Sobretudo, porque os achados aqui descritos apresentam uma constatação que precisa ser melhor investigada: a ameaça dos estereótipos interferindo além da capacidade de desempenho do sujeito estereotipado, eles interferem também no processo de escolha.

Em suma, ressaltamos que a teoria da ameaça dos estereótipos sugere novas investigações em contextos reais, tal como neste estudo. Ela suscita novos olhares a vivacidade das relações intergrupais, não apenas se limitando ao contexto dos laboratórios; muito menos limitando-se as perspectivas inter-raciais. E fazendo menção ao que já tinha sido problematizado por Quinn et al. (2010) vasto é o campo de aplicação da teoria da ameaça dos estereótipos e é necessário que novos estudos sejam aplicados nos mais diferenciados contextos das relações intergrupais, promovendo uma nova compreensão da realidade estereotipada, sobretudo, pelos seus deletérios efeitos ao sujeito individual. E para este fim, o referido estudo cumpriu o que foi proposto.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade que se estruturou a partir de crenças racistas e subjugou os negros a um contexto social excludente, como a sociedade brasileira, observa-se que a normatização do acesso ao ensino superior aos que outrora eram impedidos somente ocorreu no final século XX, em meio a muitos embates (Romão, 2005; Silva & Tobias, 2016).

Esta nova configuração social do ensino superior no Brasil, por um lado, possibilita a reconfiguração do lugar social do negro dentro da sociedade, e por outro lado, traz à tona a necessidade de compreender fenômenos psicossociais que subjazem as relações entre os grupos que sofrem pressão social quanto a seu desempenho. Este estudo busca suprir essa necessidade e teve o objetivo de investigar a interferência dos estereótipos em jovens negros diante da escolha da sua ocupação profissional a partir da teoria da ameaça dos estereótipos de Steele e Aronson (1995).

Diferente do estudo de Steele e Aronson (1995) neste estudo analisa-se a ameaça aos estereótipos num contexto real e não laboratorial. Tendo como palco o ambiente escolar, através da análise do efeito de um texto (*priming*) que versava sobre as condições de trabalhos dos diferentes grupos na sociedade brasileira. O qual foi lido para os participantes do estudo que pertenciam aos dois grupos de cor de pele predominantes no Brasil (brancos e negros), antes deste realizarem sua escolha profissional. Para tal fim, este trabalho foi realizado em duas etapas distintas descritas nos Estudos I e II.

Assim, inicialmente, buscou-se evidenciar no Estudo I quais as percepções dos jovens dos grupos de cor de pele brancos e negros a respeito das profissões de alto e baixo status social e a composição racial destas profissões através de um estudo com uma ampla amostra de jovens aracajuano. Tais informações foram registradas no capítulo III. O primeiro Estudo

foi essencial para o objetivo geral do trabalho pois a partir da avaliação sobre o entendimento da amostra a respeito das profissões e dos possíveis atravessamentos raciais, forneceu as informações necessárias que fundamentaram a construção do *prime* para a manipulação da ameaça ao estereótipo aplicada no Estudo II, assim como o conhecimento sobre o pensamento dos jovens a respeito da relação *status* profissional, grupos raciais e suas escolhas.

Este estudo nos forneceu achados que proporcionaram a identificação das profissões de alto status social, bem como foi possível hierarquizá-las, apresentando destaque para Medicina, Direito e Engenharia Civil. Profissões tradicionalmente consideradas de sucesso, presentes no imaginário dos jovens. Constatando de fato que ainda hoje, elas sobrevivem com o prestígio de se constituírem nas “profissões imperiais” segundo argumentou Coelho (1999) e, na sociedade brasileira, parafraseando Vargas (2010) elas nunca perdem a majestade.

Percebeu-se também que houve um predomínio das ocupações da área das Ciências Biológicas e da Saúde com quatro cursos integrando a lista das profissões de alto status social, e a ausência de profissões das áreas das Ciências Humanas, Exatas e da Terra e a Linguística, Letras e Artes nesta hierarquia.

De igual modo ocorreu a identificação e hierarquização das profissões de baixo status, onde os cursos de Ciências da Religião, Biblioteconomia e Museologia se destacaram como as profissões de baixíssimo status social. Sobre estas profissões em destaque, podemos inferir que talvez, o baixo status social atribuído a elas seja porque a religião ainda não é vista como capaz de produzir conhecimento, é percebida apenas como uma manifestação de fé. E diante das dificuldades e pouca valorização que há da educação, da cultura e da história social em nosso país, é compreensível que as pessoas não percebam a importância das bibliotecas e museus.

E na lista das profissões de baixo status, as áreas de concentração de maior destaque foram as Linguística, Letras e Artes e Ciências Humanas, pois apresentaram maior número de

profissões. Havendo a ausência de profissões das áreas de concentração das Engenharias e Ciências Exatas e da Terra na lista de profissões de baixíssimo status.

As hierarquias das profissões em alto e baixo status social, construídas a partir das análises do grau de importância social, da rentabilidade, e reconhecimento como opções bem-sucedidas de profissão; quando analisadas a partir da percepção da composição racial destas profissões, demonstra que quanto mais alta a posição na hierarquia das profissões de alto status, maior seria a presença de pessoas brancas, e menor de pessoas negras, coadunam com os dados de pesquisas anteriores, a exemplo de Lima e Vala (2005) quando investigaram a cor do sucesso na sociedade brasileira.

E com relação a hierarquia das profissões de baixo status social, quanto maior a colocação da profissão na hierarquia negativa, maior foi a atribuição da presença de negros, em contrapartida, uma gradativa diminuição de brancos como integrando as profissões de baixo status social. Tal resultado nos remete a representatividade social do negro em diversos profissões e sua difusão através da mídia, pois na realidade brasileira vê-se mais brancos ocupando cargos públicos ou profissões de prestígio social do que negros, conforme França (2011).

Tal achado, também corrobora os resultados da pesquisa de Bliger, Averhart e Linben (2003) que investigaram a percepção do status ocupacional e a influência sobre a escolha profissional em crianças norte americanas a partir dos seis anos de idade. E para aquelas crianças, já eram percebíveis a realidade de segregação ocupacional; sendo as profissões de alto status social atribuídas aos brancos enquanto os negros eram menos propensos a desempenharem ocupações de alto status social.

A maior atribuição das profissões de baixo status social aos negros, corrobora com os resultados dos estudos sobre a população negra, a exemplo da pesquisa do Retrato das Desigualdade de Gênero e Raça (2011), e da pesquisa sobre a Situação Social da População

Negra por Estado (2014), ambas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, e a pesquisa sobre o Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 maiores Empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas, do Instituto Ethos em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID (2016), dentre outras pesquisas que reforçam e dão consistência aos resultados da presente pesquisa, demonstrando que neste ponto os resultados estão de acordo com o que a literatura e os dados das pesquisas.

Observou-se ainda que de maneira geral, os negros escolhem mais profissões de alto status social que os brancos. Mesmo sendo percebidos como os que compõe as profissões de baixo status social. Entretanto, sobre este achado, ancora-se em duas possibilidades de interpretação: A primeira delas, enxerga que os resultados deste estudo tratam de um desejo, expectativa, o sonho da escolha profissional, e se tratando de um sonho, tudo é possível. Este resultado nos remete a algumas dúvidas que podem demandar estudos futuros: Será que no ato da inscrição para o ENEM os negros vão manter essa decisão? Um estudo em cursinhos pré-vestibulares poderia ser importante para perceber o quanto esse resultado representa a realidade ou o quanto representou apenas o desejo de galgar uma profissão tida como de alto status, e serviria como comparativo para o estudo atual.

A segunda possibilidade de interpretação para o referido achado, refere-se ao fato de que esse resultado seja uma consequência propiciada pelas ações afirmativas, uma vez que elas oportunizam aos que historicamente estiveram à margem do processo educacional, possibilidade de melhor qualificação. E para um número maior de jovens negros, com o advento delas, se tornou possível ultrapassar os limites do sonho e, projetar-se profissionalmente numa posição hierárquica superior a qual foi imposta a seu grupo. Sendo assim, partilhamos a compreensão de que as políticas públicas favoreceram a desconstrução da realidade que outrora, problematizada por Justino e Manoel (2002) e Bachetto (2003), quando ainda se discutiam a inserção das políticas afirmativas, de que os negros

experienciavam o sentimento de que para eles, a passagem pela escola e o acesso à educação eram coisas distintas neste país.

Contudo, para ambas as possibilidades de interpretação, a mesma realidade se faz presente e com grande força: Mesmo com as cotas o número de negros nas universidades é pequeno se analisado proporcionalmente ao tamanho da população negra neste país. E estar e se manter na universidade para os negros e cotistas não é tarefa fácil. A desistência da universidade aumentou, a demora em concluir os cursos também, em grande parte devido a dificuldades socioeconômicas impostas aos cotistas que têm uma dupla jornada estudo – trabalho tem se evidenciado como estando entre as causas do insucesso em concluir um curso universitário (Proplan -UFS, 2017, 2018).

Acrescido a isso temos ainda para os jovens negros os efeitos de fenômenos psicossociais impostos pelo seu pertencimento a um grupo social que é alvo de estereótipos. Para compreender a influência do fenômeno psicossocial da ameaça ao estereótipo o Estudo II foi realizado. Nesse estudo foi avaliado a ameaça aos estereótipos sobre a escolha profissional de negros e brancos. A medida de avaliação das profissões de alto e baixo status social foi construída a partir dos achados do Estudo I, e a manipulação da ameaça foi um texto (*priming*) lido pelo aplicador para o grupo de participantes na condição de ameaça ao estereótipo. E o desenho da pesquisa, inicialmente, apresentou um achado bastante interessante e condizente com os achados na teoria embrionária da ameaça dos estereótipos. Os negros que integraram o grupo da condição de ameaça ao estereótipo tendem a escolher menos profissões de alto status social se comparados com os negros na condição de não ameaça.

A confirmação de que houve uma interferência da ameaça dos estereótipos, mesmo que tendencial, para o grupo dos negros na condição de ameaça, como aconteceu no modelo experimental, é um indicador preocupante de que esse fenômeno habita os processos

psicológicos desses jovens. Tendo em vista que esse estudo é um quase experimento, ou seja, sem o controle total de todas as variáveis intervenientes como um estudo realizado em laboratório. E ainda, não possuindo um objeto ameaçador real, tal qual foi no modelo original de Steele e Aronson (1995), ou seja, a exposição através do resultado de um teste de inteligência.

Pode-se considerar que esta tendência é um indicador preciso de que os estereótipos do grupo entram na operação de decisão de ações de desempenho profissional para esses jovens. E ainda leva a conjecturar que se os estereótipos já possuem ação desde quando a informação precisou ser processada e ser feita referência a ela, então, quais seriam seus impactos num contexto de Enem, na decisão real da escolha profissional? Se mesmo numa situação em que a referência está ligada a algo que ainda é uma expectativa, um plano, imaginemos os efeitos dos estereótipos num contexto decisivo.

Os dados aqui encontrados abrem novos caminhos para outros estudos, suscita novas possibilidades de compreensão e atuação psicológica sobre um contexto estereotipado das relações intergrupais, sobretudo, no que se refere a realidade inter-racial brasileira. Mas nem de longe limitada a ela.

Constatar que os negros preferem menos profissões de alto status, na condição em que os estereótipos de seu grupo são salientados, permite-nos associar um outro possível efeito dos estereótipos na vida do sujeito. Lembremo-nos que a ideia que foi compartilhada socialmente a respeito da ocupação profissional dos negros em nossa sociedade, ao longo do tempo, foi sendo estabelecida e reforça a compreensão de que os negros deveriam, por conta de sua competência, ou a ausência dela, desenvolver ocupações de baixo status social.

E num contexto socialmente privativo das oportunidades e, de uma percepção impregnada pela discriminação racial na composição das profissões de alto status; espera-se do indivíduo que constantemente viveu este cenário ameaçador de suas potencialidades o

desencadeamento do processo de desidentificação com as atividades de alto status (Picho & Brown, 2011). Em outras palavras, o esperado é que o sujeito não escolha profissões de alto status social, vindo a confirmar a estereotipia a respeito de seu grupo. E assim, continuam-se a perpetuar como naturais as percepções a respeito das ocupações em função da cor de pele e do status social atribuído a ocupação.

Outro resultado na direção da hipótese levantada foi relativo aos sujeitos brancos. Assim, independente da condição experimental ao qual pertenciam, fosse o da condição de ameaça ou de não ameaça, as escolhas profissionais não foram afetadas. Para este grupo, houveram resultados semelhantes nas escolhas por profissões de alto status social em todas as condições de análises. Em outras palavras, a manipulação da ameaça para os participantes brancos ocorreu em conformidade com os pressupostos da teoria da ameaça dos estereótipos (Steele & Aronson, 1995).

Este resultado reflete a realidade social do contexto inter-racial brasileiro que promoveu e perpetuou a segregação racial nas profissões segundo o status social atribuído a atividade, no qual os brancos correspondem ao grupo majoritário, dominante e que historicamente, detiveram as profissões de maior prestígio social, e as profissões desempenhadas pelos negros, de modo geral, sempre foram de pouca importância social.

E dentre as várias desigualdades sociais construídas entre os grupos étnico-raciais negro e branco neste país, a exclusão educacional imposta aos negros, salientou as diferenças profissionais destes dois grupos (ver Romão, 2005), que até bem pouco tempo atrás, não eram enxergadas pelo Estado brasileiro como fruto do racismo e discriminação, já que, supostamente, este Estado era um exemplo de democracia racial.

Entretanto as discussões e os dados em que apresentavam os baixos índices de desenvolvimento humano da população negra, quando comparado com os brancos, revelavam que havia a necessidade de mudanças (ver Romão, 2005). E neste contexto, emergiram as

propostas de políticas afirmativas que muito contribuíram para mudanças no cenário atual. Na educação, por exemplo, a melhoria se efetivou proposta de diminuição diferenças educacionais, garantindo ao negro maior acesso ao ensino superior; Pois, a compreensão lógica da dinâmica seria que: se diminuídas as diferenças educacionais, por consequência, seriam diminuídas as diferenças profissionais.

Porém, tal relação de causalidade e efeito não é constatada (Instituto Ethos, 2016) Ainda há muito o que ser feito para mudar a realidade no que diz respeito a diminuição das diferenças profissionais entre brancos e negros neste país. Pois, os avanços já registrados, no que tange o ingresso dos negros no ensino superior, ainda não podem ser tidos como satisfatórios. Vários aspectos subjacentes a esta realidade necessitam de maior investigação e ainda há muitas medidas a serem tomadas para que seja desenhado um cenário profissional etnicamente equânime.

Podemos pensar que se houvesse o fomento das ações afirmativas nas empresas privadas, por exemplo, qual seria o impacto que estas ações causariam no mercado? Ou como poderia reverberar tal medida nos estereótipos a respeito da ocupação profissional dos negros? Tal sugestão de análise emerge do fato de que embora, com maior qualificação, os negros ainda são excluídos dos espaços das ocupações de prestígio social (ver Instituto Ethos, 2016).

Este estudo analisa um fenômeno psicossocial complexo que demanda ainda aprofundamento, algumas limitações são evidentes. Uma limitação que apontamos é relativo a impossibilidade de controle de algumas variáveis, a exemplo da pressão de agentes da socialização, da expectativa de autorrealização dos grupos, o tipo da escola, bem como a etnia do aplicador.

Percebemos também que as razões que se constituem nas limitações deste estudo, também se revelam em pontos favoráveis a sua realização. A empregabilidade da ameaça dos estereótipos, entendendo-a como uma ameaça situacional, contextualizada, suscitou o

interesse de perceber sua aplicabilidade no contexto real das relações intergrupais. E o que foi empreendido aqui não tinha por interesse encontrar respostas fechadas, nem replicadas tal como seria se fosse em laboratório. Ao passo que compreendemos que talvez, o controle das variáveis pudesse dar maior consistência aos achados deste estudo, ressaltamos que não seria possível percebermos no contexto real qual a dimensão em que a ameaça exerce influência sobre o indivíduo. Pois, a partir dos achados, suscita-nos o questionamento: Será que a ameaça dos estereótipos pode interferir no processamento da informação do sujeito, fazendo com que ele altere o que seria explicitado em razão dos estereótipos que são salientados sobre grupo?

As pesquisas em contextos reais sobre aspectos das relações intergrupais é um campo amplo e de difícil controle, contudo, as tendências para a confirmação das hipóteses encontradas nos resultados, revelam que estamos no caminho promissor para desvelarmos novos fatos, e ampliarmos a aplicação conceitual da ameaça dos estereótipos. Assim como sugeriu Quinn et al., (2010) que novos estudos precisam avaliar a aplicação da ameaça em contexto diferenciados, não se limitando ao que já foi exaustivamente comprovado em laboratório.

Diante de tais dados alcançados com este estudo, nos surgem várias áreas em que se pode aplicar a teoria da ameaça dos estereótipos. A replicação, talvez, do modelo aqui empregado; ou o emprego dele no contexto grupal, onde os sujeitos teriam que verbalizar suas opções profissionais para o grupo, na tentativa de um aprofundamento dos resultados encontrados neste estudo. Ademais, uma investigação acerca da ameaça dos estereótipos no desempenho de profissões com o recorte de gênero pode ser empreendida, considerando as escolhas profissionais em função do gênero.

E ampliando o contexto, investigar os impactos dos estereótipos em contextos do mundo comercial, do consumo com recorte socioeconômico, enfatizando o quanto os

estereótipos influenciam no comportamento do vendedor e do cliente de baixa renda poderia ser esclarecedor. E ainda no contexto da socialização, poderia ser pertinente a análise de profissionais de alto status negros, com o propósito de desvendar suas vivências relativas ao enfrentamento de estereótipos e preconceito, a fim de compreender os fatores envolvidos nesse enfrentamento. Uma vez que, esses fatores podem servir de empecilho para que outros atores não sucumbam aos estereótipos.

Em suma, destacamos que mais investigações sobre o efeito da ameaça dos estereótipos precisam ser empreendidas no contexto real das relações intergrupais, para que seja possível melhor aferir, a nível psicológico, o quanto as mudanças propostas pelas ações afirmativas produzem mudanças para o grupo alvo e sobretudo, para o contexto social. Tais discussões propiciarão ações mais efetivas da psicologia no tocante a garantia de um cenário favorável, não ameaçador, e que favoreça efetivas mudanças no contexto social estereotipado.

Por fim, entendemos que este trabalho trouxe novos questionamentos sobre a realidade das escolhas profissionais do jovem negro nesta cidade, constatando que estes ainda estão vulneráveis as interferências dos estereótipos no momento de sua escolha profissional, mesmo com as políticas afirmativas lhes garantindo outras perspectivas profissionais. De modo que este trabalho contribuiu para a percepção de que há muito a ser empreendido pelos cientistas sociais no que tange ao objetivo de uma sociedade mais equânime. Percebendo que há outras formas de exclusão que não são verbalizadas, nem mesmo percebidas como limitadoras do sujeito social, tal qual são os estereótipos.

REFERÊNCIAS

- Adorno, S. (1996). Violência e racismo: discriminação no acesso à justiça penal. In L. M. Schwarcz & R. da S. Queiroz (Orgs.), *Raça e diversidade* (pp. 255-275). São Paulo: EDUSP.
- Albuquerque, R. A. F.; Silva, A. K. A. (2017). Ações afirmativas no ensino superior público: análise de resultados da turma de cotistas estudantes de escola pública do curso de administração da UFMT. In *Anais do VI SINGEP – Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade* (14). São Paulo, Brasil: VI Singep.
- Allport, G. (1954). *The nature of prejudice*. Wokingham: Addison-Wesley Pub. Co.
- Augostinos, M. & Walker, L. (1996) *Social Cognition: as integrated introduction*. London: Sage Publications.
- Ambady, N., Shih, M., Kim, A., & Pittinsky, T. L. (2001). Stereotype susceptibility in children: Effects of identity activation on quantitative performance. *Psychological Science*, 12, 385–390.
- Aronson, J., Lustina, M. J., Good, C., Keough, K., Steele, C. M., & Brown, J. (1999). When White men can't do math: Necessary and sufficient factors in stereotype threat. *Journal of Experimental Social Psychology*, 35, 29 – 46.
- Barreto, P. C. S., (2015). Gênero, raça, desigualdades e políticas de ação afirmativa no ensino superior. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 16, 39-64. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151603>
- Batista, L. E.; Werneck J.; Lopes F. (Orgs.). (2012). *Saúde da população negra*. Brasília: ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros.
- Bacchetto, J. G. (2003). Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000): a luta pela igualdade no acesso ao Ensino Superior. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação da USP - Feusp, São Paulo. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07082003-114804/pt-br.php>
- Beilock, S. L., Rydell, R. J., & McConnell, A. R. (2007). Stereotype threat and working memory: Mechanisms, alleviation and spillover. *Journal of Experimental Psychology*, 136(2), 256–276. doi: 10.1037/0096-3445.136.2.256
- Beilock, S. L., Jellison, W. A., Rydell, R. J., McConnell, A. R., & Carr, T. H. (2006). On the causal mechanisms of stereotype threat: Can skills that don't rely heavily on working memory still be threatened? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(8), 1059–1071.
- Ben-Zeev, T., Fein, S., Inzlicht, M. (2005). Arousal and stereotype threat. *Journal Experimental Social Psychology*, 41, 174-181.
- Blascovich, J., Spencer, S. J., Quinn, D., Steele, C. (2001). African Americans and high blood pressure: The role of stereotype threat. *Psychological Science*, 12, 225-229.

- Bliger, R. S., Averhart, C. J., & Liben, L. S. (2003). Race and the workforce: occupational status, aspirations, and stereotyping among african american children. *Developmental Psychology*, 39(3), 572-580.
- Britto, V. M., & Lomonaco, J. F. (1983). Expectativa do professor: implicações psicológicas e sociais. 3(2).
- Brown, R.P.; Day E.A. (2006). The difference isn't Black and White: stereotype threat and the race gap on Raven's advanced progressive matrices. *J Apple Psychol*, 91(4), 979-985.
- Brown. R. (2010). *Prejudice: Its social Psychocology*. 2ed. Malaysia, India: Wiley-Blackwell.
- Bruner, J. S. (1957) On perceptual readiness. *Psychological Review* 64: 123–51. Buhl, T. (1999). Positive–negative asymmetry in social discrimination: Meta-analytic evidence.
- Bzuneck, J. A. (1991). Conceito e funções dos esquemas cognitivos para a aprendizagem. *Semina: Ciências sociais e Humanas*, 142-145.
- Cabecinhas, R. (2004). Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais. *II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Cadinu, M., Maass, A., Rosabianca, A., & Kiesner, J. (2005). Why Do Women Underperform Under Stereotype Threat? Evidence for the Role of Negative Thinking. *Psychological Science*, 572-578.
- Camino, L., Torres, A. R., Lima, M. E., & Pereira, M. E. (Orgs.) . (2013). *Psicologia Social: Temas e Teorias* (2 ed.), Brasília: Tecnopolitik.
- Campos, L. A. (2017). Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. *Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - IESP-UERJ*, 32, 1-19. doi: 10.17666/329507/2017
- Carone, I., & Bento, M. A. (2002). *Psicologia social do racismo - estudos sobre branqueamento e branquitude no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Chadarevian, P. C. (2011). Para medir as desigualdades raciais no mercado de trabalho. *Revista de Economia Política*, 31(2), 283-304. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31572011000200007>.
- Coelho, E. (1999). As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro:1822-1930. Rio de Janeiro: Record.
- Costa, E. S. (2015). Racismo como metaenquadre. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 62, 146–163. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i62p146-163>.
- Croizet, J., & Claire, T. (1998). Extending the concept of stereotype threat to social class: The intellectual underperformance of students from low socioeconomic backgrounds *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24, 588 – 594.
- Croizet, J. C., & Millet, M. (2011). Social class and test Performance: From stereotype threat to symbolic violence and vice versa. In Inzlicht, M., & Schmader, T. (Eds.), *Stereotype threat: Theory, process, and application*. New York: Oxford University Press.

- Danso, H. A., & Esses, V. A. (2001). *Black experimenters and the intellectual test performance of White participants: The tables are turned*. *Journal of Experimental Social Psychology*, 37, 158 – 165.
- Deaux, K., Bikmen, N., Gilkes, A., Ventuneac, A., Joseph, Y., Payne, Y. A., & Steele, C.M. (2007). Becoming American: stereotype threat effects in Afro Caribbean immigrant groups. *Social Psychology Quarterly*, 70(4), 384-404.
- Devine, P. G. (1989) Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology* 56: 5–18.
- Devine, P. G., Monteith, M. J., Zuwerink, J. R., and Elliot, A. J. (1991) Prejudice with and without compunction. *Journal of Personality and Social Psychology* 60: 817–30.
- Deschamps, J.-C., Moliner, P. (2009). A identidade em psicologia social: dos processos identitários as representações sociais. Petrópolis, Brasil: Vozes
- Dórea, A. S. (1997). Era uma vez... Contos de fadas e identidade étnica na infância. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão.
- Eccles, J.S.; Jacobs, J. E.; Harold, R. D. (1990). Gender role stereotypes, expectancy effects, and parents' socialization of gender differences. *Journal of Social Issues*. Vol. 46, No. 2, 1990, pp. 183-201.
- Fernandes, F. (2007). *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global.
- Fiske, S. T., & Taylor, S. (1984). *Social cognition*. New York: Random House.
- Fiske, S. T. (1998). *Stereotyping, prejudice and discrimination*. *Handbook of Social Psychology*. New York: McGraw-Hill.
- França, D. X. (2013). A socialização e as relações interétnicas. In Camino, Torres, Lima & Pereira (Orgs.), *Psicologia social: temas e teorias* (pp. 541-587). Brasília-DF, Brasil: Tecnopolitik
- França, D. X. (2011). Concepções sobre o próprio e o outro grupo: um estudo sobre estereótipos em crianças índias, mulatas, negras e brancas. In Techio, E. M., & Lima, M. E. O. (Orgs), *Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp. 137-170). Brasília: Tecnopolitik.
- França, D. X. (2017). Discriminação de crianças negras na escola. *Interacções*, 45, 151-171. Recuperado de <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/9476/pdf>
- Galinkin, A. L., & Zauli, A. (2011). Identidade Social e Alteridade. In C. V. Torres & E. R. Neiva (Eds.), *Psicologia social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre, Santa Catarina/Brasil: Artmed.
- Garrido, M. V., Azevedo, C., & Palma, T. (2011). Cognição social: Fundamentos, formulações actuais e prespectivas futuras. *Psicologia*, XXV(1)(Edições Colibri), 113-157.
- Gaertner, S. L., and McGlaughlin, J. P. (1983) Racial stereotypes: Associations and ascriptions of positive and negative characteristics. *Social Psychology Quarterly* 46: 23–30.

- Guimarães, A. S. (2002). *Classes, raça e democracia*. São Paulo, SP: Ed. 34.
- Guimarães, A. S. (2005). *Racismo e anti-racismo no Brasil* (2a ed.). São Paulo, SP: Ed. 34.
- Guimarães, A. S. (2008). *Preconceito racial: modos, temas, tempos*. São Paulo: Cortez.
- Gonzales, P. M., Blanton, H., & Williams, K. (2002). The effects of stereotype threat and double-minority status on the test performance of Latino women. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 659 – 670.
- Hall, S. (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hasenbalg, C. A. (1979). *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. (P. Burglin, Trad.) Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Hasenbalg, C. (1992). O negro na indústria: proletarização tardia e desigual. *Ciências Sociais. Rio de Janeiro, ANPOCS*, 13-31. Recuperado de <https://estudossindicais.wordpress.com/2017/01/17/o-negro-na-industria-proletarizacao-tardia-e-desigual-carlos-hasenbalg/>
- Heidrich, C., & Chiviacowsky, S. (2015). Stereotype threat affects the learning of sport motor skills. *Psychology of Sport and Exercise*, 18, 42-46. doi: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2014.12.002>
- Heringer, R. (2002). Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. *Caderno de Saúde Pública*, 18, 57-65. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000700007>
- Herrnstein, R. J., & Murray, M. (1994). *The bell curve: Intelligence and class structure in american life*. New York: Free Press.
- Hoffman, C., & Hurst, N. (February de 1990). Gender Stereotypes: Perception or Rationalization? *Journal of Personality and Social Psychology* 58(2):, 197-208.
- Huber, M. E., Brown, A. J., & Sternad, D. (2016). Girls can play ball: Stereotype threat reduces variability in a motor skill. *Acta Psychologica*, pp. 79-87.
- Huguet, P., & Regner, I. (2007). Stereotype threat among school girls in quasi-ordinary classroom circumstances. *Journal of Educational Psychology*, 99, 545–560.
- Inzlicht, M., & Ben-Zeev, T. (2000). A threatening intellectual environment: Why females are susceptible to experiencing problem-solving deficits in the presence of males. *Sage Journals*, 11, 365-371. doi: <https://doi.org/10.1111/1467-9280.00272>
- Instituto Ethos (2016). Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas. *Instituto Ethos e Banco do Desenvolvimento Interamericano - BID*. Recuperado de <https://www3.ethos.org.br/cedoc/perfil-social-racial-e-de-genero-das-500-maiores-empresas-do-brasil-e-suas-aco-es-afirmativas/#.W2TaATpKhdg>
- Ipea (2014). Situação social da população negra por estado. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. – Brasília, 115p. Recuperado de www.seppir.gov.br/...pesquisas/situacao-social-da-populacao-negra-por-estado-seppir

- Ipea (2011). Retrato das desigualdades de gênero e raça. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 4, 39. Recuperado de <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>
- Johns, M., Schamader, T., & Martens, A. (2005). Knowing is half the battle: Teaching stereotyping threat as means of improving women's math performance. *Psychological Science*, 16, 175-179.
- Johnson, R. A., & Wichern, D. W. (2007). *Applied Multivariate Statistical Analysis*. New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- Jones, J. M. (1973). *Racismo e Preconceito*. (D. M. Leite, Trad.) São Paulo: Edgard Blucher Ltda.
- Justino, D. & Manuel, D. (2002). Desigualdades raciais e ensino superior no Brasil. O movimento negro e a luta pela democratização das universidades. Programa Regional de Becas. Recuperado de <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/libros/becas/sin%20usar/JOV%2002%OEDUCA%20CI%20D3N%20SUPERIOR/justino%20art%20EDculo.doc>
- Kaiser, C. B., Vick, S. B., & Major, B. (2006). Prejudice expectations moderate preconscious attention to cues that are threatening to social identity. *Psychological Science*, 17, 332 – 338.
- Karlins, M., Coffman, T., & Walters, G. (1969). On the fading of social stereotypes: studies in three generations of college students. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol 13, 1-16.
- Keller, J. (2002). Blatant stereotype threat and women's math performance: Self-handicapping as a strategic means to cope with obtrusive negative performance expectations. *Sex Roles*, 47, 193 – 198.
- Keller, J., & Dauenheimer, D. (2003). Stereotype threat in the classroom: dejection mediates the disrupting threat effects on women's math performance. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 371-381.
- Koenig, A. M., & Eagly, A. H. (2005). Stereotype Threat in Men on a Test of Social Sensitivity. *Sex Roles*, 52, 489-496.
- Kray, L. J., Galinsky, A. D., & Thompson, L. (2002). Reversing the gender gap in negotiations: An exploration of stereotype regeneration. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 87 (2), 386-409.
- Krendl, A., Gainsburg, I., & Ambady, N. (2012). The effects of stereotypes and observer pressure on athletic performance. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 34(1), 3–15.
- Krüger, H. (2004). Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In Lima, M. E. O, & Pereira, M. E. (Orgs.), *Estereótipo, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas* (pp. 23-40). Salvador, BA-Brasil: EDUFBA.

- Krüger, H. (2013). Ideologias, sistemas de crenças e atitudes. In Camino, L., Torres, A. R. R., Lima, M. E. O., & Pereira, M. E. (Orgs.), *Psicologia social: temas e teorias*. (pp. 263-308). Brasília, DF- Brasil: Technopolitik.
- Krüeger, J., & Rothbart, M. (1988). Use of categorical and individuating information in making inferences about personality. *Journal of Personality and Social Psychology* 55:, 187-195.
- kunda, Z., Sinclair, L., & Griffin, D. W. (1997). Equal ratings but separate meanings: Stereotypes and the construal of Traits. *Journal of Personality and Social Psychology* 72(4), 720-734.
- Levy, B. (1996). Improving memory in old age through implicit self-stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 1092-1107.
- Levy, B., & Langer E. (1994). Aging free from negative stereotypes: Successful memory in China among the American deaf. *Personality and Social Psychology*, 66, 989-997.
- Leyens, J. P. H., Désert, M., Croizet, J. C., & Darcis, C. (2000). Stereotype threat: Are lower status and history of stigmatization preconditions of stereotype threat? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 1189-1199.
- Lewis, N. A., & Sekaquaptewa, D. (2016). Beyond test performance: A broader view of stereotype threat. *Current Opinion in Psychology*, 11, 40-43.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004a). Serão os estereótipos e o preconceito inevitáveis? In Lima, M. E. O., & Pereira, M. E. (Orgs.), *Estereotipo, preconceitos e discriminação: perspectivas teoricas e metodológicas*. (pp. 41-67). Salvador, BA/Brasil: EDUFBA.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004b). As novas formas de expressão do preconceito e racismo. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 401-411. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2005). A cor do sucesso: efeitos da performance social e econômica no branqueamento e na Infra-humanização dos negros no Brasil. *Psicologia USP*, 16 (3), 143-165. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642005000200008>
- Lippmann, W. (1922). *Public Opinion*. New York: Macmillan.
- Lordelo, Jose Albertino Carvalho; Dazzani, Maria Virgínia; (Orgs). (2009). *Avaliacao educacional: desatando e reatando nós*. Salvador: EDUFBA.
- Macrae, C. N., Stangor, C., Milne, A. B., & Bodenhausen, G. V. (04 de July de 1994). Stereotypes as energy-saving devices: A peek inside the cognitive toolbox. *Journal of Personality and Social Psychology* 66:, 30, 37-47.
- Marx, D. M., & Goff, P. A. (2005). Clearing the air: The effect of experimenter race on target's test performance and subjective experience. *British Journal of Social Psychology*, 44, 645 – 657.
- McCauley, C., Stitt, C. L., & Segal, M. (1980). Stereotyping: From prejudice to prediction. *Psychological Bulletin*, 87, 195-208.

- McGarty, C. (1999). *Categorization in Social Psychology*. Oakes, California: Sage Publications Ltd.
- McGarty, C., Yzerbyt, V. y., & Spears, R. (2002). *Stereotypes and Explanations Stereotypes Explanations The formation of meaningful beliefs about social groups*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McKown, C., & Weinstein, R. S. (2003). The development and consequences of stereotype consciousness in middle childhood. *Child Development*, 74, 498-515.
- Mendonça, A. P., & Lima, M. E. (2014). Representações sociais e cognição social. *Psicologia e Saber Social*, 191-2016.
- Moraes, P. R. B. & Souza, M. G. (1999). Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. *Revista de sociologia e política*, 13, 7-16. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44781999000200001>
- Moya, M. (1999). Cognición social. In J.F. Morales (Eds.), *Psicología social*. (pp.63-78). Madrid, Espanha: McGrawHill.
- Murphy, M. C., Steele, C. M., & Gross, J. J. (2007). Signaling threat: How situational cues affect women in math, science, and engineering settings. *Psychological Science*, 18, 879-885.
- Murphy, M. C., & Taylor V. J. (2012). The role of situational cues in signaling maintaining stereotype threat. In Inzlicht, M. & Schmader, T. (Eds.), *Stereotype Threat: theory, process and application* (pp. 17-33) New York, New York/EUA: Oxford University Press
- Nascimento, T. G. & Souza, E. C. L. (2017). Escala trifatorial da identidade social (ETIS): evidências de sua adequação psicométrica. *Psico-USF*, 22(2), 217-234. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220203>
- Neuville, E., & Croizet, J. C. (2007). Can salience of gender identity impair math performance among 7-8 year old girls? The moderating role of task difficulty. *European Journal os Psychology and Education*, 22, 307-316.
- Neto, M. G. O. (2015). Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 16, 65-85. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151604>
- Nogueira, K. K. O. & Silva, P. V. B. (2016). Análise de Desigualdades Educacionais entre Negros e Brancos nas PNADS 2003 a 2013, no Ensino Médio, Região Metropolitana de Curitiba. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande*, 21/22, (42/44), 29-48. Recuperado de <http://seer.ufms.br/index.php/intm/article/viewFile/3371/2645>
- O'Brien, L. T., Crandall, C. S. (2003). Stereotype threat and arousal: effects on women's math performance. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 782-789.
- Osborne, J. W. (2001). Testing stereotype threat: does anxiety explain race and sex differences in achievement? *Contemporary Educational Psychology*, 26, 291-310.

- Osborne, J. W. (2007). Linking stereotype threat and anxiety. *Educational Psychology*, 27, 135-154.
- Otta, E.; Leme, M. A. V. S.; Lima, M. P. P. & Sampaio, S. M. R. (1983). Profecias auto-realizadoras em sala de aula: expectativas de estudantes de psicologia como determinantes não-intencionais de desempenho. *Psicologia – Sociedade de Estudos Psicológicos*, 9 (2), 27-42. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/1986-10447-001>
- Pansu, P., Régner, I., Max, S., Colé, P., Nezlek, J. B., & Huguet, P. (2015). A burden for the boys: Evidence of stereotype threat in boys' reading performance. *Journal of Experimental Social Psychology*, pp. 26-30.
- Payne, B. K. (2001) Prejudice and perception: The role of automatic and controlled processes in misperceiving a weapon. *Journal of Personality and Social Psychology* 81: 181–92.
- Pereira, M. E., Álvaro, J. L., Oliveira, A. C. & Dantas, G. S. (2011). Estereótipos e essencialização de brancos e negros: um estudo comparativo. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 144-153.
- Pereira, E. M., Modesto, J. G., Matos, M. D. (2012). Em direção a uma nova definição de estereótipos: teste empírico do modelo num primeiro cenário experimental. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 201-220.
- Pereira, M. E. (2013). Cognição social. In Camino, L., Torres, A. R. R., Lima, M. E. O., & Pereira, M. E. (Orgs.), *Psicologia social: temas e teorias*. (pp. 263-308). Brasília, DF-Brasil: Technopolitik.
- Pereira, O. M. L. (2002). A dor da cor: reflexões sobre o papel do negro no brasil. *Cadernos Imbondeiro*, 2(1), 1-10. Recuperado de <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/view/14101>
- Picho, K., & Brown, S. W. (2011). Can stereotype threat be measured? A validation of the social identities and attitudes scale (SIAS). *Journal Advanced Academics*, 22, 374 - 411.
- Pinel, E. C. (1999). Stigma consciousness: The psychological legacy of social stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 114–128.
- Pinsky, J. (2008). *12 faces do preconceito*. (9 ed. ed.). São Paulo: Contexto.
- Piovesan, F. (2006). Ações Afirmativas e direitos humanos. *Revista USP*, 69, 36 - 43. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13511>
- Poderoso, E. S. (2018). Estereótipos dos suspeitos e ação policial: expressões e consequências. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Sergipe - UFS, São Cristóvão). Recuperado de <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/7789>
- Proplan (2018). Radar nº 2: desempenho acadêmico da graduação presencial. *Universidade Federal de Sergipe – Pró-Reitoria de Planejamento*. (pp15). Recuperado de http://indicadores.ufs.br/uploads/page_attach/path/4540/Radar__n2_jun18.pdf

- Proplan (2017). Relação entre os resultados da autoavaliação discente 2016.2 e a taxa de sucesso: o que os dados permitem dizer? *Universidade Federal de Sergipe – Pró-Reitoria de Planejamento*. (pp18). Recuperado de http://indicadores.ufs.br/uploads/page_attach/path/2914/RADAR_N__4_2017_v3.pdf
- Quinn, D. M., Kahng, S. K., Crocker, J. (2004). Discreditable: Stigmas effects of revealing a mental illness history on test performance. *Personality and social Psychology Bulletin*, 30, 803-815.
- Quinn, D. M., Kallen, R. W., & Spencer, S. J. (2010). Stereotype threat. In Dovidio, J. F., Hewstone, M., Glick, P., & Esses, V. M. (Eds.), *Handbook of Prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 379-394). Los Angeles, Los Angeles: SAGE.
- Rivera, G. A. (2009). *As novas formas de racismos e os valores sociais*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba. Paraíba. Recuperado de <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6950>
- Rosenthal, R., & Jacobson, L. (1968a). *Pygmalion in the Classroom*. (Rinehart, & Winston, Eds.) New York: Holt.
- Rosenthal, R. & Jacobson L. F. (1968b). Teacher Expectations for the Disadvantaged. *Scientific American*. 218(4), 19-23. Recuperado de https://www.jstor.org/stable/24926197?seq=1#page_scan_tab_contentsv
- Rosenthal, R. (2003). Covert communication in laboratories, classrooms, and the truly real world. *Sage Journals*. 12, 151-154. Recuperado de <http://journals.sagepub.com/doi/10.1111/1467-8721.t01-1-01250>
- Rosenthal, H. E. S., Crisp, R. J., & Suen, M. W. (2007). Improving performance expectancies in stereotypic domains: Task relevance and the reduction of stereotype threat. *European Journal of Social Psychology*, 37, 586 – 597.
- Rothbart, M. & Taylor, M. (1992). Category labels and social reality: do we view social categories as natural kinds? In G.B. Semin & K. Field (Eds.), *Language, Interacting, and Social Cognition* (pp. 11-36). London: Sage.
- Romão, J. (Org.). (2005). *História da Educação do Negro e outras histórias*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
- Santos; Lobato (orgs.). (2003). *Ações Afirmativas: políticas públicas contra desigualdades raciais*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Santos, E. F. & Scopinho, R. A. (2011). Fora do jogo? jovens negros no mercado de trabalho. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63 (no.spe.), 1-104. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300004
- Sawaia, B. (2004). *As armadilhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade*. Petrópolis: Vozes.
- Schmader, T. (2002). Gender identification moderates stereotype threat effects on women's math performance. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38, 194–201.

- Schmader, T., & Johns, M. (2003). Converging evidence that stereotype threat reduces working memory capacity. *Journal of Personality and social Psychology*, 85, 440-452.
- Sekaquaptewa, D., & Jr, N. A. (2016). Beyond test performance: a broader view of stereotype threat. *Current Opinion in Psychology*, 40-43.
- Shavitt, S., Sanbonmatsu, D. M., Smittipatana, S., & Posavac, S. S. (1999) Broadening the conditions for illusory correlation formation: Implications for judging minority groups. *Basic and Applied Social Psychology*, 21, 263-279.
- Shih, M., Pittinsky, T. L., & Ambady, N. (1999). Stereotype susceptibility: identity salience and shifts in quantitative performance. *Psychological Science*, 10, 80-83.
- Sinclair, L., & Kunda, Z. (1999). Reactions to a black professional: Motivated inhibition and activation of conflicting stereotypes. *Journal of Personality and Social psychology* 77:, 885-904.
- Silva, A. C. (2011). *A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?* Salvador: EDUFBA.
- Silva, R. & Tobias, J. S. (2016). A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 65, 177-199. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i65p177-199>
- Silva, V. P. (2017). A discriminação da mulher negra no setor industrial sergipano entre 2007 e 2014: Uma análise dos impactos da norma de responsabilidade social empresarial. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Sergipe - UFS, São Cristóvão). Recuperado de <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5930>
- Silva, G. & Araújo, M. (2005). Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas. In Romão, J. (Org.), *História da Educação do Negro e outras histórias*. (pp. 65 - 78). Brasília, Brasil: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
- Silva, J. F. & Pereira, M. E. (2009). A ameaça dos estereótipos no desempenho intelectual de estudantes universitários cotistas. In Lordêlo, J. A. C., & Dazzani, M. V. (Orgs.), *Avaliação educacional: Desatando e reatando nós* (pp. 225-247). Salvador, Bahia: EDUFBA. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/wd>
- Steele, C. M. (1997). A threat in the air: How stereotypes shape intellectual identity and performance . *American Psychologist*, 52 , 613 – 629 .
- Steele, C., & Aronson, J. (1995). Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. *Journal of Personality and Social Psychology*, 797-811.
- Steele, C. M., Spencer, S. J., & Aronson, J. (2002). Contending with group image: The psychology of stereotype and social identity threat. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* Vol. 34 (pp. 379 – 440). San Diego, CA: Academic Press.
- Stone, J., Lynch, C. I., Sjomeling, M., & Darley, J. M. (1999). Stereotype threat effects on black and white athletic performance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(6), 1213–1227.

- Spencer, S. J., Steele, C. M., & Quinn, D. M. (1999). Stereotype threat and women's math performance. *Journal of Experimental Social Psychology*, 35, 4–28.
- Tajfel, H. (1981). *Human Groups and Social Categories: Studies in social Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel, & W. G. Austin (Eds.), *The psychology of intergroup relations* (pp. 7–24). Chicago: Nelson-Hall.
- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. New York: academic.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social*. (L. Amâncio, Trad.). Vol. I, Lisboa, Livros Horizonte.
- Taylor, D. M. (1981). "Stereotypes and intergroup relations" in R. C. Gardner and R. Kalin (eds.). *A Canadian Social psychology of Ethnic Relations*.
- Techio, E. M. (2011). Estereótipos Sociais como preditores das relações intergrupais. In Techio, E. M., & Lima, M. E. (Orgs). *Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal*. (pp. 21- 75). Brasília: Technopolitik
- Turra, C., & Venturi, G. (1995). *Racismo Cordial*. São Paulo: Àtica S/A.
- Yzerbyt, V., Corneille, O., & Estrada, C. (2001). The interplay of subjective essentialism and entitativity in the formation of stereotypes. *Personality and Social Psychology Review*. 5(2), 141-155. Doi: https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0502_5
- Vargas, H. M. (2010). Sem perder a majestade: “profissões imperiais” no Brasil. *Estudos de Sociologia*, 15 (28), 107-124. Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/2553/2173>
- Weber, S., Appel, M., & kronberger, N. (01 de 06 de 2015). Stereotype threat and the cognitive performance of adolescent immigrants: The role of cultural identity strength. *Contemporary Educational Psychology*, pp. 71-81.
- White, K. R. (1982). The Relation Between Socioeconomic Status and Academic Achievement. *Psychological Bulletin*, 91, 461- 481.
- Wout, D., Danso, H., Jackson, J., & Spencer, S. (2008). The many faces of stereotype threat: Group- and self-threat. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44, 792 – 799.
- Wout, D., Shih, M. J., Jackson, J. S., & Sellers, R. M. (2009). Targets as perceivers: How people determine when they will be negatively stereotyped. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96, 349 – 362.

APÊNDICE A

Termo De Consentimento Livre E Esclarecido (menores de idade)

A ameaça dos estereótipos em jovens na escolha profissional

Venho solicitar a vossa autorização para que o menor (a) _____ participe de forma voluntária no projeto de pesquisa acima citado. Os estereótipos são extremamente importantes para a compreensão da realidade social e para esta pesquisa, especificamente, os estereótipos são importantes para a explicação sobre a configuração do mundo do trabalho. De modo que o objetivo da pesquisa é avaliar se os estereótipos se constituem em fatores que influenciarão no momento da escolha profissional dos alunos das diferentes etnias que estão prestes a ingressar no ensino superior.

A pesquisa contará de aplicação de um questionário semiestruturado para todos os participantes, entretanto, as instruções do aplicador dividirão as análises em dois grupos, um controle e outro experimental. Esta pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador mestrando Israel Jairo Santos, sob orientação da prof. Dra. Dalila Xavier de França, orientadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe.

Como informações complementares, afirmo que para o menor sobre sua responsabilidade:

- a) A participação nesta pesquisa não oferece nenhum risco a saúde física e psicológica dos participantes, muito menos não oferece qualquer situação de desconforto. E de igual modo a participação nesta pesquisa não lhe oferece nenhum benefício ou pagamento, a participação totalmente voluntária, não contemplando nenhum tipo ou espécie de pagamento;
- b) A participação é livre e voluntária. A qualquer momento o menor, pode deixar de responder, interromper ou desistir do processo de aplicação do questionário, sem nenhum prejuízo, ou risco de penalidade;
- c) Você enquanto responsável pelo menor, tem plena liberdade de recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma;
- d) A qualquer momento você, ou o menor participante, sempre que julgar necessário, poderá consultar e ter acesso aos resultados da pesquisa, com o mestrando Israel Jairo Santos, responsável pelo estudo, através do telefone 79-88016488.
- e) Em nenhum momento da pesquisa o menor precisará se identificar. E vocês tem a garantia de que seus dados pessoais serão mantidos em absoluto sigilo em todas as fases da pesquisa.

Apenas os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi por mim assinado em duas vias, juntamente com o pesquisador. Sendo que uma delas entregue a mim e a outra permanecerá com o pesquisador responsável.

Diante dos esclarecimentos, Eu
portador do RG nº....., residente na
..... abaixo assinado
responsável legal pelo menor (a)
dou meu Consentimento Livre e Esclarecido para que ele(a) participe como voluntário do projeto de
pesquisa supracitado.

Aracaju, _____ de _____ 2018

Assinatura do Voluntário ou do Responsável Legal

.....

Israel Jairo Santos - Pesquisador Responsável pelo estudo

.....

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO I

- 1) Na sua opinião, o quanto cada uma das profissões listadas são consideradas importantes dentro da nossa sociedade? Indique a sua resposta conforme a tabela abaixo:

1 Sem importância	2 Não muito importante	3 Um pouco importante	4 Muito importante	5 Extremamente importante
-------------------------	------------------------------	-----------------------------	-----------------------	------------------------------

Ciências Agrárias					
1	Engenharia Agrícola	1	2	3	4 5
2	Eng. Agrônômica	1	2	3	4 5
3	Eng. de Alimentos	1	2	3	4 5
4	Engenharia de Pesca	1	2	3	4 5
5	Engenharia Florestal	1	2	3	4 5
6	Med. Veterinária	1	2	3	4 5
7	Zootecnia	1	2	3	4 5

Linguística, Letras e Artes					
1	Artes Visuais	1	2	3	4 5
2	Dança	1	2	3	4 5
3	Letras/Português	1	2	3	4 5
4	Letras/Inglês	1	2	3	4 5
5	Letras /espanhol	1	2	3	4 5
6	Música	1	2	3	4 5
7	Teatro	1	2	3	4 5

Ciências Biológicas e da Saúde					
1	Biologia	1	2	3	4 5
2	Ecologia	1	2	3	4 5
3	Edu. Física	1	2	3	4 5
4	Enfermagem	1	2	3	4 5
5	Farmácia	1	2	3	4 5
6	Fisioterapia	1	2	3	4 5
7	Fonoaudiologia	1	2	3	4 5
8	Medicina	1	2	3	4 5
9	Nutrição	1	2	3	4 5
10	Odontologia	1	2	3	4 5

Ciências Exatas e da Terra					
1	C. da Computação	1	2	3	4 5
2	Eng. Computação	1	2	3	4 5
3	Estatística	1	2	3	4 5
4	Física	1	2	3	4 5
5	Astronomia	1	2	3	4 5
6	Física Médica	1	2	3	4 5
7	Geologia	1	2	3	4 5
8	Matemática	1	2	3	4 5
9	Química	1	2	3	4 5
10	Sistemas da Informação	1	2	3	4 5

Ciências Humanas					
1	Arqueologia	1	2	3	4 5
2	Ciências da Religião	1	2	3	4 5
3	Ciências Sociais	1	2	3	4 5
4	Filosofia	1	2	3	4 5
5	Geografia	1	2	3	4 5
6	História	1	2	3	4 5
7	Pedagogia	1	2	3	4 5
8	Psicologia	1	2	3	4 5

Engenharias					
1	Engenharia Ambiental	1	2	3	4 5
2	Engenharia Civil	1	2	3	4 5
3	Engenharia de Petróleo	1	2	3	4 5
4	Engenharia de Produção	1	2	3	4 5
5	Engenharia Eletrônica	1	2	3	4 5
6	Engenharia Eletrotécnica	1	2	3	4 5
7	Engenharia Mecânica	1	2	3	4 5
8	Engenharia Química	1	2	3	4 5

Ciências Sociais Aplicada					
1	Administração	1	2	3	4 5
2	Arquitetura e Urbanismo	1	2	3	4 5
3	Biblioteconomia	1	2	3	4 5
4	Ciências Atuárias	1	2	3	4 5
5	Ciências Contábeis	1	2	3	4 5
6	Economia	1	2	3	4 5
7	Com. Social – audiovisual	1	2	3	4 5
8	Com. Social - Jornalismo	1	2	3	4 5

Ciências Sociais Aplicada II					
9	Com. Soc. – Pub./Propaganda	1	2	3	4 5
10	Design Gráfico	1	2	3	4 5
11	Direito	1	2	3	4 5
12	Museologia	1	2	3	4 5
13	Relações Internacionais	1	2	3	4 5
14	Secretariado Executivo	1	2	3	4 5
15	Serviço Social	1	2	3	4 5
16	Turismo	1	2	3	4 5

- 2) Imagine-se daqui a 20 anos, você já formado, exercendo uma profissão com a qual sonhou e escolheu para a sua vida. Imaginou? Agora responda: Qual seria essa profissão ou ocupação?

- 3) Avaliando a possibilidade de maiores rendimentos no desempenho das profissões abaixo, **assinale com um(X) as opções de profissões que você acha que são MAIS RENTÁVEIS em nossa sociedade:** Você pode marcar mais de uma opção:

Ciências Agrárias					
1	Engenharia Agrícola	1	2	3	4 5
2	Eng. Agrônômica	1	2	3	4 5
3	Eng. de Alimentos	1	2	3	4 5
4	Engenharia de Pesca	1	2	3	4 5
5	Engenharia Florestal	1	2	3	4 5
6	Med. Veterinária	1	2	3	4 5
7	Zootecnia	1	2	3	4 5

Linguística, Letras e Artes					
1	Artes Visuais	1	2	3	4 5
2	Dança	1	2	3	4 5
3	Letras/Português	1	2	3	4 5
4	Letras/Inglês	1	2	3	4 5
5	Letras /espanhol	1	2	3	4 5
6	Música	1	2	3	4 5
7	Teatro	1	2	3	4 5

Ciências Biológicas e da Saúde					
1	Biologia	1	2	3	4 5
2	Ecologia	1	2	3	4 5
3	Edu. Física	1	2	3	4 5
4	Enfermagem	1	2	3	4 5
5	Farmácia	1	2	3	4 5
6	Fisioterapia	1	2	3	4 5
7	Fonoaudiologia	1	2	3	4 5
8	Medicina	1	2	3	4 5
9	Nutrição	1	2	3	4 5
10	Odontologia	1	2	3	4 5

Ciências Exatas e da Terra					
1	C. da Computação	1	2	3	4 5
2	Eng. Computação	1	2	3	4 5
3	Estatística	1	2	3	4 5
4	Física	1	2	3	4 5
5	Astronomia	1	2	3	4 5
6	Física Médica	1	2	3	4 5
7	Geologia	1	2	3	4 5
8	Matemática	1	2	3	4 5
9	Química	1	2	3	4 5
10	Sistemas da Informação	1	2	3	4 5

Ciências Humanas					
1	Arqueologia	1	2	3	4 5
2	Ciências da Religião	1	2	3	4 5
3	Ciências Sociais	1	2	3	4 5
4	Filosofia	1	2	3	4 5
5	Geografia	1	2	3	4 5
6	História	1	2	3	4 5
7	Pedagogia	1	2	3	4 5
8	Psicologia	1	2	3	4 5

Engenharias					
1	Engenharia Ambiental	1	2	3	4 5
2	Engenharia Civil	1	2	3	4 5
3	Engenharia de Petróleo	1	2	3	4 5
4	Engenharia de Produção	1	2	3	4 5
5	Engenharia Eletrônica	1	2	3	4 5
6	Engenharia Eletrotécnica	1	2	3	4 5
7	Engenharia Mecânica	1	2	3	4 5
8	Engenharia Química	1	2	3	4 5

Ciências Sociais Aplicada					
1	Administração	1	2	3	4 5
2	Arquitetura e Urbanismo	1	2	3	4 5
3	Biblioteconomia	1	2	3	4 5
4	Ciências Atuárias	1	2	3	4 5
5	Ciências Contábeis	1	2	3	4 5
6	Economia	1	2	3	4 5
7	Com. Social – audiovisual	1	2	3	4 5
8	Com. Social - Jornalismo	1	2	3	4 5

Ciências Sociais Aplicada II					
9	Com. Soc. – Pub./Propaganda	1	2	3	4 5
10	Design Gráfico	1	2	3	4 5
11	Direito	1	2	3	4 5
12	Museologia	1	2	3	4 5
13	Relações Internacionais	1	2	3	4 5
14	Secretariado Executivo	1	2	3	4 5
15	Serviço Social	1	2	3	4 5
16	Turismo	1	2	3	4 5

- 4) Avaliando a possibilidade dos piores rendimentos no desempenho das profissões abaixo, **assinale com um(X) as opções de profissões que você acha que são MENOS RENTÁVEIS em nossa sociedade:** Você pode marcar mais de uma opção:

Ciências Agrárias

1	Engenharia Agrícola	1	2	3	4	5
2	Eng. Agrônômica	1	2	3	4	5
3	Eng. de Alimentos	1	2	3	4	5
4	Engenharia de Pesca	1	2	3	4	5
5	Engenharia Florestal	1	2	3	4	5
6	Med. Veterinária	1	2	3	4	5
7	Zootecnia	1	2	3	4	5

Ciências Biológicas e da Saúde

1	Biologia	1	2	3	4	5
2	Ecologia	1	2	3	4	5
3	Edu. Física	1	2	3	4	5
4	Enfermagem	1	2	3	4	5
5	Farmácia	1	2	3	4	5
6	Fisioterapia	1	2	3	4	5
7	Fonoaudiologia	1	2	3	4	5
8	Medicina	1	2	3	4	5
9	Nutrição	1	2	3	4	5
10	Odontologia	1	2	3	4	5

Ciências Humanas

1	Arqueologia	1	2	3	4	5
2	Ciências da Religião	1	2	3	4	5
3	Ciências Sociais	1	2	3	4	5
4	Filosofia	1	2	3	4	5
5	Geografia	1	2	3	4	5
6	História	1	2	3	4	5
7	Pedagogia	1	2	3	4	5
8	Psicologia	1	2	3	4	5

Ciências Sociais Aplicada

1	Administração	1	2	3	4	5
2	Arquitetura e Urbanismo	1	2	3	4	5
3	Biblioteconomia	1	2	3	4	5
4	Ciências Atuárias	1	2	3	4	5
5	Ciências Contábeis	1	2	3	4	5
6	Economia	1	2	3	4	5
7	Com. Social – audiovisual	1	2	3	4	5
8	Com. Social - Jornalismo	1	2	3	4	5

Ciências Sociais Aplicada II

9	Com. Soc. – Pub./Propaganda	1	2	3	4	5
10	Design Gráfico	1	2	3	4	5
11	Direito	1	2	3	4	5
12	Museologia	1	2	3	4	5
13	Relações Internacionais	1	2	3	4	5
14	Secretariado Executivo	1	2	3	4	5
15	Serviço Social	1	2	3	4	5
16	Turismo	1	2	3	4	5

Linguística, Letras e Artes

1	Artes Visuais	1	2	3	4	5
2	Dança	1	2	3	4	5
3	Letras/Português	1	2	3	4	5
4	Letras/Inglês	1	2	3	4	5
5	Letras /espanhol	1	2	3	4	5
6	Música	1	2	3	4	5
7	Teatro	1	2	3	4	5

Ciências Exatas e da Terra

1	C. da Computação	1	2	3	4	5
2	Eng. Computação	1	2	3	4	5
3	Estatística	1	2	3	4	5
4	Física	1	2	3	4	5
5	Astronomia	1	2	3	4	5
6	Física Médica	1	2	3	4	5
7	Geologia	1	2	3	4	5
8	Matemática	1	2	3	4	5
9	Química	1	2	3	4	5
10	Sistemas da Informação	1	2	3	4	5

Engenharias

1	Engenharia Ambiental	1	2	3	4	5
2	Engenharia Civil	1	2	3	4	5
3	Engenharia de Petróleo	1	2	3	4	5
4	Engenharia de Produção	1	2	3	4	5
5	Engenharia Eletrônica	1	2	3	4	5
6	Engenharia Eletrotécnica	1	2	3	4	5
7	Engenharia Mecânica	1	2	3	4	5
8	Engenharia Química	1	2	3	4	5

5º) Dentre as profissões já citadas escreva três das quais você imagina que poderiam lhe classificar como uma pessoa profissionalmente bem-sucedida:

1- _____

2- _____

3- _____

6º) Dentre as profissões já citadas, escreva três delas das quais você imagina que poderiam lhe classificar como uma pessoa profissionalmente malsucedida:

1- _____

2- _____

3 - _____

7º) Na sociedade atual quais grupos sociais ocupam profissões bem-sucedidas? Responda marcando X nas opções que correspondem a sua opinião. Pode marcar mais de uma opção.

Índios ()	Homens ()	Negros ()	Heterossexuais ()
Mulheres ()	Ciganos ()	Branços ()	Lgbt ()

8º) Na sociedade atual quais grupos sociais ocupam profissões malsucedidas? Responda marcando X nas opções que correspondem a sua opinião. Pode marcar mais de uma opção.

Índios ()	Homens ()	Negros ()	Heterossexuais ()
Mulheres ()	Ciganos ()	Branços ()	Lgbt ()

9º) Quanto aos aspectos de sua preparação acadêmica para a escolha de sua profissão *marque entre 1 e 5, sendo “1” sempre, “3”, as vezes e “5”, dificilmente.*

1	2	3	4	5
Sempre		As vezes		Dificilmente

1	Considero-me um aluno que sempre atinge um desempenho acadêmico acima da média de minha turma	1	2	3	4	5
2	Sempre espero resultados negativos das avaliações a que sou submetido	1	2	3	4	5
3	Posso obter boas notas mesmo nas disciplinas mais difíceis	1	2	3	4	5
4	Minha notas são sempre abaixo de minhas expectativas	1	2	3	4	5
5	Frequentemente tiro notas baixas	1	2	3	4	5
6	Meus resultados nos simulados do Enem são satisfatórios	1	2	3	4	5
7	Se a nota dos meus simulados do Enem pudesse ser usada, eu ingressaria no ensino superior	1	2	3	4	5
8	As pessoas me julgam um aluno incapaz de um desempenho acadêmico acima da média de minha turma	1	2	3	4	5

10) Com base na sua percepção da sociedade, assinale um “X” na opção que represente a maior quantidade de profissionais segundo a sua cor de pele.

Ciências Agrárias		Branco	Pardo	Negro	Não sei responder
1	Engenharia Agrícola				
2	Eng. Agrônômica				
3	Eng. de Alimentos				
4	Engenharia de Pesca				
5	Engenharia Florestal				
6	Med. Veterinária				
7	Zootecnia				
Linguística, letras e artes		Branco	Pardo	Negro	Não sei responder
1	Artes Visuais				
2	Dança				
3	Letras/Português				
4	Letras/Inglês				
5	Letras/Espanhol				
6	Música				
7	Teatro				

Ciências Humanas		Branco	Pardo	Negro	Não sei responder
1	Arqueologia				
2	Ciências da Religião				
3	Ciências Sociais				
4	Filosofia				
5	Geografia				
6	História				
7	Pedagogia				
8	Psicologia				

Engenharias		Branco	Pardo	Negro	Não sei responder
1	Engenharia Ambiental				
2	Engenharia Civil				
3	Engenharia de Petróleo				
4	Engenharia de Produção				
5	Engenharia Eletrônica				
6	Engenharia Eletrotécnica				
7	Engenharia Mecânica				
8	Engenharia Química				

Ciências Biológicas e da Saúde		Branco	Pardo	Negro	Não sei responder
1	Biologia				
2	Ecologia				
3	Edu. Física				

4	Enfermagem				
5	Farmácia				
6	Fisioterapia				
7	Fonoaudiologia				
8	Medicina				
9	Nutrição				
10	Odontologia				

Ciências Exatas e da Terra		Branco	Pardo	Negro	Não sei responder
1	C. da Computação				
2	Eng. Computação				
3	Estatística				
4	Física				
5	Astronomia				
6	Física Médica				
7	Geologia				
8	Matemática				
9	Química				
10	Sistemas da Informação				

Ciências Sociais Aplicada		Branco	Pardo	Negro	Não sei responder
1	Administração				
2	Arquitetura e Urbanismo				
3	Biblioteconomia				
4	Ciências Atuárias				
5	Ciências Contábeis				
6	Economia				
7	Com. Social – audiovisual				
8	Com. Social - Jornalismo				

Ciências Sociais Aplicada		Branco	Pardo	Negro	Não sei responder
Com. Soc. – Pub./Propaganda					
Design Gráfico					
Direito					
Museologia					
Relações Internacionais					
Secretariado Executivo					
Serviço Social					
Turismo					

Gostaríamos de fazer algumas perguntas que permitam melhor categorizar o perfil sócio demográfico das pessoas que participaram desta pesquisa. Por favor, responda as questões abaixo marcando um “X” a resposta que se aplica a você.

11º) Idade: _____

12º) Gênero: Masc () Fem ()

13º) Série: 1º () 2º () 3º ()

14º) A qual grupo religioso você professa sua fé?

() () () () ()
Católica Evangélica Espírita Afro brasileira Outros

15º) Quanto ao seu desempenho acadêmico, qual a sua Média Geral?

_____.

16º) Já reprovou alguma vez enquanto matriculado no Ensino Médio?

() () ()
Nunca reprovei Somente 1 vez 2 vezes

17º) Cor de pele:

1 () Branca	2 ()	3 ()	4 ()	5 ()	6 ()	7 () Negra
-----------------	-------	-------	-------	-------	-------	----------------

18º) Escolaridade e profissão do pai:

Fundamental Médio Superior Pós-Graduação
() () () ()

Profissão: _____

19º) Escolaridade e profissão da mãe:

Fundamental Médio Superior Pós-Graduação
() () () ()

Profissão: _____

20º) Sua criação ocorreu em: Área rural () Área urbana ()

21º) Renda da Família:

Entre 1 e 2 salários () Entre 3 e 4 salários ()
Entre 4 e 5 salários () Acima de 5 salários ()

APÊNDICE C

Você responderá algumas perguntas sobre a escolha de uma profissão.

1) Se tivesse que escolher hoje uma profissão ou curso, qual seria?

Qual o grau de certeza que você tem com relação a essa escolha? (Marque entre 1 e 10, sendo “1” nenhuma certeza, “5”, mais ou menos e “10”, total certeza)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

2) Quanto aos aspectos listados abaixo, indique o quanto eles influenciam a escolha da sua profissão. (Marque entre 1 e 5, sendo “1” pouco, “3”, mais ou menos e “5”, muito)

1	Opinião dos pais e familiares sobre essa profissão	1	2	3	4	5
2	Opinião dos amigos e conhecidos sobre essa profissão	1	2	3	4	5
3	Suporte emocional dos familiares para escolher a profissão	1	2	3	4	5
4	Suporte financeiro dos familiares para escolher a profissão	1	2	3	4	5
5	Necessidade de ajudar financeiramente minha família com o meu trabalho	1	2	3	4	5
6	Preciso conseguir emprego rapidamente para ser financeiramente independente	1	2	3	4	5
7	Acho que terei reconhecimento da sociedade pelo trabalho	1	2	3	4	5
8	Acho que essa profissão trará status ou prestígio para mim	1	2	3	4	5
9	Acho que serei valorizado pela família por atuar nessa profissão	1	2	3	4	5
10	Acho que terei um bom salário com essa profissão	1	2	3	4	5
11	Acho que conseguirei comprar as coisas que quero trabalhando nessa profissão	1	2	3	4	5
12	Acho que terei condições de sustentar minha família	1	2	3	4	5
13	Acho que irei desenvolver minhas habilidades com essa profissão	1	2	3	4	5
14	Acho que serei feliz com essa profissão	1	2	3	4	5
15	Acho que ficarei satisfeito ao entrar nessa profissão	1	2	3	4	5
16	Acho que sou capaz de me sair bem nesta profissão	1	2	3	4	5
17	Acho que essa profissão mudará minha condição social	1	2	3	4	5
18	Acho que serei mais valorizado na sociedade com esta profissão	1	2	3	4	5
19	Acho que pessoas iguais a mim se saem bem nesta profissão	1	2	3	4	5
20	Acho que pessoas diferentes de mim se saem bem nesta profissão	1	2	3	4	5

3) Assinale a afirmativa a qual raça/etnia que você pertence.

Branca ()	Indígena ()	Negra ()	Parda ()
-----------------	-------------------	----------------	----------------

4) Analise as assertivas abaixo quanto a sua raça /etnia marcando um X entre as opções de 1 a 5, sendo “1” pouco, “3”, mais ou menos e “5”, muito).

1	Estou contente em pertencer a minha raça/etnia	1	2	3	4	5
2	A minha cor de pele é uma parte importante para descrever quem eu sou.	1	2	3	4	5
3	Em minha vida diária, frequentemente eu penso o quanto é bom pertencer a minha raça/etnia	1	2	3	4	5
4	Em um grupo de pessoas que tem a mesma cor de pele que a minha , sinto-me muito bem.	1	2	3	4	5
5	Eu encontro dificuldade de formar vínculos com pessoas da mesma cor de pele que a minha.	1	2	3	4	5
6	Eu tenho orgulho em pertencer a minha raça/etnia.	2	3	4	5	
7	Eu gosto de minha raça/etnia.	1	2	3	4	5
8	A minha raça/etnia é importante para mim.	1	2	3	4	5
9	A minha cor de pele é determinante de quem eu sou.	1	2	3	4	5
10	Às vezes tenho sentimentos ruins com relação a minha raça/etnia.	1	2	3	4	5
12	Às vezes fico insatisfeito com a minha cor de pele	1	2	3	4	5
13	A cor de minha pele é uma parte importante para estabelecer o entendimento de como as pessoas me veem.	1	2	3	4	5
14	Geralmente, penso e tenho ideias diferentes dos outros de minha raça/etnia.	1	2	3	4	5

Gostaríamos de fazer algumas perguntas que permitam melhor categorizar o perfil sócio demográfico das pessoas que participaram desta pesquisa. Por favor, responda as questões abaixo marcando um “X” a resposta que se aplica a você.

5º) Idade: _____

6º) Gênero: Masc () Fem ()

7º) Série: 1º() 2º() 3º()

8º) A qual grupo religioso você professa sua fé?

()	()	()	()	()
Católica	Evangélica	Espírita	Afro brasileira	Outros

9º) Quanto ao seu desempenho acadêmico, qual a sua Média Geral?

_____.

10º) Já reprovou alguma vez enquanto matriculado no Ensino Médio?

()	()	()
Nunca reprovei	Somente 1 vez	2 vezes

11º) Cor de pele:

1 ()	2 ()	3 ()	4 ()	5 ()	6 ()	7 ()
Branca						Negra

12º) Escolaridade e profissão do pai:

Fundamental	Médio	Superior	Pós-Graduação
()	()	()	()

Profissão: _____

13º) Escolaridade e profissão da mãe:

Fundamental	Médio	Superior	Pós-Graduação
()	()	()	()

Profissão: _____

14º) Sua criação ocorreu em: Área rural () Área urbana ()

15º) Renda da Família:

Entre 1 e 2 salários ()	Entre 3 e 4 salários ()
Entre 4 e 5 salários ()	Acima de 5 salários ()

APÊNDICE D

Texto da condição de ameaça

O mundo do trabalho brasileiro

Dada a construção social e histórica do nosso país, não há como discordar de que ele seja um país plural, construído a partir das etnias branca, negra e indígena. Entretanto, mesmo o Brasil sendo colorido, não se consegue enxergar a cor preta. Esta realidade está presente também na história do trabalho desta nação e ajuda a entender o mundo do trabalho na atualidade.

Os dados apontam que existe uma baixa representatividade de negros em profissões e em cargos que tenham altos rendimentos financeiros e status social. Sendo estes cargos ocupados por bancos. E os negros desempenham profissões em que não exijam muita qualificação e consequentemente, menores rendimentos.

A pesquisa do Instituto Ethos em 2016 apresentou em números a realidade visível de que os negros geralmente, não ocupam profissões de prestígio social, onde apenas 6,3% de pessoas negras ocupam cargos de gerência nas organizações, e este percentual cai para 4,7% ao se tratar de cargos executivos. Entretanto, os valores se invertem para 57% quando se trata de cargos em que não exijam muita responsabilidade e qualificação, como aprendizes e *trainees*.

Corroborando com a mesma perspectiva, os resultados da pesquisa da Folha de São Paulo, comprovou o que já era percebido de que não há relevante representatividade negra entre as ocupações de alto status social na área da saúde, como por exemplo na classe médica, e a inexistência de negros nos Conselhos Federais de Medicina no Brasil, entretanto, há uma forte presença de bancos. Fato que se repete no judiciário, e até nas artes quando elas possuem reconhecimento social, como na música erudita e os atores nas novelas. A pesquisa revela uma presença maciça de negros apenas nas áreas de atividade agrícola, na construção civil, em ocupações como porteiro, motorista, ou profissões bases das áreas técnicas como enfermagem, elétrica/eletrônica, nas licenciaturas, e profissões de baixa exigência de escolaridade.